

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC/SP

Giulia Catarina Florenzano

LIMA BARRETO, DRUMMOND E PLÍNIO MARCOS

Crônicas, futebol e identidade nacional

MESTRADO EM LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA

São Paulo

2019

Giulia Catarina Florenzano

LIMA BARRETO, DRUMMOND E PLÍNIO MARCOS

Crônicas, futebol e identidade nacional

MESTRADO EM LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, como exigência para a obtenção do título de Mestre em Literatura e Crítica Literária, sob a orientação da Professora Doutora Maria Aparecida Junqueira.

São Paulo

2019

BANCA EXAMINADORA

À memória de todos os meninos que faleceram na tragédia do Ninho do Urubu. Hoje, vocês são a razão pela qual o futebol respira nesse país.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação São Paulo (FUNDASP)

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, José Paulo Florenzano, pelo apoio, carinho, confiança e por despertar em mim o interesse pela pesquisa e o poder do questionamento.

À minha orientadora, Maria Aparecida Junqueira, que me inspirou a seguir pelo caminho fascinante da literatura e redescobrir, por meio de um novo olhar, as crônicas de Lima Barreto, Carlos Drummond de Andrade e Plínio Marcos.

Ao professor Elcio Loureiro Cornelsen, pelo interesse, pela confiança e, principalmente, pela atenção que me concedeu em cada observação e sugestão que auxiliaram no desenvolvimento de meu projeto.

À professora Annita Costa Malufe, por aceitar participar da banca de qualificação e se envolver na temática futebolística. Às professoras Vera Bastazin, Leila Cristina de Melo Darin e Diana Navas pelo carinho e atenção que tiveram comigo durante as disciplinas cursadas ao longo do mestrado.

À toda minha família, especialmente à minha mãe, Margarete Braz da Silva Forenzano, à minha tia, Teresa Gallotti Florenzano, e ao meu tio, Modesto Florenzano, pelo carinho, incentivo, apoio e pelas conversas que me inspiravam ao longo da escrita desta dissertação.

Aos colegas que fiz ao longo do mestrado, Paloma, Giuliana, Filipe, Evandro, Fernanda Braite e Marta, pela convivência, troca de ideias e amizade construída ao longo desses dois anos.

Às minhas grandes amigas, Ariane, Ester, Luciane e Beatriz pelo carinho e, principalmente, pela paciência durante todos os momentos de minha ausência e distância.

FLORENZANO, Giulia Catarina. Lima Barreto, Drummond e Plínio Marcos: crônicas, futebol e identidade nacional. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. SP, Brasil, 2019, 164p.

RESUMO

Esta dissertação trata da análise da construção da identidade nacional brasileira atrelada ao futebol por meio de crônicas de Lima Barreto (1881-1922), Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) e Plínio Marcos (1935-1999). Entre seus objetivos, propõe: refletir sobre a ironia no processo de construção da identidade brasileira, assim como outros recursos de linguagem que também contribuem para a estruturação dessa identidade, além de apreender pontos de tensão e de harmonia no desenvolvimento da identidade nacional atrelada ao futebol. Para atingir tais objetivos, orienta-se pela seguinte problematização: como a ironia revela faces da identidade nacional nas crônicas futebolísticas de Lima Barreto, Drummond e Plínio Marcos? Como a identidade brasileira, inscrita nas crônicas, implica relações sociais entre futebol, arte e crítica? Sustentamos a proposição de que os recursos de linguagem, como o sarcasmo, o grotesco, a hipérbole, a antítese, o coloquialismo, e, principalmente, a ironia, além das configurações artísticas do malandro, da ginga e da dança, inscrevem-se nas crônicas, compondo relações entre literatura, sociedade e futebol. E, ainda, que as crônicas futebolísticas selecionadas revelam desigualdades da democracia brasileira, marcando a identidade nacional. A fundamentação teórica baseia-se nas reflexões de Roberto DaMatta (1982), Gilberto Freyre (1945), Jorge de Sá (1985), André Mendes Capraro (2007), Ítalo Calvino (1990), Lélia Parreira Duarte (2006), Elcio Loureiro Cornelsen (2006), Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2000), Cláudia Mattos (1997), Paulo Henrique do Nascimento (2008), Mario Filho (2003) Gilberto Agostino (2002) e José Paulo Florenzano (2009). Entre outras considerações, esta pesquisa evidencia que a ironia, no contexto das crônicas futebolísticas estudadas, além de denunciar as relações sócio-político-culturais, oferece outra compreensão dessas mesmas relações, visto que é fundamentada em jogo crítico-criativo, indispensável para se driblar limitações e determinismos.

Palavras-chave: Lima Barreto; Drummond; Plínio Marcos; Crônica; Futebol; Identidade.

FLORENZANO, Giulia Catarina. Lima Barreto, Drummond and Plínio Marcos: chronicles, football and national identity. Master's Dissertation. Post-Graduate Program of Literature and Literary Criticism. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. SP, Brazil, 2019, 164p.

ABSTRACT

This dissertation proposes an analysis on the construction of the Brazilian national identity linked to football through the chronicles of Lima Barreto (1881-1922), Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) and Plínio Marcos (1935-1999). Among its objectives: the reflection on the irony and other language resources in the process of the Brazilian identity construction, in addition to apprehend points of tension and harmony in the development of the national identity linked to football. In order to achieve these objectives, the dissertation is guided by the following problematization: how does irony reveal faces of the national identity in the football chronicles of Lima Barreto, Drummond and Plínio Marcos? How does the Brazilian identity inscribed in the chronicles imply social relations between football, art and criticism? We sustain the proposition that language resources, such as sarcasm, grotesque, hyperbole, antithesis, colloquialism and, specially, irony, and the artistic configurations of the trickster, *ginga* and dance, inscribe in the chronicles, forming relations between literature, society and football. Besides that, the football chronicles reveal inequalities in the Brazilian democracy, marking the national identity. Theoretical foundation is based on the reflections of Roberto DaMatta (1982), Gilberto Freyre (1945), Jorge de Sá (1985), André Mendes Capraro (2007), Ítalo Calvino (1990), Lélia Parreira Duarte (2006), Elcio Loureiro Cornelsen (2006), Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2000), Cláudia Mattos (1997), Paulo Henrique do Nascimento (2008), Mario Filho (2003) Gilberto Agostino (2002) and José Paulo Florenzano (2009). Among other considerations, this research reveals that irony, in the context of these football chronicles, besides denouncing socio-political-cultural relations, offers another understanding to these same relations, since it is based on a critical-creative set, indispensable to overcome limitations and determinisms.

Keywords: Lima Barreto; Drummond; Plínio Marcos; Chronicle; Football; Identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1:** Revista *O Malho*, 1913. Pic-nic realizado no dia 5 de dezembro na Ilha do Engenho por sócios pertencentes à alta sociedade carioca do clube de natação do Vasco da Gama. Fonte: torcidasdovasco.blogspot.com..... 21
- Figura 2:** Time do Fluminense de 1908. O cabelo e barba bem aparados, junto com o refinamento do tecido da roupa e a postura dos jogadores no momento em que a foto foi tirada são traços que refletem o caráter refinado proporcionado pela atividade esportiva. Fonte: Revista *Fon-Fon*..... 34
- Figura 3:** Torcedoras acompanham um jogo de futebol disputado em São Paulo, no ano de 1921. Fonte: Arquivo *O Globo*..... 40
- Figura 4:** A charge ilustra a satirização dos atletas da seleção e dos cidadãos da sociedade brasileira. Fonte: trivela.com.br..... 56
- Figura 5:** Seleção campeã da Copa do Mundo de 1958, disputada na Suécia. Fonte: cbf.com.br..... 67
- Figura 6:** A cor preta se completa com o branco, entretecendo as partes do corpo do jogador e gravando o instante em que Pelé dominava a bola. Fonte: PIGNATARI, Décio. *Informação, linguagem, comunicação*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008..... 83
- Figura 7:** Pelé comemorando gol na Copa de 1958. Fonte: terra.com.br..... 90
- Figura 8:** Garrincha aplicando um de seus dribles desconcertantes no adversário. Fonte: lance.com.br..... 94
- Figura 9:** Seleção brasileira na final da Copa de 1970. Fonte: gq.globo.com..... 112
- Figura 10:** Ônibus transporta um contingente de corintianos rumo à cidade maravilhosa. Fonte: noticiasominuto.com.br.....125
- Figura 11:** Torcida do Corinthians lota o Maracanã em disputa contra o Fluminense, pelas semifinais do Campeonato Brasileiro de 1976. Fonte: globoesporte.globo.com.....132

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1: O PONTAPÉ INICIAL DA DIFUSÃO DO FUTEBOL, A VISÃO DE LIMA BARRETO.....	19
1.1.Futebol e literatura: início de um diálogo.....	19
1.2. Ironia: pensamento e irreverência	22
1.2.1. Ironia retórica	22
1.2.2. Ironia humoresque.....	24
1.2.3. Coloquialismo	26
1.3. A difusão do futebol no Brasil	27
1.3.1.O futebol na <i>Belle Époque</i> brasileira.....	29
1.3.2.Lima Barreto e Coelho Neto	32
1.4. Higiene e esporte: o fino e o grosso	35
1.5. Aproximação entre camadas sociais	42
1.5.1.Torcida: nasce uma rivalidade regional	44
1.6. Tensão racial	50
CAPÍTULO 2: OS TEMPOS DE OURO DO FUTEBOL, O OLHAR DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE.....	60
2.1. Eis que nasce uma paixão nacional.....	60
2.1.1.Entre o céu e o inferno: 1938 e 1950	63
2.2. O êxtase de 1958	66
2.2.1. Lima Barreto e Drummond: um diálogo atemporal	70
2.3. O Rei e o Mané: futebol irreverente	77
2.3.1. O malandro futebolístico.....	78
2.3.2. As palavras e o jogo.....	83
2.3.3. A beleza do grotesco.....	90
CAPÍTULO 3: A RECONSTRUÇÃO DE UMA NARRATIVA, PLÍNIO MARCOS E O FUTEBOL NOS ANOS DE CHUMBO	96
3.1. A literatura marginal e a imprensa alternativa.....	96
3.2. A militarização do futebol	100
3.2.1. Mumunhas matam o futebol: a indolência dos cartolas	103
3.3. As narrativas do tricampeonato	108

3.3.1. Plínio Marcos e Nelson Rodrigues: a inversão de valores.....	111
3.3.2. O atleta e o escritor	115
3.4. A invasão corintiana: uma ressignificação social.....	123
3.4.1. A subversão da ordem e a retomada das ruas: a invasão driblando o regime	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
REFERÊNCIAS	138
ANEXOS	144
Sobre o <i>football</i>	144
Uma conferência esportiva	147
Bendito <i>football</i>	152
Enquanto os mineiros jogavam	155
Celebremos	156
Situações.....	158
Um corintiano foi falar com Deus: Olegário morreu suspirando por Baltazar	159
Meia volta, volver.....	161
Alguém esperava esporte limpo?	163

INTRODUÇÃO

É inquestionável a importância do futebol para se apreender a construção da identidade brasileira, que se faz por via de mão dupla: por aqueles que observam de fora a sociedade e por aqueles que a formam. Essa visão ratifica-se na literatura e na crítica literária nacionais, que possuem número escasso de pesquisa sobre a relação entre futebol e literatura. Apesar disso, autores da literatura brasileira foram inspirados, por diversos motivos e em diferentes épocas, a escrever sobre esse esporte.

A maior quantidade de estudos, empenhada em promover a discussão entre os dois campos, concentra-se em áreas que lhes dedicam um olhar majoritariamente político-social. Antonio Candido (2006) e Edward Said (1995), todavia, refletem sobre a necessidade de se ter um cuidado maior em relação aos aspectos intrínsecos das obras, já que participam da construção artística, embora destaquem que os aspectos extrínsecos são fundamentais para que possamos compreender a crítica e as representações sociais envolvidas. Os apontamentos ressaltados por Candido e Said nos auxiliam a encontrar um modo de unir os dois campos de análise neste trabalho – a literatura e o futebol, o dentro e o fora.

Se, por um lado, o futebol mostra sua importância em constituir-se papel crucial na construção da identidade brasileira, por outro, as obras literárias expõem-se relevantes ao tratarem das características dessa sociedade. O gênero literário que mais permitiu o vínculo entre futebol e literatura derivou dos folhetins e afirmou-se com a fundação dos periódicos de ampla circulação: a crônica. Desenvolvendo-se como uma mescla entre literatura e jornalismo, a crônica discorria sobre temáticas cotidianas. No início das práticas futebolísticas no Brasil, as notícias sobre futebol eram inseridas nas colunas sociais dos jornais. Fátima Martin Rodrigues Ferreira Antunes (2004) corrobora essa afirmação ao ressaltar que a crônica destaca-se, nesse meio, como o gênero literário que originou o vínculo entre futebol e literatura.

Durante muitos anos, o jornal cumpria o papel de informar e, conseqüentemente, de formar a opinião pública. Desde o final do século XIX, escritores e intelectuais brasileiros refletiam sobre a importância e repercussão social desse esporte. Cronistas que se dedicaram a escrever sobre a temática futebolística, atentaram para o impacto social do aludido esporte que, cada vez mais, tornava-se espaço de sociabilidade e meio mobilizador de pessoas e massas populares. Qual teria sido o papel desses escritores

diante do futebol que, gradativamente, propagava-se pelo país de modo a tornar-se um dos símbolos da identidade nacional?

A união entre crônica e futebol culminou, ao longo dos anos, em um denso espaço de debate sobre questões que envolvem futebol e sociedade. Desse debate, destacam-se três momentos cruciais em que prevalecem visões estereotipadas e pré-concebidas: a idealização civilizatória pautada na cultura europeia, predominante nas duas primeiras décadas do século XX; a discussão sobre a democracia racial, o projeto de nacionalização vanguardista e o desenrolar de uma identidade futebolística, pautada na ginga e na malandragem, entre as décadas de 1930 e 1970; e as correntes ideológicas construídas acerca da relação estabelecida entre futebol e regime militar, na década de 1970. Essas décadas tornaram-se paradigmáticas não só para o futebol, mas também para a sociedade brasileira, pois esculpiram marcas na identidade nacional, evidenciando tensões e atritos na ordem social.

Lima Barreto (1881-1922), Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) e Plínio Marcos (1935-1999) são exemplos de autores que foram cativados a escrever sobre o futebol. O escritor carioca testemunhou os primeiros passos de uma jovem república e, conseqüentemente, o início da difusão do esporte no país. Drummond fez parte de uma geração que experimentou o auge do futebol, representado pela primeira conquista da seleção brasileira na Copa de 1958. Plínio Marcos vivenciou os anos de chumbo, criticando a relação que se desenvolvia entre futebol e regime militar. Os três autores dedicaram-se, em suas crônicas futebolísticas, a reflexões que iluminassem diferentes faces da história do futebol, transformando a majoritária visão superficial criada acerca desse esporte e interpretando, por meio de novas perspectivas, a sociedade brasileira.

Lima Barreto vivenciou um dos períodos de maior instabilidade, tanto do ponto de vista do Estado quanto das configurações futebolísticas. Destacou-se por meio de crônicas publicadas em revistas e jornais na década de 1910 e 1920, que evidenciaram severas críticas à sociedade carioca. Além disso, ateu-se aos primeiros contornos das partidas futebolísticas. Na crônica intitulada *Bendito football*, escrita em 1921, o autor faz alusão ao início dos preparativos para o Campeonato Sul-americano, que aconteceria na Argentina. Apenas jovens brancos e de aparência elegante foram selecionados para a disputa da competição. Por meio de uma construção irônica e sarcástica, expõe sua aversão ao caráter segregacionista que o esporte carregava no cerne da prática burguesa.

Como Lima Barreto, Carlos Drummond de Andrade utiliza a ironia como uma de suas principais armas, estabelecendo um olhar lúcido sobre a realidade. Apesar de vivenciar o momento auge da paixão nacional pelo futebol, propagada pela primeira conquista da seleção brasileira na Copa de 1958, Drummond nunca deixou de lado o cunho crítico-social. Essa característica ele também imprime ao contexto futebolístico, ao explicitar que, afora a vitória do selecionado brasileiro, grande parte dos problemas sociais permanecia sem resolução. Essa questão é retratada na crônica *Celebremos*, publicada em 1958, na qual o autor revela, por meio de recursos irônicos, que, se, por um lado, tentava-se utilizar a seleção para a propagação de um sentimento nacionalista exacerbado, por outro, procurava-se usá-la para camuflar uma desconfiança e subestimação em relação ao próprio povo brasileiro.

Plínio Marcos, assim como Lima Barreto e Drummond, também se destacou por meio de denúncia e protesto contra as formas de organização social. Ao longo da ditadura militar, o escritor e dramaturgo abordava temas reprimidos pela censura, como a marginalização e prostituição presentes em duas de suas principais obras teatrais: *Navalha na Carne* (1969) e *Dois perdidos numa Noite Suja* (1970). O escritor sempre se interessou por futebol e chegou a jogar como atleta na Portuguesa Santista e no Jabaquara, ambos da cidade de Santos. No entanto, foi nas colunas jornalísticas que atingiu maior destaque. O cronista ressalta a relação entre a opressão do regime e o cenário futebolístico na crônica *Um corintiano foi falar com Deus: Olegário morreu suspirando por Baltazar*, escrita em 1976. Narra, por meio de recursos irônicos, a história de um velho senhor, torcedor fanático do Corinthians. Nela, a personagem contraria todo o discurso racional de sua família e decide participar, ao fim de sua vida, de um evento que se eternizaria como a invasão corintiana no estádio do Maracanã.

Para que possamos analisar, ao longo do trabalho, as crônicas de Lima Barreto, Carlos Drummond de Andrade e Plínio Marcos acerca da relação entre futebol e sociedade, valemo-nos das reflexões propostas por Roberto DaMatta (1982), que interpreta o futebol como um ritual dramático, sob o qual a sociedade se deixa perceber e ler. DaMatta (1997, p. 83) também interpreta a sociedade brasileira por meio de rituais. Em foco, os rituais são evidenciados saindo da esfera da normalidade: “no mundo ritual, as coisas são ditas com mais veemência, com maior coerência e com maior consciência. Os rituais seriam instrumentos que permitem maior clareza às mensagens sociais”. DaMatta (1982) acrescenta ainda que a ideia da dramatização é essencial, pois o traço

distintivo do dramatizar é chamar a atenção para relações, valores ou ideologias de um povo. O futebol é, assim, um ritual dramático, dentre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala dela mesma, apresenta-se, revela-se e descobre-se.

É possível perceber que, apesar de vivenciarem momentos distintos da história, Lima Barreto, Carlos Drummond de Andrade e Plínio Marcos nunca deixaram de olhar de modo crítico-poético a relação que se estabelece entre o futebol e a sociedade brasileira. Por meio de sensações particulares e construções artísticas distintas, os autores propiciam um leque de interpretações e discussões acerca da construção da identidade nacional atrelada ao futebol. Em suas crônicas, é possível perceber a presença de um elemento em comum: a ironia. São destacadas diferentes formas de construção irônica, ora através do ponto de vista defendido pelo cronista por meio do fingimento e da construção de um sentido oposto ao que se expressa no enunciado, ora por meio da ambiguidade, da impossibilidade de se estabelecer um sentido claro.

Levando em consideração as diferentes formas de construção irônica, formulam-se as seguintes questões: como a ironia revela faces da identidade nacional nas crônicas futebolísticas de Lima Barreto, Drummond e Plínio Marcos? Como a identidade brasileira, inscrita nas crônicas, implica relações sociais entre futebol, arte e crítica?

Esta pesquisa se detém no estudo das crônicas futebolísticas dos três autores, enfatizando a ironia no processo de construção da identidade nacional atrelada ao futebol. O trabalho também se propõe a refletir sobre as configurações da identidade brasileira por meio de outros recursos de linguagem que ganham destaque, como o sarcasmo, a hipérbole, a antítese, a aliteração, o coloquialismo; busca, ainda, apreender pontos de tensão e harmonia no desenvolvimento da identidade nacional vinculada ao futebol.

A dissertação tem como *corpus* o estudo das crônicas *Sobre o football* (1918), *Uma Conferência Esportiva* (1921) e *Bendito football* (1921), de Lima Barreto; *Enquanto os mineiros jogavam* (1931), *Letras louvando Pelé* (1971), *Na Estrada* (1981) e *Celebremos* (1958), de Drummond; *Um corintiano foi falar com Deus: Olegário morreu suspirando por Baltazar* (1976), *Meia volta, volver* (1978) e *Alguém esperava esporte limpo?* (1979), de Plínio Marcos.

Sustentamos a proposição de que os recursos de linguagem, como o sarcasmo, o grotesco, a hipérbole, a antítese, a aliteração, o coloquialismo, e, principalmente, a ironia, além das configurações artísticas do malandro, da ginga e da dança, inscrevem-se nas crônicas, estruturando as relações entre literatura, sociedade e futebol. Sustenta-se ainda a ideia de que as crônicas futebolísticas selecionadas revelam desigualdades da democracia brasileira, marcando a identidade nacional.

Gilberto Freyre (1945) e Roberto DaMatta (1982) fundamentam nosso estudo acerca do conceito de identidade nacional. Valemo-nos do conceito de miscigenação étnica e cultural de Freyre e da visão de DaMatta, em que o futebol constrói-se como um ritual dramático, sob o qual a sociedade se deixa perceber e ler. Para a compreensão das características fundamentais da crônica, apoiamo-nos nas reflexões de Jorge de Sá (1985) e nos estudos de André Mendes Capraro (2007). Para a análise de recursos de linguagem empregados pelos cronistas, são fundamentais as reflexões de Ítalo Calvino (1990) e Lélia Parreira Duarte (2006). Também se destaca o artigo de Elcio Loureiro Cornelsen (2006), que reflete sobre a linguagem do futebol discutida por Pasolini, ilustrada, principalmente, em dois gêneros literários: “Futebol de Prosa” e “Futebol de Poesia”. Por fim, para a análise e compreensão do contexto social de Lima Barreto, Carlos Drummond de Andrade e Plínio Marcos, a pesquisa apoia-se nas reflexões de Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2000), Cláudia Mattos (1997), Paulo Henrique do Nascimento (2008), Mario Filho (2003) Gilberto Agostino (2002) e José Paulo Florenzano (2009).

Destacam-se, ainda, pesquisas que nos auxiliaram, nesta dissertação, em torno de Lima Barreto. Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2000) e Luiz Henrique de Toledo (1996) desenvolveram trabalhos sobre o ponto de vista de Lima Barreto acerca do futebol. Lilia Schwarz (2017) e Beatriz Resende (2017) expõem os principais problemas sociais e a conjuntura da sociedade que o autor vivenciou. Nelson Rodrigues Filho (1995) ressalta a forma que o cronista dedicou-se a expor as adversidades da sociedade carioca. Mauro Rosso (2010) reflete sobre a relação conflituosa entre Lima Barreto e Coelho Neto, o que implicou no modo como os autores se relacionavam com a conjuntura literária da época. Essas obras contribuíram para a nossa compreensão do contexto das crônicas barretianas, tecendo um ponto de partida para a reflexão acerca dos principais campos de nossa pesquisa: literatura, futebol e sociedade.

Em relação a Drummond, chamamos a atenção para a dissertação de Marcelo Rodrigues de Melo Palmeira (2015), *Quando é dia de futebol: os dribles poéticos de Carlos Drummond de Andrade*, e para a de Mayra Moreyra Carvalho (2006), *Além das linhas do campo e dos versos do poema: investigações sobre o futebol-arte*. Os pesquisadores selecionam e analisam algumas crônicas de Drummond com o intuito de investigar a fusão entre o estilo do autor e sua forma de enxergar as relações entre futebol e sociedade. Esses estudos também foram ponto de partida para a nossa reflexão acerca dos recursos de linguagem empregados por Drummond, assim como para analisar a construção dos atletas que nelas estão representados, como Pelé e Garrincha.

Para a discussão acerca de Plínio Marcos, não foram encontrados estudos que se dedicassem à análise de suas crônicas futebolísticas. No entanto, há artigos, livros e bibliografias que analisam algumas de suas principais obras temáticas e que nos auxiliaram na reflexão sobre a ditadura militar. Dentre eles, destacam-se o artigo de Wagner Corsino Enedino e Ricardo Magalhães Bulhões (2014), *O abajur lilás, de Plínio Marcos: uma escrita da escória contra a ditadura*, e a dissertação de Marcus Vinicius Garcia Triveloni (2007), *Plínio Marcos e a perspectiva utópica de superação*. Além disso, José Ismar Petrola Jorge Filho (2017), no artigo *Contrastes entre a Censura ao Jornalismo e ao Teatro, a partir da Censura a Plínio Marcos*, evidencia as diferentes gerações do jornalismo alternativo, produzidas no período da ditadura militar, contexto em que Plínio Marcos escreveu grande parte de suas crônicas futebolísticas e sua dramaturgia.

Esta dissertação divide-se em três capítulos. O primeiro propõe reflexão sobre o modo como Lima Barreto se ateu aos primeiros contornos com que eram desenvolvidas as partidas futebolísticas na década de 1910 e 1920, compreendendo que a atividade se difundiu com o eminente intuito de adequar os hábitos sociais das principais metrópoles brasileiras ao estilo de vida propiciado pelos grandes centros cosmopolitas do continente europeu. O segundo capítulo trata das crônicas de Drummond. É tecido um diálogo com as crônicas de Lima Barreto ao se enfatizar que, apesar de o futebol ser o auge da paixão nacional, a conquista da Copa de 1958 não ocultava que o país enfrentava sérios problemas sociais, assim como não impedia a domesticação da narrativa futebolística em prol de certas ideologias. Também enfatiza-se o surgimento de um aparato tecnológico que encurtaria a distância entre um time e sua torcida: o rádio. Além disso, o segundo capítulo propõe a discussão sobre dois dos principais atletas que ganhariam destaque nos anos de

1950: Pelé e Garrincha. O terceiro capítulo é dedicado a Plínio Marcos, escritor e dramaturgo brasileiro que se dedicou à crítica da ditadura militar. Plínio expõe como o regime se embrenhou não apenas no comando da seleção brasileira, como também na direção dos principais clubes do país. Suas crônicas refletem sobre a opressão ditatorial que acarretou perdas para as relações entre arte e identidade futebolística brasileira. No entanto, assim como as crônicas de Lima Barreto e Drummond, também apontam para uma narrativa futebolística que não se deixa dominar, enfatizando a apropriação do futebol como espírito de luta e tentativa de ressignificação de um povo.

CAPÍTULO 1: O PONTAPÉ INICIAL DA DIFUSÃO DO FUTEBOL, A VISÃO DE LIMA BARRETO

1.1. Futebol e literatura: início de um diálogo

A influência que o futebol exerce na construção da identidade brasileira é compreendida, em grande parte, por meio de visões estereotipadas. Não se deve conceber o desenvolvimento da prática futebolística como subproduto dos adventos que constituem uma sociedade, pelo contrário, dialoga com eles de modo inter-relacionado, integrando-se às suas configurações sociais, políticas e econômicas. Nelson Rodrigues (1993, p. 103), um dos mais influentes dramaturgos brasileiros, costumava declarar: “Em futebol, pior cego é o que só vê a bola”.

O número de pesquisas que se dedicam à discussão sobre futebol e sociedade é crescente. Nos últimos tempos, a literatura vem se destacando como uma das vertentes que conduz linhas de reflexões entre esses dois campos. Entretanto, a maior quantidade dos estudos dedica-se a um olhar predominantemente político-social. Antonio Candido (2006, pp. 13-14) reflete sobre as relações estabelecidas entre narrativa e espaço social, enfatizando a importância da reciprocidade entre forma e conteúdo:

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo.

As obras literárias não devem ser estudadas como processos sedimentares das outras áreas de saber, visto que possuem especificidades. Os elementos textuais são interpretados não apenas como enquadramentos ilustrativos de uma determinada época ou figura de linguagem, como também fatores da própria construção artística, e, em contato com o leitor, são ressignificados. Como afirma Candido (2006, p. 14): “(...) tudo é tecido num conjunto, cada coisa vive e atua sobre a outra”. Em contrapartida, as obras literárias também dialogam diretamente com o meio social ao qual pertencem, expondo costumes e cultura, aspectos sociais e políticos da sociedade com a qual dialogam. Edward Said (1995, pp. 104-105) corrobora com esta ideia ao expor:

Ao ler um texto, devemos abri-lo tanto para o que está contido nele quanto para o que foi excluído pelo autor. Cada obra cultural é a visão de um momento, e devemos justapor essa visão às várias revisões que depois ela gerou.

As obras não se restringem ao âmbito em que foram escritas, são reinventadas a partir de novas leituras, novos contextos, novas culturas. Por essa razão, é imprescindível que a crítica literária não se mantenha estática, mas estimule novas interpretações, visando a estabelecer o diálogo entre tempo e contexto da leitura e tempo e contexto da escrita. Uma obra literária não deve ser lida apenas com propósitos de estudo e análise. Uma obra deve ser sentida, experimentada, vivenciada.

André Mendes Capraro (2007) ressalta que a crônica ascendeu no Brasil no início do século XIX, derivada dos folhetins e consolidada com a fundação dos periódicos de ampla circulação nas principais cidades do país, como São Paulo, Salvador, Recife, e na capital federal, Rio de Janeiro. Os jornais nos séculos XVII e XVIII possuíam grande formato e adquiriam ampla distribuição. Publicada diariamente, a crônica surgiu dentro das redações, tratando de temáticas cotidianas. Candido (2003) a define como uma mescla de literatura, jornalismo, vida social e cotidiana, tornando-se um dos gêneros literários tipicamente brasileiros. Identificado com sua forma de escrita, o leitor mergulhava no tom jocoso, satírico e debochado das crônicas.

Mas o que a diferencia de uma matéria jornalística? Antunes (2004) explicita a diferença entre os dois gêneros. Enquanto o texto jornalístico tem por objetivo a informação, o fato em si, a crônica toma como pretexto a notícia para a elaboração da linguagem que transcende o próprio acontecimento. Os cronistas desenvolviam uma nova forma de escrita e davam os primeiros sinais de vida a esse gênero literário. Jorge de Sá (1985) ressalta que, durante a transformação do folhetim nos inícios da crônica, João do Rio dava ao gênero aspectos mais literários. Tempos mais tarde, ela seria enriquecida por Rubem Braga. Ao invés do simples registro formal, o comentário de acontecimentos era tecido por meio da interpretação e recriação do real.

Antonio Candido (2003, p. 89) afirma que a crônica, por meio de uma aparência inexpressiva, expande o horizonte do leitor em riqueza de significados, levando-o a construir sentidos mais profundos em relação aos fatos:

Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição.

É com tais ingredientes: profundidade de significados e acabamento de forma, juntamente com a reinvenção de momentos belos da vida vulgar, que a crônica nos desperta e nos humaniza. Com a crônica futebolística não é diferente.

Capraro (2007, p. 10), refletindo sobre os primórdios da prática futebolística no Brasil, afirma que as notícias sobre futebol eram inseridas nas colunas sociais dos jornais: “Noticiava-se o nome das pessoas de destaque presentes, elogiava-se a beleza física dos jovens praticantes, citavam-se as senhoras e senhoritas presentes”. Devido ao seu cunho regular, momentâneo e social, a crônica destacou-se como o gênero que mais se dedicou à escrita futebolística. Ainda não se tratava de crônica esportiva, e sim do colunismo social, adotando-se o conceito de “crônica social sobre o futebol” até o final da década de 1920. Inseridas nas colunas sociais dos jornais e revistas, entre os eventos de destaque do círculo aristocrata, as notícias sobre futebol participavam da mesma página em que podia figurar evento como este:



Figura 1: Revista *O Malho*, 1913. Pic-nic realizado no dia 5 de dezembro na Ilha do Engenho por sócios pertencentes à alta sociedade carioca do clube de nataçãe do Vasco da Gama. Fonte: torcidasdovasco.blogspot.com.

Um pic-nic, registrado na revista *O Malho*, em 1913, realizado na Ilha do Engenho, por sócios pertencentes à alta sociedade carioca do clube de nataçãe do Vasco da Gama. O evento é formado por homens, mulheres e crianças, trajando indumentárias elegantes. Percebe-se que todos se reuniram para que a foto pudesse ser tirada e, posteriormente, publicada na coluna social da revista.

Desde o final do século XIX e início do século XX, cronistas estiveram atentos à repercussão social do futebol, que cada vez mais se tornava espaço de sociabilidade e meio mobilizador de pessoas e massas populares. Autores como Lima Barreto, Coelho Neto, Monteiro Lobato, Graciliano Ramos, Olavo Bilac, escreviam esporadicamente sobre o aludido esporte. Tanto a crônica esportiva quanto a crônica social, assim como o futebol, consolidaram-se gradativamente na cultura brasileira. Iniciaram como coadjuvantes em seus respectivos campos, literário e esportivo, e ganharam adesão popular na primeira metade do século XX. Lima Barreto, Carlos Drummond de Andrade e Plínio Marcos, apesar de escreverem em épocas diferentes, apreenderam crítico-poeticamente a relação que se desenvolvia entre futebol e sociedade. A ironia destaca-se nas crônicas dos autores, assim como o paradoxo e o drama que marcaram a identidade nacional, evidenciando tensões e atritos na ordem social.

1.2. Ironia: pensamento e irreverência

A ironia é o principal recurso de linguagem empregado na construção das crônicas futebolísticas de Lima Barreto, Carlos Drummond de Andrade e Plínio Marcos. Esses cronistas desenvolveram-na como potencial poético, construindo-a ora como sátira e humor, ora como sarcasmo.

Segundo Lélia Parreira Duarte (2006, p. 79), pode-se dizer que a ironia é “a arte de dizer algo sem dizê-lo”. A autora explicita que há pelo menos dois graus de evidência em relação à ironia. No primeiro, o dito irônico quer ser percebido. No segundo, o objetivo é manter a ambiguidade e demonstrar a impossibilidade de se estabelecer um sentido claro.

1.2.1. Ironia retórica

A ironia é definida, originalmente, como uma figura de retórica, reforçando através do fingimento o ponto de vista defendido pelo narrador, oposto ao discurso expresso no enunciado. Duarte (2006) ressalta que a ironia utilizada por partidos em oposição se desenvolve como um dos principais aspectos da ironia retórica na literatura portuguesa. Essa ideia está presente na obra *Auto da Barca do Inferno*, escrita em 1517 por Gil Vicente. O clássico é uma peça teatral que retrata a sociedade portuguesa do século XVI. A narrativa da obra evolui em um porto, onde se encontram duas barcas: uma guiada pelo diabo, a outra por um anjo. Os dois devem decidir quem irá acompanhá-los na jornada que irá conduzi-los ao Inferno ou ao Paraíso:

DIABO - Quem vem i?
Santo sapateiro honrado,
como vens tão carregado? (VICENTE, 2006, p. 33).

O Diabo utiliza a todo momento jogos de manipulação irônica, para tentar convencer os membros da sociedade portuguesa a embarcar consigo. No trecho em destaque, o sapateiro é retratado como um homem santo e honrado. Em seguida, há a descrição da personagem, revelando suas características desonestas:

DIABO - Tu morreste excomungado.
Não o quiseste dizer.
Esperavas de viver;
calaste dous mil enganos.
Tu roubaste bem trinta anos
o povo com teu mister.
Embarca, eramá para ti,
que há já muito que te espero!. (VICENTE, 2006, p. 34).

A obra também utiliza metáforas que indicam, por meio de outras palavras, o destino da barca do Diabo:

ONZENEIRO – Inda agora faleci,
Deixa-me buscar batel!
Pesar de São Pimentel,
Nunca tanta pressa vi!
E pera onde é a viagem?
DIABO - Para onde tu hás de ir (VICENTE, 2006, pp. 27-28).

Percebe-se que a ironia é construída na peça através da sátira. Jerusa Helena Furtado Rodrigues e Dionísio Pedro da Silveira (2015) analisam a sátira como uma deformação caricatural daquilo que se pretende desmoralizar. Visando ridicularizar e censurar, a sátira expõe o homem, revelando todos seus defeitos mediante o riso. Desse modo, a ironia construída através da sátira se converte em arma de denúncia e crítica a valores e comportamentos.

Duarte (2006) utiliza o discurso de Marco Antônio, da peça *Julius César*, de Shakespeare, para ilustrar o conceito de ironia. A intenção do orador era que o recurso de linguagem pudesse ser percebido pelo público receptor. Vejamos:

Marco António:

Amigos, compatriotas, escutai-me! Venho para sepultar César, não para elogiá-lo. O mal que os homens fazem sobrevive-lhes. O bem costuma ser sepultado com os seus ossos. Que seja assim com César. O ilustre Brutus disse que César era ambicioso. Se assim foi, tratava-se de uma grave falta, e ele pagou, gravemente, pela ambição. Com a autorização de Brutus, que é um homem honrado, como também o são os demais, venho falar-vos no funeral de César. Era meu amigo, sempre leal e justo comigo. Mas Brutus diz que era ambicioso, e Brutus é um homem honrado. Muitos cativos trouxe para Roma cujos resgates encheram os cofres públicos. Era isso ambição? Se os pobres se lamentavam, César chorava. A ambição devia ser mais dura. Contudo, Brutus disse que era ambicioso. E Brutus é um homem honrado. Todos vós vistes, nas Lupercais apresentei-lhe, por três vezes, uma coroa real. E por três vezes a recusou. Era isto ambição? Contudo, Brutus disse que era ambicioso e ele é um homem honrado. Não desaprovo as palavras de Brutus! Mas estou aqui para dizer o que sei! Todos o amastes alguma vez, e não sem uma razão. Que razão, então, vos impede de chorá-lo? Ah, julgamento! Deves cobiçar os irracionais, porque os homens perderam a razão. Perdoai! O meu coração está ali, junto de César, e tenho de deter-me até que retorne a mim (SHAKESPEARE, 2000, pp. 80-81).

A expressão aparentemente de caráter positivo, “Brutus é um homem honrado”, é compreendida pelo povo de modo negativo. Para que esse efeito pudesse ser atingido, a ironia é construída através do sarcasmo. O sarcasmo confere um tom mais áspero, provocador e desprezível ao discurso de Julius César. Com isso, o orador inverte a situação política do momento, desfazendo a vitória dos conspiradores que haviam acabado de conquistar o poder.

1.2.2. Ironia humoresque

O segundo grau de ironia procura manter a ambiguidade e demonstrar a impossibilidade de se estabelecer um sentido claro. Celestino Braga, segundo Duarte (2006), define a ironia humoresque como humor e comenta sobre o saber do humorista em relação ao paradoxo das situações: comédia e tragédia, riso e pranto. Essa ambiguidade impossibilita que o leitor encontre um conceito de verdade estabelecido pelo texto.

Duarte cita, porém sem analisar, o conto *Missa do Galo*, de Machado de Assis, como um exemplo que nos permite compreender melhor a ironia humoresque. Logo no primeiro parágrafo, o narrador relata:

Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta. Era noite de Natal. Havendo ajustado com um vizinho irmos à missa do galo, preferi não dormir; combinei que eu iria acordá-lo à meia noite (ASSIS, 2007, p. 433).

A indefinição é proposta pelo narrador, que afirma não ter compreendido a conversa que tivera com aquela senhora. O leitor questionar-se-á se o acontecimento que

será descrito de fato ocorreu ou se fora apenas frutos de delírios causados pela mente do personagem. Outro fato que nos leva a crer a impossibilidade de um sentido claro e definitivo sobre a história é a descrição da personagem com quem o narrador dialoga. Conceição era assim descrita no início do conto:

Tudo nela era atenuado e passivo. O próprio rosto era mediano, nem bonito nem feio. Era o que chamamos uma pessoa simpática. Não dizia mal de ninguém, perdoava tudo. Não sabia odiar; pode ser até que não soubesse amar (ASSIS, 2007, p. 434).

A ironia é construída através do humor. A opinião do narrador sobre as características físicas de Conceição não é precisa: nem bonita, nem feia, apenas uma pessoa simpática. Contudo, conforme o desenrolar da história, percebe-se uma sutil mudança marcada por uma descrição sedutora da personagem:

Conceição ouvia-me com a cabeça reclinada no espaldar, enfiando os olhos por entre as pálpebras meio cerradas, sem os tirar de mim. De vez em quando passava a língua pelos beiços, para umedecê-los. Quando acabei de falar, não me disse nada; ficamos assim alguns segundos. Em seguida, vi-a endireitar a cabeça, cruzar os dedos e sobre eles pousar o queixo, tendo os cotovelos nos braços da cadeira, tudo sem desviar de mim os grandes olhos espertos (ASSIS, 2007, p. 435).

No entanto, a veracidade dos fatos ainda é questionável, conforme a narração se revela inverossímil:

Há impressões dessa noite, que me parecem truncadas ou confusas. Contradigo-me, atrapalho-me. Uma das que ainda tenho frescas é que, em certa ocasião, ela, que era apenas simpática, ficou linda, ficou lindíssima (ASSIS, 2007, p. 437).

As partes finais da narrativa levam a crer que o narrador deixará de ir à missa pelo encantamento inesperado que surgira em relação à dona Conceição:

A ideia do oratório trouxe-me a da missa, lembrou-me que podia ser tarde e quis dizê-lo. Penso que cheguei a abrir a boca, mas logo a fechei para ouvir o que ela contava, com doçura, com graça, com tal moleza que trazia à minha alma e fazia esquecer a missa e a igreja. (ASSIS, 2007, p. 438).

Todavia, o final surpreende o leitor. O narrador vai à missa, mas seus pensamentos continuam com a mulher com quem acabara de conversar. Isso leva a crer que seus sentimentos em relação à dona Conceição pudessem crescer ou nunca serem esquecidos. O leitor é surpreendido com um desfecho em que a velha imagem que possuía sobre Conceição ressurgiu:

Na madrugada seguinte, ao almoço, falei da missa do galo e da gente que estava na igreja sem excitar a curiosidade de Conceição. Durante o dia, achei-a como sempre, natural, benigna, sem nada que fizesse lembrar a conversa da véspera. Pelo ano-bom fui para Mangaratiba. Quando tornei ao Rio de Janeiro,

em março o escrivão tinha morrido de apoplexia. Conceição morava no Engenho Novo, mas nem a visitei nem a encontrei. Ouvi mais tarde que se casara com o escrevente juramentado do marido (ASSIS, 2007, p. 439).

Há três características no conto que impedem o leitor de estabelecer um sentido claro e definitivo: o fato de o narrador possuir impressões confusas e contraditórias sobre a noite da conversação; a mudança de descrição durante a narrativa da personagem Conceição, vista no início do conto como uma personagem nem bonita, nem feia, e no final caracterizada pelo próprio narrador como lindíssima; e o desfecho da história, em que o leitor é levado a crer que os sentimentos do narrador pudessem crescer, porém essa mesma ideia é refutada ao ressurgir a velha imagem que possuía sobre a senhora.

O enunciador torna-se o centro do discurso, pois assume uma posição crítica em relação aos eventos narrados. A partir da ironia, o leitor atento é capaz de apreender as múltiplas possibilidades de sentido presentes na narrativa. Porém, a ambiguidade impossibilita o estabelecimento de um sentido claro e definitivo, impedindo o leitor de tomar como verdade absoluta aquilo que lhe é apresentado.

A partir desses exemplos, busca-se comprovar as dualidades e os múltiplos sentidos contidos na mensagem irônica. Todavia, a ironia utilizada nas crônicas dos três autores possui desdobramentos que vão além de seu conceito original, transformada em instrumento de irreverência e de subversão da ordem.

1.2.3. Coloquialismo

Outra vertente da ironia é a que confere extrema importância ao acontecimento. O cronista, com pleno domínio da narrativa, junta os retalhos da informação, costurando-os de forma a tornar o relato o mais verossímil possível, de acordo com a coerência interna do texto. As peças são cuidadosamente escolhidas, como se fizessem parte de um quebra-cabeça, procurando explorar, ao máximo, a polissemia das palavras e o silêncio do discurso:

Ludicamente, o cronista percorre a cidade. Ouve conversas, recolhe frases interessantes, observa as pessoas, registra situações – tudo através do olhar de quem brinca e, pelo jogo da brincadeira, reúne forças para superar a realidade sufocante. É nesse contexto que o fato em si ganha mais importância do que os personagens (SÁ, 1985, p. 45).

A partir dessa visão, o coloquialismo torna-se fundamental na construção da ironia. A narrativa ganha o ritmo da cidade ao qual está inserida, nem sempre respeitando a norma culta. O tom jocoso de uma expressão, uma gíria incorporada à fala pela

consagração do uso ou até mesmo um termo pouco usado, são elementos que ganham destaque na narrativa. Sua sintaxe ganha contornos desestruturados, soltos, aproximando-se mais da conversa entre dois amigos do que do texto escrito. A arte na elaboração torna a crônica uma recriação do real, e não uma mera cópia dos eventos banais. A ironia construída através do coloquialismo deixa de ser, portanto, mera frase ouvida na rua pelo cronista. Ela é construída como um diálogo entre o narrador e o leitor.

A ironia torna-se irreverente não apenas por ser um instrumento de subversão da ordem social, como também por ser um aparato de subversão da ordem da linguagem. Ela vai além da crítica, converte-se em instrumento de denúncia e busca de transformação social. Elizabeth Sánchez Garay (2000) ressalta que Ítalo Calvino analisa a ironia como algo que transpõe o recurso de linguagem e atinge a modalidade do pensamento. É desse modo que a ironia se desenvolve nas crônicas de Lima Barreto, Drummond e Plínio Marcos: com a consciência dos autores sobre o drama e o paradoxo sociais. O futebol é apreendido, assim, como um drama da vida social. Todavia, para que se possa analisar a relação entre as crônicas desses autores e as práticas futebolísticas, é essencial compreender como o esporte iniciou sua difusão no país.

1.3. A difusão do futebol no Brasil

As primeiras décadas do século XX foram marcadas pela *Belle Époque*, período de eclosão da cultura cosmopolita no continente europeu que culminou em profundas transformações culturais, intelectuais e tecnológicas. Uma febre de consumo toma conta dos principais centros metropolitanos, voltada para a novidade e a última moda. O historiador Eric J. Hobsbawm (1988, p. 233) salienta que o desenvolvimento da cultura urbana relacionava-se expressivamente com a ideia de progresso: “Nesse século da burguesia triunfante, os membros das bem-sucedidas classes médias estavam certos da própria civilização”. A ascensão da cidade e da indústria e a prosperidade eram privilégios adquiridos apenas da burguesia, que orquestrava diferentes contextos sociais no cenário das principais metrópoles. Embora a economia fornecesse trabalho, Hobsbawm (1988) frisa que ainda não supria a miséria que a maioria dos trabalhadores encarava.

Neste início do século XX, o prefeito do Rio de Janeiro, Francisco Pereira Passos, entre os anos de 1902 e 1906, distinguiu-se com a proposta de remodelação das estruturas urbanas e sociais. Um dos objetivos eminentes da aristocracia era a construção de uma identidade nacional que estivesse voltada para o estilo de vida e para a ideologia

civilizatória disseminada pelo continente europeu. Beatriz Resende (2017) relata que um dos triunfos conquistados pelos ideais civilizatórios foi inaugurado em 1904: a Avenida Central. Os casarões coloniais do centro da cidade, espaço que abrigava grande parte da população pobre, foram demolidos a fim de que se construíssem amplas avenidas, praças e jardins. As transformações desse espaço público implicavam extensa crise habitacional ao submeter grande parte da população carente a transferir-se para as zonas periféricas da cidade.

Nicolau Sevcenko (2003) exprime um dos propósitos principais visados pela reformulação da capital federal: o fim do estigma de preguiçosos com que os estrangeiros alcunhavam a sociedade brasileira. Entende-se que a remodelação não se caracterizava apenas no plano físico e estrutural da cidade, mas também nas esferas sociais e culturais. A luta contra os velhos hábitos coloniais impôs fortes intolerâncias contra formas de cultura popular, a fim de implantar definitivamente na sociedade carioca o progresso e a civilização. Festas de malhação ao judas, celebrações como o bumba-meu-boi e festins no bairro da Glória foram atividades terminantemente proibidas, além do combate policial às formas de religiosidade popular, assim como a líderes messiânicos, curandeiros e feiticeiros. Sevcenko (2003) analisa outro critério de relacionamento social que se estabeleceu no início do século: a perseguição e marginalização da serenata e boemia. As reações que se constituíram em torno da serenata eram centradas no violão, instrumento que a simbolizava, passando a significar, por si só, um símbolo de vadiagem. A revista *Careta* e o *Jornal do Comércio* faziam parte de uma imprensa consciente de que as novas diretrizes, propagadas pela ânsia da construção de uma identidade forjada, fragmentavam cada vez mais a cidade carioca em dois cenários físicos: o grande cerne da cidade, remodelado pela alta burguesia, e os morros ao seu redor, que constituiriam o início dos grandes subúrbios, ocupados por uma população pobre, negra e marginalizada.

Por trás das cortinas desse jogo de aparências, uma nova realidade ganhava forma. A abolição e a crise da economia cafeeira desencadearam uma grande mobilização de pessoas, que migraria para a cidade do Rio de Janeiro e iria se fundir ao já volumoso número de escravos recém-libertados e às sucessivas massas de estrangeiros. O crescimento da capital federal ocultava uma trágica situação em seus escombros. A carência de moradia e alojamentos, a falta de condições sanitárias, moléstias, fome, desemprego e miséria se esculpavam em aspectos aos quais milhares de famílias e indivíduos deveriam enfrentar.

O futebol iniciou sua difusão no país em meio a essa dúplici social. Durante as primeiras décadas do século XX, grandes fluxos de imigrantes que chegavam ao país traziam consigo a herança futebolística. Com Charles Miller, o futebol obteve as bases para que se estruturasse e desenvolvesse.

Esse processo é analisado no capítulo 1 de nosso trabalho no eixo Rio-São Paulo e possui dois marcos de destaque. O primeiro é observado no começo do século XX até meados da década de 1910, cenário em que o esporte se delimitava como uma atividade elitista. O segundo ganha seus principais contornos a partir da década de 1910 e se desdobra até os anos de 1920, quando outras camadas sociais se aproximam da prática esportiva e sofrem, conseqüentemente, forte tentativa de exclusão por parte da burguesia.

1.3.1. O futebol na *Belle Époque* brasileira

Praticado em países europeus desde meados do século XIX, o futebol já se constituía como uma prática assídua no velho mundo. A Inglaterra, um dos grandes centros futebolísticos da época, possuía um cenário peculiar. Leonardo Afonso de Miranda Pereira (2000, pp. 25-26, grifo do autor) afirma:

Atraindo de início somente os trabalhadores especializados, [o futebol] logo se alastraria entre parcelas mais amplas do operariado. Instituída a liga que organizaria os campeonatos anuais, a presença destes se fazia notar tanto nas arquibancadas quanto no campo, sendo a maior parte dos atletas de origem proletária. O futebol transformava-se em assunto dileto das conversas de bar, unindo trabalhadores de uma mesma cidade em torno da paixão comum pelo seu time ou dividindo-os em comunidades rivais, como acontecia em cidades maiores como Manchester e Nottingham. Talvez pela própria semelhança com alguns de seus antigos divertimentos, o jogo tornava-se, na década de 1880, uma espécie de “religião leiga” para os ingleses de origem proletária – constituindo um dos elementos marcantes da construção da identidade operária no período.

A força do jogo em terras inglesas se alastrou pelo continente europeu na década de 1880. Ao contrário das configurações esportivas que se construía no Reino Unido a partir da identidade do operariado, o jogo em outros países se restringia aos jovens estudantes. É assim que a juventude de nações da América do Sul entra em contato com o futebol. No contexto brasileiro, o esporte nascia como uma espécie de celebração da identidade bretã.

Foi no centro paulista que a atividade se desenvolveu primeiramente de forma mais intensa, uma vez que a migração estrangeira estava muito mais presente em São Paulo. Sobressaem nesse período dois times da elite paulistana: São Paulo Athletic Club,

fundado em outubro de 1901, e Club Atlético Paulistano, fundado em julho de 1902. Jovens cariocas, interessados pelo futebol, buscavam na metrópole vizinha o estímulo que precisavam para desenvolver a prática futebolística na capital federal. Cláudia Mattos (1997, pp. 46-47), a esse respeito, afirma:

Como a população de imigrantes ingleses no Rio do início do século era significativa, mas não tão grande a ponto de formar times de futebol, Oscar Cox, recém-chegado de Lausanne em 1897, e seus peladeiros pegaram um trem para São Paulo, onde o futebol chegara um pouco antes com Charles Miller e estava minimamente consolidado. (...) Na volta ao Rio, o chacoalhar do trem mexeu com as idéias de Cox e seus amigos. E se formassem um clube no Rio voltado exclusivamente para a prática do futebol? Assim, na noite de 21 de julho de 1902, no número 51 da rua Marquês de Abrantes, casa de Horácio da Costa Santos, no Flamengo, foi fundado o Fluminense.

A fundação do Fluminense consolidaria o esporte entre a rica juventude carioca. Leonardo Pereira (2000, p. 31) analisa os primeiros aspectos do time do Rio de Janeiro: “(...) palco de afirmação de modismos e hábitos europeus, os estádios serviam para essa juventude endinheirada como um espaço de celebração de seu cosmopolitismo e refinamento”. Esse cenário, todavia, revelava uma forte contradição, uma vez que a identidade futebolística na Inglaterra, principal difusora do esporte no Brasil, atrelava-se fortemente à classe operária. A apropriação dessa prática trazia em suas veias uma reformulação do contexto social praticado de forma majoritária pela classe trabalhadora inglesa.

Na contramão do Fluminense, nasce o Flamengo. Apesar de praticamente vizinhos, o Flamengo se dedicava exclusivamente ao remo. Cláudia Mattos (1997, pp. 66-67) esclarece:

Na época, esporte de macho era o remo, que deixava os homens com corpo de Hércules de circo. O futebol, com seus saltitos, suas corridinhas, seu esticar e encolher de pernas, seus dribles rebolados, e de jogadores de porte atlético semelhante ao de um Rui Barbosa ou de um Santos Dumont, era visto como um balé, coisa de mulher. De mais a mais, aos olhos dos rubro-negros, os rapazes do futebol eram tricolores acostumados ao refinamento e às regras sociais do Fluminense.

É interessante observar como o futebol era retratado pelos integrantes do remo. As expressões “saltitos”, “corridinhas”, “dribles rebolados” são utilizadas de forma pejorativa, construindo a imagem de um esporte que se assemelhasse à leveza dos movimentos da dança. Em oposição a esse contexto, o remo era visto como uma atividade masculina, que aprimorava a condição física do corpo. Após um desentendimento com sua diretoria, nove jogadores do Fluminense migraram para o clube das regatas. Não foi

fácil para os atletas tricolores se adaptarem à nova realidade, tendo em vista o choque entre diferentes ideologias, comportamentos e contextos sociais.

O Fluminense distinguia-se como um clube que possuía uma sede social. O Flamengo alojava-se em um prédio de dois andares em um sótão, onde funcionavam a garagem dos barcos e uma república de estudantes. Contudo, a principal diferença entre os dois era a ausência de um campo de futebol na sede rubro-negra. O Flamengo treinava, em seus primeiros anos, em um campo recém-construído pela prefeitura. Somente na década de 1930, o clube conseguiu um terreno na Gávea, doado pelo governo federal, onde inauguraria seu estádio em 1938. Cláudia Mattos (1997, pp. 71-72) busca uma explicação para compreender a popularidade do time:

(...) os jogadores do Flamengo sempre tiveram uma inclinação arruaceira, encarada, de forma geral, como um comportamento travesso e não ameaçador da ordem. Porém, com a popularidade atingida pelo clube, este seu dado de personalidade passou a ser relacionado com o comportamento de favelados, estes sim, vistos como arruaceiros ameaçadores desde que passaram a ocupar os morros da cidade, como uma solução para a crise habitacional gerada pelas reformas de Pereira Passos.

O embate entre os contextos que distinguiam Flamengo e Fluminense é evidenciado por meio do comportamento dos jogadores rubro-negros. Vistos como arruaceiros, porém não ameaçadores da ordem, os atletas se distinguiam da forma elegante com que se portavam os desportistas tricolores. No entanto, com o início de sua popularidade, o Flamengo adquire novos contornos preocupantes em relação à ordem social, ligados ao comportamento de indivíduos que habitavam os morros. Os diferentes rumos identitários que se desdobravam por meio da história de Flamengo e Fluminense retratavam a polarização da capital federal: o Fluminense, branco e elitista; o Flamengo, cada vez mais identificado com os morros devido ao agravamento das tensões sociais.

Lima Barreto, autor pré-modernista, observou como o futebol se desenvolvia como uma atividade aristocrata em uma cidade cuja miséria se expandia progressivamente nos subúrbios e periferias. O futebol tornava-se reflexo do drama social, reflexo da instabilidade sofrida por milhares de indivíduos. Lima Barreto também desenvolveria uma relação de fortes atritos com Coelho Neto, membro integrante da direção do Fluminense na década de 1910 e fundador da Academia Brasileira de Letras.

1.3.2. Lima Barreto e Coelho Neto

A adesão maciça de intelectuais e literatos ao jornalismo, que teve início em meados do século XIX, exerceu efeitos sobre a criação artística. Esses intelectuais e literatos da geração boemia traçavam os primeiros contornos da *Belle Époque* carioca, movimento literário definido por uma produção descompromissada, de escrita aristocrática e de temática elitista. Mauro Rosso (2010, p. 25, grifo do autor) analisa as características dessa literatura, baseada em estilo, linguagem, forma e conteúdo superficiais:

A literatura típica da *belle époque* (...) coadunada com a própria fachada da época, era uma literatura articulada com o modo de vida das elites urbanas europeizadas, fomentador do consumo, do excesso, da sensualidade, do aristocratismo; de extrema superficialidade e caráter preciosístico, uma coligação de alta sociedade e alta cultura.

Coelho Neto, parnasiano na maioria de suas obras, deixou-se dominar pela superficialidade da forma, renegando sua capacidade criadora a segundo plano em razão da escrita de efeito. No contexto futebolístico, Coelho Neto parecia traçar uma linguagem que tomava a forma de terminologias remetentes à Grécia Antiga, comparando os desportistas futebolísticos aos Deuses do Olimpo. Tal comparação é observada em um de seus discursos, proclamado no Teatro República, no dia 9 de julho de 1918. O jornal, *O Imparcial*, do Rio de Janeiro, congratulava o primeiro time do Fluminense com a entrega de uma taça, após as vitórias alcançadas pela equipe carioca em Santos e em São Paulo. Coelho Neto (*apud* Rosso, 2010, p. 59) diz:

Prêmios como estes valem por incentivos. Essas taças, que parecem lavradas pelo próprio deus subterrâneo, que açacalou as armas de Ares e que também forjava os raios de Zeus, condensador das nuvens, trazem um vinho forte, vinho generoso, só comparável àquele que Hebe, a dos pés irosos, servia aos deuses nos festins olímpicos.

Nota-se a comparação com três deuses: Zeus, rei dos deuses e dos homens; Ares, deus da guerra; e Hebe, deusa da juventude. Assim como Ares e Hebe, os desportistas também são representados como filhos de Zeus, pois simbolizam a juventude de Hebe e a braveza de Ares. Além disso, o vinho possui uma forte simbologia no trecho. Assim como servira os deuses nos festins olímpicos, a bebida serviria os atletas do Fluminense, representando o prazer, a fertilidade dos jovens jogadores.

Coelho Neto não se destacou como o único autor a utilizar essa terminologia para simbolizar os atletas. Cláudia Mattos (1997) lembra a poeta Anna Amélia ao ressaltar que “a poeta Anna Amélia dedicava versos a Marcos Carneiro de Mendonça, o goleiro

símbolo do Fluminense, comparado por ela a um deus grego, por seu refinamento, graça e nobreza”. O poema O salto, escrito por Anna Amélia (*apud* Cláudia Mattos, 1997, p. 49), ilustra essa visão:

Ao ver-te hoje saltar para um torneio atlético,
Serenos, forte, audaz como um vulto da *Ilíada*
Todo meu ser vibrou num ímpeto frenético
Como diante de um grego, herói de uma Olimpíada.

(...)

Como um Deus a baixar do Olimpo, airoso, lépido
Tocaste o solo, enfim, glorioso, ardente intrépido,
Belo na perfeição da grega e antiga plástica.

A menção à obra de Homero, *Ilíada*, assim como a alusão aos símbolos que remetam a Grécia Antiga, podem ser observados por meio dos vocábulos: “grego”, “herói”, “Olimpíada”, “Deus”, “Olimpo”. A construção que a autora faz de Marcos Carneiro de Mendonça, representando-o como um herói de Olimpíada ou até mesmo como um Deus do Olimpo, dialoga com a simbologia dos desportistas comparados por Coelho Neto. Essa ideia é enfatizada através dos adjetivos que qualificam o goleiro, seja por meio de seu porte físico e de suas qualidades como atleta (sereno, forte, audaz, airoso, lépido, ardente), seja por meio do elogio a sua beleza (belo na perfeição grega e antiga plástica). Destacam-se também algumas passagens que remetem aos movimentos característicos do goleiro, como o verbo “saltar”, na passagem “ao ver-te hoje saltar para um torneio atlético”, e “tocaste”, no trecho “tocaste o solo”.

Em resposta ao discurso de Coelho Neto, Lima Barreto (2004) escreve a crônica Uma partida de *football*, publicada no dia 4 de outubro de 1919. O autor utiliza, ao longo da construção de sua narrativa, recursos irônicos que evidenciam rejeição e escárnio em relação à celebração do cosmopolitismo e refinamento proporcionados pela atividade física: “Das coisas elegantes que as elegâncias cariocas podem fornecer ao observador imparcial, não há nenhuma tão interessante como uma partida de *football*” (BARRETO, 2004, p. 29). A ironia, na passagem descrita, é elaborada por meio do uso das expressões elegantes e elegâncias, que se referem ao refinamento proporcionado pela atividade futebolística. Esses vocábulos estão fortemente relacionados com a imagem da indumentária. A cidade do Rio de Janeiro transformava-se gradativamente no maior centro cosmopolita do país. A remodelação dos hábitos sociais ampliou de forma significativa a influência do comércio europeu nas zonas nobres da cidade. A elite carioca adequava-se à ideologia propagada pelo refinamento do traje também no contexto

esportivo. Os uniformes de última moda das principais competições inglesas fascinavam os times brasileiros, que aguardavam com grandes expectativas os navios que trariam as vestimentas.



Figura 2: Time do Fluminense de 1908. O cabelo e barba bem aparados, junto com o refinamento do tecido da roupa e a postura dos jogadores no momento em que a foto foi tirada são traços que refletem o caráter refinado proporcionado pela atividade esportiva. Fonte: Revista *Fon-Fon*.

Com o passar do tempo, o *sportmen* ganha realce no cenário futebolístico, como ressalta Bernardo Borges Buarque de Hollanda (2003, p. 29):

A introdução do *foot-ball* no Brasil, feita na virada do século XIX para o século XX, dava-se por intermédio de jovens atletas, descendentes de imigrantes europeus ou filhos das elites abastadas brasileiras, que se reuniam nos requintados clubes das grandes cidades. Esses novos personagens do cenário do país, em sua quase totalidade estudantes de direito e de medicina, ligados por conseguinte ao ethos positivista da ciência, traziam não apenas as últimas novidades da Europa, mas, sobretudo, uma mentalidade distinta que preconizava a importância do adestramento, da disciplina e do culto ao corpo.

Na tentativa de negar a imagem do futebol ligada a um jogo mecânico, violento e sem sentido, este jovem, proveniente da zona sul, defendia a visão de que a prática futebolística exigia uma lógica profunda, caracterizando-se como uma arte não acessível a qualquer curioso. O Fluminense destacava-se no cenário desportivo como uma das maiores vitrines para a solidificação do *sportmen*. Assim, os vocábulos elegantes e elegâncias, empregados pelo cronista, não apenas escauriam a aparência física dos desportistas tricolores, relacionando sua imagem bem polida à indumentária que utilizavam, como também ironizam a figura do *sportmen*.

Lima Barreto (2004, p. 29) também analisa a dimensão social que o esporte gradativamente começava a adquirir: “Não há, portanto, nos nossos hábitos, fato mais agradável do que assistir uma partida de bolapé”. A ironia possibilita uma variedade de interpretações em relação ao ponto de vista do enunciador sobre o futebol. A expressão bolapé traz uma conotação pejorativa, referindo-se mais a um “jogo dos pontapés na bola” do que a uma partida esportiva propriamente dita.

A ironia também auxilia na representação dos atletas, fazendo alusão ao modo como Coelho Neto os simbolizava através de terminologias da Grécia Antiga. Lima Barreto (2004, p. 29), ao citar Apolo, faz alusão ao modo como Coelho Neto representava os atletas do Fluminense por meio de terminologias da Grécia Antiga: “O Senhor Coelho Neto, a quem muito admiro, já fez a apologia desses Apolos, com a força de sua erudição em cousas gregas”. O uso da palavra apologia constrói o efeito jocoso, remetendo a uma defesa apaixonada por parte do escritor maranhense dos desportistas do Fluminense.

1.4. Higiene e esporte: o fino e o grosso

Eram defendidas no contexto futebolístico teorias referentes à higiene. Enxergava-se na prática esportiva um elemento de preservação contra a decadência e a moléstia, e acreditava-se ser o dever social aperfeiçoar o corpo e reparar o trabalho destruído pelas calamidades sociais. Visto como salvador do vigor nacional, o futebol ganhava apoio de higienistas e educadores interessados no desenvolvimento físico da nação.

Na crônica intitulada Uma conferência esportiva, publicada em primeiro de janeiro de 1921, Lima Barreto evidencia a celebração do esporte como cosmopolitismo e autoafirmação, e constrói a rejeição a essa concepção utilizando a ironia. Por quais estratégias de linguagem se revela sua irreverência irônica? Atentemos ao primeiro parágrafo de seu texto:

No sábado último, no salão nobre da Liga Metropolitana dos Trancos e Pontapés, em presença de numerosa e seleta assistência, o doutor Francoso Hell Jacuencanga, consultor literário da liga, pronunciou afinal a sua anunciada conferência sobre “A educação física, o *football* e as suas conquistas e progressos, entre nós” (BARRETO, 2004, p. 273, grifo do autor).

Percebe-se que o cronista se refere ironicamente à Liga Metropolitana de Football, uma liga elitista, formada em 1905, que reunia clubes aristocratas e ganhava visibilidade através da imprensa. A sátira presente é evidenciada pela criação do nome

Liga Metropolitana dos Trancos e Pontapés, marcando o contraste entre o caráter restrito e aristocrata da Liga, e o modo como Lima Barreto enxergava os primeiros contornos do contexto futebolístico: uma prática exercida por trancos e pontapés. O salão nobre, aparentemente enaltecendor, não remete à prática esportiva, mas sim ao seu caráter aristocrata. A educação física, destacada no título da crônica, leva o leitor a imaginar que o cronista irá se referir à prática futebolística, entretanto, faz analogias físicas entre trabalhadores braçais e atletas.

A sociedade rendia-se à atividade futebolística, enxergando-a como um dos principais pilares da inovação modernizadora dos costumes, hábitos e espaço físico da capital federal. Essa era uma das razões centrais pela qual se defendia a prática do futebol no país. A defesa do futebol como uma atividade fundamental para o combate da estagnação social, por exemplo, está presente na crônica O 22 da “Marajó”, de Monteiro Lobato (1922, pp. 219-220):

O jogo de futebol teve a honra de despertar o nosso povo do marasmo de nervos em que vivia. Antes d'elle, só nas classes medias a lucta politica tinha o prestigio necessario para uma exaltaçãozinha periodica.

E isso porque de todos os esportes tentados no Brasil só o futebol conseguiu acclimar-se, como o café. Hoje, alastrado de norte a sul, transformou se quasi em praga, conseguindo, só elle, interessar vivamente, exaltadamente, delirantemente, o nosso povo.

É interessante observar o uso do vocábulo honra, utilizado normalmente para prestar uma homenagem ou consideração a um indivíduo que se distingue por seu intelecto, qualidades artísticas, conduta virtuosa ou boa ação. A relação entre futebol e honra, no entanto, é construída através de outra vertente. Monteiro Lobato ressalta as honras do futebol por suas características efervescentes, capazes de despertar o povo do marasmo ao qual vivia. O vocábulo ganha outra conotação. Essa ideia pode ser notada também através do uso irônico do substantivo, utilizado no diminutivo, exaltaçãozinha. O autor sequer reconhecia as lutas políticas organizadas pela classe média como um verdadeiro evento mobilizador de massas. A impassibilidade é apenas quebrada a partir da prática futebolística. A relação que constrói com o café também nos chama a atenção. De todos os esportes, assim como de todos os alimentos, os dois foram os únicos capazes de fincar raízes em solo brasileiro. A ironia empregada no uso do substantivo “praga” transforma o sentido desse vocábulo em algo positivo. O futebol se espalhava pelos cantos

do país tão rápido quanto uma praga. Porém, uma praga qualitativa, recobrando vida ao povo.

Lima Barreto continua a escarnecer a condição física no discurso do doutor Francoso Hell Jacuencanga, que compara tal condição entre trabalhadores do cais do porto e jogadores de futebol. Nas entrelinhas da fala do doutor, o cronista elabora uma crítica à teoria eugênica, explicitando que a condição física de trabalhadores braçais, fundamental para o funcionamento da sociedade, era irrelevante aos olhos da elite, para quem a finalidade se circunscreve em “pontapés num pelotazo”:

Vamos ao cais do porto (...). São homens de todas as raças e mestiços delas. Vede-lhes a musculatura. Como é perfeito! Os músculos de todas as partes dos seus corpos, como que foram calculados com paciente precisão, para funcionarem harmonicamente. Que beleza! Que perfeição! (BARRETO, 2004, p. 273).

Percebe-se no discurso de Jacuencanga a construção de dois lugares distintos: o porto, característico da mistura de raças, e o espaço futebolístico, caracterizado por um público seletivo. Os trabalhadores do cais são enaltecidos em suas qualidades físicas. Assim como os atletas, esses indivíduos também possuíam uma invejosa musculatura. O uso das exclamações: como é perfeito!, que beleza!, que perfeição!, insere-se no texto como uma fala irônica, pois logo há uma inversão na narrativa: “Mas para que servem? Para nada – podemos dizer; pois carregar fardos de alfafa, de algodão, sacos de café não é trabalho útil à sociedade” (BARRETO, 2004, p. 273). Percebe-se que a ironia empregada enaltece a forma física dos atletas de *football*, não dos trabalhadores braçais. Lima Barreto constrói uma comparação às avessas ao dizer na voz do doutor:

Entretanto, se nos colocamos no alto da arquibancada de um *field* de *football*, a contemplação dos músculos desarmônicos dos *players*, as suas longas pernas superenriquecidas de força, o *mollet* muito proeminente, a contrastar com o seu andar bambo, e também as suas cabeças de chuchu, é quando vemos e percebemos a utilidade da educação física (BARRETO, 2004, p. 273, grifo do autor).

Ao destacar a forma física dos desportistas, o doutor ridiculariza os trabalhadores do porto, e ainda reafirma que a utilidade da educação física “não está no emprego para serviços de que toda sociedade precisa”, mas “em não se aplicar (...) algum dia e noite pontapés num pelotazo” (BARRETO, 2004, p. 273).

Ao empregar adjetivos que, supostamente, ostentam os atletas, o doutor afirma os efeitos da sátira em relação à imagem do futebolista. As expressões “contemplação dos músculos desarmônicos dos players” e “cabeças de chuchu” são incompatíveis com a figura do desportista, deformam-no caricaturalmente. A ridicularização é construída através do emprego de adjetivos pejorativos para a caracterização de indivíduos sociais que simbolizavam a modernidade aos olhos da burguesia. Como contemplar algo desarmônico? Ou referir-se aos atletas tão bem vestidos como cabeças de chuchu? A ironia, construída por meio do sarcasmo e da sátira, mostra a consciência de Lima Barreto em relação ao drama da sociedade brasileira.

O cronista continua satirizando o doutor Jacuencanga a partir de documentos sobre vantagens e progressos do futebol, apresentados em sua “notável conferência”. Sobre a disputa entre times do Rio e de São Paulo, há a elaboração de uma crítica à ideia de modernidade, subentendendo que essa rivalidade desdobrou-se como um dos falsos progressos obtidos por meio do *football*:

Um das primeiras vantagens que obtivemos com o *football* foi armar uma rixenta rivalidade entre o Rio e São Paulo (BARRETO, 2004, p. 274).

O termo rixenta é utilizado de forma humorística, referindo-se não apenas ao caos com que eram desenvolvidas as partidas, como também à bagunça e à desordem das rixas provocadas pelos torcedores. Monteiro Lobato, sobre tal questão, enxergava essa tensão como sinal positivo de vitalidade, refletindo sobre a impossibilidade de assistir a uma disputa entre os dois grandes centros da sociedade brasileira e permanecer indiferente à mobilização social suscitada:

E os delirios collectivos provocados pelo combate de dois campeões em campo? Impossivel assistir-se a espectáculo mais revelador da alma humana que os jogos de futebol em que disputam a primazia paulistanos e italianos, em S. Paulo (LOBATO, 1922, p. 218).

O doutor Jacuencanga assevera, por meio da “rixenta rivalidade”, ironicamente vista como vantagem, um reconhecimento de que a dimensão social do futebol se estenderia não só da esfera local para uma esfera regional, mas também para a esfera intercontinental:

Uma outra vantagem que adveio para a nossa terra, foi o ressentimento dos uruguaios que aqui vieram disputar um campeonato. Os cisplatinos chegaram a procurar as suas autoridades diplomáticas para queixar-se do mau tratamento que lhes dispensamos (BARRETO, 2004, p. 274).

A rivalidade se alastrava, assim, aos países da América do Sul, colocando em risco a relação entre as nações sul-americanas, e sendo apontada por Lima Barreto (2004, p. 274), ironicamente, como mais um dos progressos conquistados pelo *football*: “Não há dúvida alguma que isto foi uma vitória para a fraternidade sul-americana, obtida pelo *football*”.

A ironia do cronista se distingue irreverente, ainda, ao expor no discurso do doutor uma das contradições disseminadas pela prática futebolística de forma satírica: o comportamento hostil adquirido pelas mulheres ao longo das partidas. Há a construção de duas figuras femininas: por um lado, mulheres determinadas, de forte personalidade, que seguiam as conquistas modernas propiciadas pelos adventos da modernização; por outro, grupos de jovens fracas, incapazes de se adaptar ao ritmo alucinante das cidades metropolitanas:

Há tempos o *Jornal do Comércio* noticiava o fato de uma senhora, Dona Albina***, casada com o Senhor Washington***, tentar suicidar-se, porque o seu esposo era um apaixonado do *football*.

O venerando órgão assim narra a ocorrência:

O marido de Albina, que é carteiro de terceira classe da Repartição dos Correios, diariamente deixava a casa onde residia com a esposa, na Rua Honório 339, em Caxambi, no Méier e lá ia, rumo do campo de *football*, antes de iniciar o seu serviço nos Correios.

A mulher diariamente lhe repreendia por esse fato. Achava ela que esse não devia ser o comportamento de um bom marido.

Ainda ontem tal cena se repetiu. O marido não quis atendê-la. A mulher tomada de desgosto resolveu, por tão pouco, acabar com a vida. Para isso munuiu-se ela de um vidro etc., etc.

(...) Essa senhora que tentou suicidar-se – essa é um coração fraco que não está ao par das conquistas modernas da civilização (BARRETO, 2004, pp. 274-275, grifo do autor).

O cronista, na voz do doutor, e operando a ironia, faz uso de elementos verossímeis, como nome e profissão de personagens, localização do bairro, da rua e até mesmo a numeração da casa onde habitam, fortificando, assim, a verossimilhança do fato que narra. Ao ler que Dona Albina havia tentado se suicidar, o leitor logo imagina um motivo considerável para que tomasse tal atitude. Lima Barreto expõe, ironicamente, a razão para que se cometesse tal ato: “porque o seu esposo era um apaixonado do *football*”. Indignada com o mau comportamento e a falta de atenção do marido, a mulher decide realmente suicidar-se. O autor constrói a sátira em relação a esta cena dramática ao referir-se à Dona Albina como “um coração fraco que não está a par das conquistas modernas da civilização” – as conquistas do *football*.

Já as mulheres determinadas, de forte personalidade, são construídas através da comparação entre elementos conflitantes:

Vejam como as “torcedoras” dos grandes clubes usam um vocabulário viril, até o próprio calção, para animar os do seu partido ou desnortear os do adverso!

É mais uma conquista *do football*, essa da civilização vocal das senhoras e senhoritas (BARRETO, 2004, p. 275, grifo do autor).

As damas da alta burguesia, apesar de frequentarem os estádios com luxuosa indumentária, tinham, ao longo do evento, atitudes que não condiziam com sua conduta social: “vejam como essa ‘torcedoras’ dos grandes clubes usam um vocabulário viril, até o próprio calção (...). É mais uma conquista do *football*, essa da civilização vocal das senhoras e senhoritas”.

Ainda, para realçar o caráter satírico, o cronista afirma:

Aqui, no Rio, não há domingo em que esse extraordinário jogo tão zoológicamente executado com os pés, não mereça a consagração de barulhos, rixas e conflitos, em todos os campos da cidade (BARRETO, 2004, p. 275).

Ao fazer uso do vocábulo “zoológicamente”, utilizado para aludir à índole animalesca da prática futebolística. Ora, e por que essa não poderia ser uma conquista proporcionada pelo *football*? Certamente, não nos moldes modernistas idealizados pela aristocracia. Contudo, por um determinado momento, as mulheres se desprendiam das amarras sociais que lhes eram impostas.



Figura 3: Torcedoras acompanham um jogo de futebol disputado em São Paulo, no ano de 1921. Fonte: Arquivo *O Globo*.

As rivalidades que se estendiam para fora do campo externavam no homem comportamentos selvagens, o que era uma grande contradição à época, já que o esporte se consolidou no início dos anos de 1920 como um dos principais pilares da modernização. A irreverência na ironia de Lima Barreto expunha um último aspecto: o futebol trazia à tona instintos humanos que muitas vezes não eram deleitáveis aos olhos, revelando que resquícios bárbaros e primitivos nunca se apagarão do interior do homem. O cronista relata a violência que se deliberou no decorrer de uma partida. Por mais rude que pudesse ser o contexto dos primeiros jogos de futebol, a brutalidade era vista como uma vitalidade louvável. Diz o doutor:

À tarde, quando se realizava, no campo do Clube de Football Guanabara, em Niterói, o jogo entre este clube e o Malta, houve um conflito de graves proporções, do qual saíram feridas quatro pessoas, sendo que três gravemente.

Descreve os pródromos da contenda, e em seguida narra:

Afinal, João Ribeiro, que jogava pelo Clube Malta, exasperado, retirou-se por instantes do campo, e, armado de um revólver, voltou, tentando agredir um dos *footballers* do clube adversário.

Tomada de fúria sagrada em prol das cores da sua sociedade esportiva, a 'Malta', João feriu mais outras pessoas, com o seu heróico revólver (BARRETO, 2004, p. 276, grifo do autor).

João Ribeiro, autor dos disparos, possui nome e sobrenome, o que realça a verossimilhança com o fato narrado. O cronista constrói sarcasticamente, por meio do discurso do doutor Jacuencanga, a forma branda com que era tratada a violência gerada pelos praticantes do *football*. A qualidade incompatível entre atributo e referente realça essa percepção: o heroico revólver. Como um revólver, capaz de dar fim à vida de um cidadão, pode ser heroico? Outra expressão é fúria sagrada, também construída por meio do sarcasmo. A ideia de fúria está relacionada com o nome do clube pelo qual João Ribeiro atuava: Clube Malta. A expressão malta evidencia a ideia de desordem, escória, ralé. Todavia, a escória de bárbaros era sagrada, pois pertencia ao *football*. O tom sarcástico evidencia, por um lado, o descontrolado comportamento desses torcedores e, por outro, a irresponsabilidade e desdém dos policiais e autoridades públicas para a punição dos culpados.

A irreverência irônica em Uma Conferência Esportiva, construída principalmente através do sarcasmo e da sátira, revela contradições das ideologias modernistas criadas acerca do futebol. Se, por meio de efeitos de sentido que reafirmam a sátira e o humor, Lima Barreto constrói, através da fala do doutor Jacuencanga, caricaturas dos desportistas e das mulheres que acompanhavam os jogos, ridicularizando a desordem dessas partidas

e a conduta indisciplinada das senhoritas, por meio de efeitos de sentido que afirmam o sarcasmo, o autor expõe o paradoxo do contexto futebolístico: um símbolo da modernidade para a aristocracia que se revertia em caos, desordem, segregação, e até mesmo em atos violentos que poderiam culminar em irreversíveis tragédias.

A conferência termina com o doutor Jacuencanga quase colocando em ata o que disse ao declarar: “tenho dito”. Enquanto o cronista finaliza a crônica dizendo:

Houve uma prolongada salva de palmas e um começo de rolo. Alguns *footballers* quiseram agredir um cronista esportivo: mas ficou só em ameaça.

Ainda bem (BARRETO, 2004, p. 277).

Nas entrelinhas, a ironia constrói a crônica e revela o pensamento crítico, criativo e sutil do cronista.

1.5. Aproximação entre camadas sociais

Nos mesmos jogos nos quais o Fluminense juntava em suas arquibancadas uma juventude elegante e seleta, uma pequena multidão de curiosos, marcada por crianças, jovens, pobres e negros, exprimia-se sobre os telhados e muros na tentativa de apreciar o jogo. Essa massa ia, em ocasiões como essa, aproximando-se do esporte e fazendo dele uma alternativa de lazer e meio de diversão, que atraía um contingente cada vez maior de admiradores entre as classes trabalhadoras. A popularização do futebol nas classes mais humildes ocorreu quase concomitantemente com a sua difusão nas principais competições amadoras praticadas pela elite. Deixando de ser um monopólio de poucos, o futebol transformava-se em um jogo praticado por grupos de diversos perfis sociais.

A Liga Metropolitana de Foot-ball, como explicitado, foi fundada em julho de 1905. Seu êxito, em janeiro de 1907, acarretou em sua transformação na Liga Metropolitana. Grande parte das novas regras possuía um objetivo muito claro: definir o perfil de seus membros. A diretoria resolveu, por unanimidade de votos, impedir o registro de negros nas competições. A decisão refletia o caráter segregacionista da elite carioca não apenas na esfera esportiva, como também no contexto social. A imagem civilizatória que o centro cosmopolita desejava propagar estava fortemente relacionada com o processo de branqueamento da população.

Essa decisão, todavia, não foi aceita por todos os clubes filiados à Liga. Trazendo ao corpo de sua associação a presença de trabalhadores e de um jogador negro, o time do Bangu transformou-se em um dos principais alvos de discriminação da elite esportiva

carioca e decidiu se desligar da Liga Metropolitana. Mesmo definindo o perfil de seus filiados, não havia como evitar que grupos excluídos criassem suas próprias associações. Em 1907, os times do subúrbio fundaram a Liga Suburbana de Foot-ball. O sucesso da nova entidade geraria o aparecimento por toda a cidade de novas agremiações, abrindo um vasto campo para a prática do jogo. O futebol alastrava-se por toda a cidade.

Uma grande novidade toma conta da cidade do Rio de Janeiro em julho de 1908: a visita do combinado da Argentina. Mais do que a própria disputa pela taça, estava em jogo o orgulho da nação. Mesmo após a derrota, a grande exaltação causada em 1908 em relação à disputa contra os argentinos foi um dos principais marcos que abriria novos horizontes para um esporte que até então se mantinha em caráter restrito. No decorrer dos anos, era possível perceber a transformação de uma prática refinada em uma atividade que englobasse cidadãos de diferentes camadas sociais. Junto a esse movimento, nasce o processo de identificação de torcedores com o esporte, construindo junto a seus praticantes relações futebolísticas e sociais com o espaço físico onde eram desenvolvidas as partidas. Leonardo Pereira (2000, pp. 120-121, grifo do autor) enfatiza essa visão:

Nem só nos jogos dos times da liga, no entanto, essa mudança podia ser notada. Estreitando-se cada vez mais o fosso que separava o futebol praticado nos times elegantes daquele praticado por outros grupos por entre a cidade, o jogo ia ganhando novos adeptos, alargando em muito seu círculo de praticantes. Desde os primeiros anos do século, já eram comuns as partidas como aquelas disputadas em 1916 por marinheiros “no campo improvisado” na praia do Russel; nesse momento elas já pareciam, porém, revestir-se de uma penetração social muito mais ampla, ganhando destaque em jornais como o *Correio da Manhã*. Praticado institucionalmente por alunos das escolas municipais, por presidiários da Casa de Detenção ou pelos membros da Brigada Policial, o jogo envolvia de forma direta os mais diferentes grupos sociais.

Por intermédio da atividade realizada em distintos espaços sociais, o futebol desenvolvia novas configurações esportivas. Leonardo Pereira (2000, p. 132, grifo do autor) salienta a forma como as partidas se desenrolavam: “(...) era jogado pelas ruas ‘com cascas de laranja, com pedaços de pedra’ ou mesmo com qualquer trapo de pano, com enchimento de papel’, em ‘qualquer terreno, que não seja muito íngreme”.

Na crônica intitulada *Divertimento?*, escrita em 4 de dezembro de 1920, Lima Barreto (2004, p. 233) promove uma reflexão acerca da designação atribuída aos novos praticantes que ganhavam destaque no cenário futebolístico: “Não quero que se acabe com semelhante jogo; como não quero que se acabe com a capoeiragem (...) É preciso, porém, dar os nome aos bois. Essa coisa não é divertimento, não é esporte”.

Apesar da desordem observada no início da prática futebolística, Lima Barreto tece uma analogia entre o jogo de futebol e o jogo da capoeira. Os movimentos, o contato corporal, são características primordiais nos dois esportes, mesmo que o primeiro ainda não possuísse uma marca identitária ou uma organização bem estruturada e clara. A partir da popularização e do desenvolvimento de uma identidade futebolística mais precisa, os jogadores se valeriam da dança, do gingar, do ritmo presente na capoeira. O autor parece compreender relações de alteridade entre futebol e capoeira. Além disso, observa que, para que o futebol pudesse se transformar em um esporte com traços do povo brasileiro, não bastaria apenas melhor organização de suas ligas, mas a diferenciação em relação ao esporte praticado em terras inglesas.

Importa, então, perceber a alteridade na construção do processo identitário. O homem, por essência, é um ser social. As identidades são formadas inevitavelmente através do convívio e das relações estabelecidas com outras culturas. Além de estabelecer uma crítica ao caráter segregacionista e discriminatório presente nas principais ligas amadoras, o cronista defende a inclusão de outras culturas na sociedade brasileira. Todavia, entendemos que renunciar às primeiras configurações do futebol, assim como aos resquícios da cultura europeia e do período colonial como parte da formação identitária brasileira, é uma forma de renúncia à própria sociedade. Silviano Santiago (2000, p. 18) explicita: “Sua geografia [América latina] deve ser uma geografia de assimilação e de agressividade, de aprendizagem e de reação, de falsa obediência”. Não há como resignar costumes provenientes de outros povos. A constituição de uma sociedade é o resultado de uma grande miscigenação. O que é indiretamente discutido por Lima Barreto em suas crônicas é a absorção da cultura colonial para a recriação de um novo costume, com traços moldados pelo povo brasileiro, aplicada tanto no contexto social quanto no cenário futebolístico.

1.5.1. Torcida: nasce uma rivalidade regional

O entusiasmo gerado pela febre do futebol traria como consequência o surgimento de um forte fenômeno: a torcida. Nos primeiros anos, o público que acompanhava as partidas se restringia aos sócios dos clubes elitistas. Com a configuração que o futebol adquire, o perfil de quem o praticava e assistia mudaria radicalmente. Leonardo Pereira (2000, p. 126, grifo do autor) ilustra essa questão ao citar uma peça teatral de Cardoso Meneses, *Dous a zero*, encenada em 1919:

Construindo sua trama em torno da devoção pelo futebol de um grupo de jovens elegantes, que fazia do jogo ‘uma verdadeira mania entre a mocidade’, um dos personagens alertava os demais para a rápida ampliação do fenômeno. ‘-Lá em casa, até os criados discutem na cozinha o *foot-ball*’.

O futebol transformava-se, a partir da apropriação e ressignificação das diversas classes sociais, em um grande fenômeno de massa. Essa ideia pode ser observada por meio da relação que o futebol construía entre os jovens elegantes da aristocracia e os criados da casa. O aludido esporte deixava de ser prioridade apenas de uma minoria seleta e se constituía em atividade de lazer para as classes sociais mais humildes. Um dos maiores exemplos dessa nova configuração é o nascimento da rivalidade entre equipes da cidade do Rio de Janeiro e de São Paulo. As disputas entre times dessas duas regiões começaram a ser organizadas em 1906 e, nos anos seguintes, estender-se-iam para fora dos gramados.

Na crônica intitulada *Sobre o football*, publicada no dia 15 de agosto de 1918, Lima Barreto (2004, p. 372) inicia a crônica dizendo: “Nunca foi do meu gosto o que chamam *sport*, esporte ou desporto; mas quando passo longos dias em casa, dá-me na cisma (...) ler as notícias esportivas, pois leio os jornais de cabo a rabo”. Percebe-se que a variedade de nomes utilizada para denominar o futebol reflete uma prática mal definida, com as primeiras características ainda muito ligadas à origem bretã. Nota-se também que o cronista não é afeito ao esporte, mas o tempo de reclusão que impõe a si mesmo desperta curiosidade de ler as notícias esportivas, que tratam da disputa de um jogo entre duas equipes - uma do Rio de Janeiro, outra de São Paulo:

Nestes últimos dias, todas as notícias sobre um encontro entre jogadores de *football* daqui e de São Paulo não me escaparam. Em começo, quando toparam meus olhos com os títulos espalhafatosos, sorri de mim para mim, pensando: estes meninos fazem tanto barulho por tão pouca cousa? “Much ado about nothing” (...) (BARRETO, 2004, p. 372, grifo do autor)

Os títulos espalhafatosos ao qual se refere ilustram o destaque de uma linguagem sensacionalista, usada por grande parte dos jornalistas. Percebe-se que a linguagem era um instrumento fundamental não apenas para Lima Barreto, como também para os jornalistas da imprensa, responsáveis por difundir as emoções provocadas pelo futebol e por atingir o maior contingente possível de leitores. O título, dessa forma, é importantíssimo, já que é a primeira chamada para a leitura das crônicas esportivas. Por isso, devem ser cativantes. A passagem: “sorri de mim para mim, pensando: estes meninos fazem tanto barulho por tão pouca cousa? ‘Much ado about nothing’”, revela como o cronista utiliza a própria língua inglesa para a construção da sátira ao futebol e

aos seus praticantes. Os vocábulos em inglês que se destacavam nas matérias jornalísticas, além de seu uso corriqueiro nos círculos aristocratas, fortaleciam o caráter modernista e exclusivo que a aristocracia desejava transmitir. “Much ado about nothing” faz alusão à comédia de Shakespeare, *Much ado about nothing (Muito Barulho por Nada)*. Por meio dessa expressão, Lima Barreto utiliza a própria língua do país que exportou a prática futebolística para o Brasil para construir um certo ceticismo em relação à dimensão social que o esporte poderia alcançar.

O cronista, todavia, se espanta com um “solene período” que trata de acusações da imprensa paulista contra a competência e honestidade do árbitro da partida, atribuindo à ele a vitória dos cariocas. Admira-se o cronista com a ênfase do período:

Diabo! A cousa é assim tão séria? Pois um puro divertimento é capaz de inspirar um período tão gravemente apaixonado a um escritor? (BARRETO, 2004, p. 372).

A irreverência da ironia é elaborada também por meio do coloquialismo, que, nesta crônica, sugere a ideia de que, ao mesmo tempo em que o cronista parece se assustar com as proporções que ganhava o encontro entre as duas equipes, tentava negar que tal disputa envolvesse “os neutros ou mesmo os indiferentes, como eu, que sou carioca, mas não entendo de *football*” (BARRETO, 2004, p. 373). Para reforçar o efeito do ceticismo, o cronista tece diálogo direto com o leitor, como se estivesse compartilhando uma conversa.

Para tentar compreender um “período tão gravemente apaixonado a um escritor”, o cronista lembra-se da brutalidade dos jogos de futebol americano, derivado do rúgbi, nos EUA. “Mas nós?” (BARRETO, 2004, p. 372), se pergunta:

Eu sabia, entretanto, pela leitura de Jules Huret, que o famoso *match* anual entre as universidades de Harvard e Yale, nos Estados Unidos, é uma verdadeira batalha, em que não faltam, no séquito das duas *équipes*, médicos e ambulâncias, tendo havido, por vezes, mortos, e, sempre, feridos. Sabia, porém, por sua vez, o que é o ginásio da primeira verdadeiro sanatório de torturas físicas; que o jogo de lá é diferente do usado aqui, mais brutal, por exigir o temperamento já de si brutal do americano em divertimentos ainda mais brutais do que eles são. Mas nós?... (BARRETO, 2004, p. 372)

O uso de vocábulos relacionados com o contexto de guerra, como batalha, médicos e ambulâncias, sanatório de torturas físicas, mortos e feridos, simbolizam a brutalidade com que eram disputados os jogos de futebol americano. Nas entrelinhas de seu discurso, oculta certa preocupação das práticas futebolísticas brasileiras tomarem os

mesmos desdobramentos. Refere-se aos americanos escarnejadamente através da repetição do adjetivo brutal: “o jogo de lá é diferente do usado aqui, mais brutal, por exigir o temperamento já de si brutal do americano em divertimentos ainda mais brutais do que eles são”. A disputa é então levada para fora do campo:

Reatei a leitura, dizendo cá com os meus botões: isto é exceção, pois não acredito que um jogo de bola, e sobretudo jogado com os pés, seja capaz de inspirar paixões e ódios. Mas, não senhor! A cousa era a sério e o narrador da partida, mais adiante, já falava em armas. Puro *front!* (BARRETO, 2004, pp. 372- 373).

Lima Barreto constrói mais uma vez a ironia em sua crônica por meio do coloquialismo. O cronista alimenta o ceticismo ao se negar a acreditar que uma simples disputa entre dois times poderia causar tamanhas dimensões. O trecho “dizendo cá com meus botões” revela o caráter reflexivo do cronista, enfatizando as sensações que a linguagem sensacionalista despertava até mesmo em um leitor indiferente ao futebol. Essa passagem, todavia, não se reduz apenas ao cronista, mas também estimula o leitor a refletir sobre o que está dizendo. Como “um jogo de bola, e sobretudo jogado com os pés” pode causar paixão e ódio? Se, por um lado, cria-se a ideia de que um esporte praticado com os pés não seria capaz de despertar o interesse dos cidadãos, por outro, observa-se uma maior dificuldade em controlar a bola com os pés, em comparação com as mãos. Logo, o futebol não seria tão facilmente praticado, ou seria? No final do trecho, a ironia se faz presente através do coloquialismo e da exclamação: “Mas, não senhor! A cousa era a sério e o narrador da partida, mais adiante, já falava em armas. Puro *front!*” O cronista busca convencer o leitor que as proporções culminadas pelo esporte eram realmente preocupantes, expondo o seu ceticismo junto a sua surpresa frente à extensão que a disputa tomava.

O cronista continua:

Continuei a ler a descrição do jogo, mas não entendi nada. (...) Eram só *backs, forwards, kicks, corners*; mas havia um “chutada”, que eu achei engraçado. Está aí uma palavra anglo-lusa. Não é de admirar, pois, desde muito, Portugal anda amarrado à sorte da Inglaterra; e até já lhe deu muitas palavras, sobretudo termos de marinha: *revolver* vem de “revolver”, português, e *comodoro* de “comandante” (BARRETO, 2004, p. 373, grifo do autor).

Ao longo da crônica, Lima Barreto desenvolve uma reflexão sobre a língua, de forma geral, utilizada como instrumento de colonização, *status* social, adequação dos hábitos sócio-culturais à cultura disseminada pelas metrópoles europeias e norte-americanas, ou intercâmbio de cultura, como caracterizado entre Portugal e Inglaterra. Os vocábulos em inglês, *backs, forwards, kicks, corners*, refletiam não apenas a falta de

identidade brasileira da prática futebolística, ainda muito ligada à cultura bretã, como também seu caráter restrito, pois poucos cidadãos possuíam condições de compreender o significado dos jargões estrangeiros.

Os vocábulos em inglês, todavia, possuíam múltiplas possibilidades de interpretações, que iam além de sua tradução literal:

A coisa era a sério e o narrador da partida, mais adiante, já falava em armas.
Puro *front!*

(...)

Passei o dia, pensando que a coisa ficasse nisso; mas, no dia seguinte, ao abrir o mesmo jornal e ler as notícias esportivas, vi que não. A disputa continuava, não no *ground*; mas nas colunas jornalísticas (BARRETO, 2004, p. 373).

Os termos *front* e *ground*, através de uma tradução literal, podem ser lidos como frente (de guerra) e campo. Porém, também estão atrelados à ideia de território identitário. A partir do momento em que grupos sociais (formados por torcedores, jogadores, jornalistas) constroem suas identidades vinculadas a espaços físicos onde eram disputadas as partidas, o futebol começa a tomar suas primeiras dimensões como um fenômeno social. Essa ideia complementa-se neste trecho:

O órgão de São Paulo, se bem me lembro, dizia que os cariocas não eram “cariocas”, eram hebreus, curdos, anamitas; enquanto os paulistas era “paulistas”. Deus do céu! exclamei eu. Posso ser rebolo (minha bisavó era), cabinda, congo, moçambique, mas judeu - nunca! Nem com dois milhões de contos! (BARRETO, 2004, p. 373, grifo do autor)

A concepção de território identitário é construída não apenas pelos indivíduos que habitam o espaço físico no qual estão inseridos, como também pelos olhos do outro. Os clubes e agremiações eram vistos e se identificavam por meio de uma esfera futebolística e social. No entanto, Lima Barreto utiliza a ironia, construída novamente por meio do coloquialismo, para se aproximar do leitor no discurso que demonstra sua surpresa: “Deus do céu! exclamei eu” e sugere: não sou carioca, segundo os paulistas. O cronista nega a ideia de pertencimento a todos os elementos étnicos e culturais presentes na sociedade carioca, reconhecendo sua origem em certos povos e negando-a em culturas com as quais não se identifica.

Ironicamente, o autor acaba confessando, mesmo que nas entrelinhas de seu discurso, o fato de que o *football* lhe suscitava estranhas sensações, impedindo-o de permanecer indiferente ao que lia:

Esta minha mania de seguir cousas de *football* estava a fornecer-me tão estranhas sensações que resolvi abandoná-la. (...) Mas, parece que havia algum

gênio mau que queria, com as histórias de *football*, dar-me tenebrosas apreensões (BARRETO, 2004, pp. 373-374).

Essa visão é acentuada a partir de expressões, como “esta minha mania”, “estranhas sensações”, “tenebrosas apreensões”. As passagens revelam uma inquietação do autor, incapaz de controlar seu impulso. E, logo mais, se espantaria com um título de uma coluna esportiva, publicada em 14 de julho de 1918 - “Rio *versus* São Paulo”:

Rio *versus* São Paulo – a Capital Federal está em festas. De vinte em vinte quatro horas as fortalezas salvam, as bandas de música executam hinos festivos e nas diferentes sedes esportivas o *champagne* corre a rodo como se estivéssemos festejando o último dia de guerra. Nas avenidas, praças, ruas e becos, homens já na casa dos cinquenta, matronas escondendo a primavera dos sessenta e crianças ainda mal desabitadas dos cueiros, só falam no grande acontecimento que encheu de júbilo um milhão e pouco de almas nascidas e domiciliadas na encantadora Sebastianópolis: a vitória do *scratch* carioca... (BARRETO, 2004, p. 374).

A linguagem utilizada pelo cronista suscitava os mais distintos sentimentos em uma população que já não mais se mantinha imparcial. A vitória da equipe carioca contra a paulista ganha proporção comparada a uma batalha de guerra, como é possível perceber em passagens como “fortalezas salvam”, “hinos festivos”, “último dia de guerra”. A grande dimensão social propagada pelo futebol começava a atingir um público que não se restringia apenas à população masculina, como também às jovens gerações. Não se restringia a um único lugar, contaminava cada centímetro da cidade: “Nas avenidas, praças, ruas e becos, homens já na casa dos cinquenta, matronas escondendo a primavera dos sessenta e crianças ainda mal desabitadas dos cueiros”. A partida é descrita como um “grande acontecimento que encheu de júbilo um milhão e pouco de almas”, dramatizando o ritual futebolístico brasileiro.

O cronista encerra a crônica dizendo:

Meu caro Baby: isto deve ser Bizâncio, no tempo de Justiniano, em que uma partida de circo, com os seus “azuis” e “verdes”, punha em perigo o império; mas não o Rio de Janeiro. Se assim fosse, se as partidas de *football* entre vocês de lá e nós daqui apaixonassem tanto um lado como o outro, o que podia haver era uma guerra civil; mas, se vier, felizmente, será só nos jornais e, nos jornais, nas seções esportivas, que só são lidas pelos próprios jogadores de bola adeptos de outros divertimentos brutais, mas quase infantis e sem alcance, graças a Deus; dessa maneira, estamos livres de uma formidável guerra de secessão, por causa do *football*! (BARRETO, 2004, pp. 374-375)

A cética ironia demonstra a recusa do cronista em acreditar que, mesmo após todo aquele furdunço, o *football* poderia alcançar dimensões imensuráveis e culminar em incontrolláveis manifestações. Além do mais, acredita que “isto deve ser Bizâncio”, uma tolice “que punha em perigo o império; mas não o Rio de Janeiro”. Mesmo escondendo

uma certa inquietação em relação à dimensão que a atividade tomava, o cronista permanece cético até o final da crônica. O trecho “o que podia haver era uma guerra civil; mas, se vier, felizmente, será só nos jornais e, nos jornais, nas seções esportivas, que só são lidas pelos próprios jogadores” reflete sua recusa em admitir que o futebol pudesse causar repercussões maiores. A ironia se constrói em um jogo de palavras que sai do campo e inscreve-se nos jornais, circunscrevendo uma guerra civil restrita às seções esportivas e aos desportistas. Com humor, sarcasmo e ironia, o cronista enfatiza: “dessa maneira, estamos livres de uma formidável guerra de secessão, por causa do *football!*” É importante relacionar ainda o final da crônica com o espaço físico onde eram inseridas as crônicas futebolísticas, ou seja, nas colunas sociais dos jornais e revistas, que noticiavam em sua grande maioria os eventos de destaque do círculo aristocrata. O futebol, assim, era compreendido como uma celebração do cosmopolitismo e da modernidade.

A ironia na crônica *Sobre o football* é construída, principalmente, por meio do coloquialismo. A recusa de Lima Barreto em acreditar que a prática futebolística possa gerar conflitos e proporções ainda maiores, revela uma ambiguidade em seu discurso. O autor parece se divertir, através do humor, com as notícias publicadas nos jornais e com as proporções que a disputa entre os times do Rio e de São Paulo alcançavam.

1.6. Tensão racial

Com a popularização do esporte, tornava-se cada vez mais explícita a tensão étnica presente na esfera futebolística e no contexto social. O maior conflito ocorreu em 1921, durante os preparativos para a escolha dos jogadores que disputariam o campeonato sul-americano na Argentina. Bernardo Buarque de Hollanda (2003, p. 34) reflete sobre o fato de que não estava em jogo apenas o critério da triagem dos atletas, como também a imagem que se desejava passar da nação brasileira através de seu selecionado:

Tais jogos [intercontinentais] são cruciais na formulação da questão da identidade, à medida que ensejam a discussão sobre a imagem do país no exterior e reforçam a ideia de unidade nacional por intermédio dos esportes. (...) As modestas participações do Brasil nas Copas do Mundo de 1933 e 1934 trazem à tona a discussão sobre a composição do selecionado brasileiro, formada então hegemonicamente por jogadores brancos. (...) O bom desempenho dos jogadores de origem negra abre a brecha para a associação entre a identidade esportiva e o diferencial étnico de constituição do povo brasileiro.

Formado por jovens brancos e de aparência elegante, deixando de lado negros e mestiços, o combinado brasileiro tecia os contornos da imagem do preconceito racial. O

fato dividia a imprensa carioca. Alguns jornais, como *O Imparcial*, ligado ao presidente da Confederação Brasileira de Desportos, omitiam-se sobre a situação. Leonardo Pereira (2000, p. 178, grifo do autor) expõe o posicionamento da oposição:

(...) a diretoria da Confederação recebia críticas como aquela formulada pelo redator esportivo do jornal *O Paiz*: atacando Almeida Neto, um dos jogadores escalados no selecionado brasileiro, ele afirma ser Luís Antônio um “ótimo substituto”, cobrando ainda a inclusão no time de outros jogadores negros como Antenor, do Bangu. Até lideranças operárias, como Maurício de Lacerda, vinham a público dar sua opinião, estampando nas páginas do jornal *O Avante* um artigo no qual atacava a “deliberação idiota” da Confederação. Lembrando o valor de mestiços como Friedenreich e de negros como Gradin, ele afirmava ser a decisão prejudicial não só no que tange “à fraternidade humana”, mas também à própria “unidade nacional” – pois, como lembrava Cesarino César, da Liga Suburbana, os jogadores excluídos seriam todos “brasileiros natos, gozando de toda as prerrogativas das nossas leis sociais, sportivas, comerciais, diplomáticas, intelectuais, etc”.

As críticas de Lima Barreto durante os anos de 1920 foram essenciais em diversos aspectos. Lilia Schwarcz (2017) ressalta como o autor se posicionava contra as principais reformas públicas, perseguições às manifestações culturais populares, violências propagadas pela polícia e abandono e descaso em relação à população menos favorecida. As críticas do escritor foram primordiais em um ponto específico: Lima Barreto acusa de modo enfático a exclusão dos negros do futebol. Sua denúncia não se reduz apenas ao contexto esportivo, como também ao cenário paradoxal em que se encontrava a população negra: livre da escravidão, mas presa a conceitos discriminatórios. Através de ironia em grande parte sarcástica e de sua característica militante, dedica-se a denunciar as piores adversidades da sociedade carioca, mesmo que, para isso, precisasse se opor à febre modernista, como ressalta Nelson Rodrigues Filho (1995, p. 46):

(...) O objetivo que norteava a sua literatura militante reaparece em seu jornalismo combatente, em face do notório elitismo e do indisfarçável preconceito social e, sobretudo racial, que marcava a atividade clubística e futebolística. (...) não fosse Lima Barreto o escritor e jornalista que dedicou o melhor de seu talento à causa da justiça e da solidariedade (...) optando pelo combate em demanda de reconhecimento, contra a posição cômoda de renunciar à luta, em favor de uma vida intelectual conformada.

Lima Barreto vivenciou o contexto das partidas futebolísticas, momento em que a atividade se difundiu com o eminente intuito de adequar os hábitos sociais das principais metrópoles brasileiras ao estilo de vida propiciado pelos grandes centros cosmopolitas do continente europeu. Na crônica Bendito *football*, publicada no dia primeiro de outubro de 1921, o autor revela sua aversão ao esporte: “Não há dúvida alguma que o *football* é uma instituição benemérita, cujo rol de serviços ao país vem sendo imenso e parece não querer

ter fim” (BARRETO, 2004, p. 432, grifo do autor). O cronista ironiza de forma sarcástica o esporte, simbolizado como instituição benemérita, e reconhece em sua prática de serviços prestados ao país. Mas que serviços o *football* poderia prestar à sociedade? Auxiliar a suprir problemas em segmentos sociais? Incentivar a inclusão sócio-racial de grande parte da população? O futebol não era visto apenas como uma prática inútil aos olhos de Lima Barreto, como também um fator de dissensão:

Além daqueles ótimos serviços, que citamos, prestados, pelo *football*, à Pátria e à mocidade brasileira de mais de quarenta anos, falemos de um terceiro [serviço] mais geral de que todos nós brasileiros lhe somos devedores: ele tem conseguido, graças a apostas belicosas e rancorosas, estabelecer não só a rivalidade entre vários bairros da cidade, mas também o dissídio entre as divisões políticas do Brasil. Haja vista o que se tem passado entre São Paulo e Rio de Janeiro e vice-versa, por causa do jogo de pontapés na bola (BARRETO, 2004, p. 432).

O sarcasmo é elaborado por meio dos contrários: a união, construída por meio de todos os brasileiros, explicita a desunião, ilustrada através da rivalidade entre vários bairros da cidade do Rio, do dissídio entre as divisões políticas do Brasil, e, principalmente, da rivalidade que se estendia no eixo Rio-São Paulo. O cronista constrói essa ideia na passagem:

O *football* é eminentemente um fator de dissensão. Agora mesmo, ele acaba de dar provas disso com a organização das turmas de jogadores que vão à Argentina atirar bolas com os pés, de cá para lá, em disputa internacional. O *Correio da Manhã*, no seu primeiro *suelto* de 17 de setembro, aludiu ao caso. Ei-lo:

O Sacro Colégio do *Football* reuniu-se em sessão secreta, para decidir se podiam ser levados a Buenos Aires, campeões que tivessem, nas veias, algum bocado de sangue negro – homens de cor, enfim (BARRETO, 2004, pp. 432-433).

Percebe-se que a construção irônica não atinge a chacota, o riso ou o humor. Em Bendito *football*, a ironia construída através do sarcasmo gera efeitos de sentidos que provocam indignação e espanto no leitor. O ceticismo tecido pela palavra “atirar”, demonstra a desordem tática e a falta de qualidade técnica, desqualificando o futebol como esporte. A conjugação do verbo “poder” representa o drama social enfrentado por grande parte da população brasileira, ilustrado no ritual futebolístico: a exclusão racial. Jogadores que tivessem “algum bocado de sangue negro” correndo em suas veias seriam impedidos de representar a nação no torneio que ocorreria na Argentina. A irreverência na ironia de Lima Barreto revela sem pudor o preconceito racial:

A Igreja fazia, fez ou faz uma indagação semelhante que tinha o nome, se a minha ignorância não me trai, de processo de *puritate sanguinis*. Isto, porém, ela fazia para os candidatos a seu sacerdócio, - coisa extraordinariamente

diversa de um simples habilidoso que sabe, com mestria e brutalidade, servir-se dos pés, como normalmente os homens fazem com as mãos, para jogar bolas de cá para lá, da esquerda para adiante, de trás para frente e vice-versa (BARRETO, 2004, p. 433, grifo do autor).

A passagem descrita pelo jornal elucida o contexto de uma sociedade em nítida formação social, cultural e política. O prefeito do Rio de Janeiro, Francisco Pereira Passos, destacou-se à época com a proposta de remodelação das estruturas urbanas e sociais, o que culminou com a dissolução da velha sociedade imperial. Esse processo, conseqüentemente, visava ao branqueamento da população carioca no centro da cidade, varrendo para os morros e subúrbios a grande massa negra e pobre. À vista disso, o cronista denuncia de modo enfático a exclusão dos negros na sociedade como um todo. Esse ponto de vista é construído pelo cronista ligando até mesmo a cor da pele de um homem com a sua capacidade intelectual. O trecho a seguir exemplifica “se minha ignorância [devido a cor de minha pele] não me trai”.

A ironia construída sarcasticamente realça a crítica de Lima Barreto, provocando um sentimento de indignação no leitor em relação ao cenário social do país. O cronista revela, por um lado, sua identificação com os homens de cor, e enfatiza, por outro, o olhar que grande parte da sociedade nutria deles – a de indivíduos ignorantes. A escolha dos sacerdotes na Igreja também relaciona-se com essa ideia, atrelando-se à idealização de um sangue purificado. A população negra, que não possuía o processo de *puritate sanguinis*, era impedida de representar a seleção brasileira em outro país ou ocupar um cargo no sacerdócio da Igreja, devido à sua raça.

O cronista também utiliza o sarcasmo no final do trecho para ridicularizar os jogadores, através dos opostos mestria e brutalidade, assim como o caráter desordenado da prática futebolística. Apesar de possuírem um *puritate sanguinis*, destacavam-se nas desordenadas ligas futebolísticas como bárbaros e selvagens. Os movimentos caracterizados pela bola e pelos próprios atletas simbolizam essa visão: para jogar bolas de cá para lá, da esquerda para adiante, de trás para frente e vice-versa.

A relação entre futebol e sociedade é novamente explicitada por meio da intervenção do cenário político, na decisão de levar ou não desportistas negros para a partida contra a seleção argentina:

O conchavo não chegou a um acordo e consultou o papa, no caso, o eminente senhor presidente da República. Sua Excelência que está habituado a resolver questões mais difíceis como sejam a cor das calças com que os convidados devem comparecer às recepções de palácio; (...) Foi sua resolução de que gente

tão ordinária e comprometedora não devia figurar nas exportáveis turmas de jogadores; lá fora, acrescentou, não se precisava saber que tínhamos no Brasil semelhante esterco humano (BARRETO, 2004, p. 433).

Os termos “conchavo” e “papa” são utilizados de forma sarcástica, referindo-se ao grupo de indivíduos que, mancomunados em prol da defesa de uma imagem que se desejava passar do país através de sua seleção, decidiam o futuro dos jogadores negros. O cronista também se destaca por sua escolha irreverente ao tecer comparação com efeitos depreciativos, relacionando dois cenários distintos - uma ocasião fútil, representada por meio da escolha de uma peça de roupa, em contraste com uma situação de extrema importância, como a segregação racial sofrida por grande parte da sociedade brasileira. Essa comparação evidencia o desinteresse social em relação aos cidadãos de cor: “Sua Excelência que está habituado a resolver questões mais difíceis como sejam a cor das calças com que os convidados devem comparecer às recepções de palácio”.

A importância da alteridade para a construção do processo identitário também é realçada na crônica: “lá fora, acrescentou, não se precisava saber que tínhamos no Brasil semelhante esterco humano”. Lima Barreto, novamente, mostra-se irreverente ao revelar o racismo por meio de imagens impactantes. O autor notabiliza o repúdio aos líderes políticos, que orquestravam a convocação dos jogadores, através da expressão esterco humano. Perturbantes efeitos de sentido são construídos por meio do sarcasmo na comparação da condição humana à imagem do próprio excremento. O cronista continua:

(...) decidiram nomear uma comissão de antropólogos para examinar os “Enviados Extraordinários e Ministros Plenipotenciários da Pátria”, ao certame de junta-pés, na República Argentina. Sabemos que de tal comissão fazem parte as grandes inteligências arianas e ilustres desconhecidos: Senhores Anastácio, Zebedeu Palhano e Juliano Qualquer, doutos todos em várias coisas e também deputados federais.

A providência, conquanto perspicazmente eugênica e científica, traz no seu bojo ofensa a uma fração muito importante, quase metade, da população do Brasil; deve naturalmente causar desgosto, mágoa e revolta; mas – o que se há de fazer? O papel do *football*, repito, é causar dissensões no seio da nossa vida nacional. É a sua alta função social (BARRETO, 2004, p. 433, grifo do autor).

É interessante a referência aos antropólogos, assinalando a ideia de que os bastidores que culminaram com a seleção dos jogadores para disputar o torneio na Argentina, traziam em seu âmago questões raciais da sociedade brasileira. Os “Enviados Extraordinários” salientavam a construção da imagem dos desportistas diferenciados, não-ordinários, ou seja, extraordinários. Já os “Ministros Plenipotenciários” ilustravam a ideia dos detentores de poder. Lima Barreto também relaciona a segregação racial com as teorias eugênicas e científicas, que, anos mais tarde, exerceriam papel fundamental nas

ideologias nacionalistas proferidas por Adolf Hitler, no início dos anos de 1930. O autor elabora a ironia de sua crônica por meio do sarcasmo ao expor a indignação de milhares de indivíduos, irrelevantes aos olhos de uma minoria: “A providência (...) traz no seu bojo ofensa a uma fração muito importante, quase metade, da população do Brasil; deve naturalmente causar desgosto, mágoa e revolta; mas – o que se há de fazer?”.

Esse vínculo se estende da esfera social para contextos governamentais a partir do momento em que dirigentes futebolísticos passam a ser beneficiados por conchavos políticos. O cronista expõe, ainda, críticas que, apesar de escritas nos anos de 1920, adequar-se-iam ao atual contexto social da sociedade brasileira:

O que me admira, é que os impostos, de cujo produto se tiram as gordas subvenções com que são aquinhoadas as sociedades futebolescas e seus tesoureiros infieis, não tragam também a tisona, o estigma de origem, pois uma grande parte deles é paga pela gente de cor. Os futeboleiros não deviam aceitar dinheiro que tivesse tão malsinada origem. Aceitam-no, entretanto, cheios de satisfação (BARRETO, 2004, p. 434).

O termo “sociedades futebolescas” expande a concepção do cenário futebolístico. O substantivo sociedades, utilizado no plural, estende o campo dos diversos grupos sociais que, ao se apropriarem do futebol, ressignificavam-no. Os acordos políticos estruturados entre dirigentes esportivos e membros do governo expõem o fato de que a relação entre futebol e política ocorrer desde o início de sua prática. A expressão “malsinada origem” também possui uma dúplici em sua interpretação, podendo aludir tanto à origem do dinheiro, circulado por mãos de pessoas de cor, quanto à prática da corrupção. A corrupção no futebol revelava o descaso do Estado com a população, o que expõe, mais uma vez, a atualidade das críticas do cronista: “(...) o governo retirava do doutor Belisário Pena as verbas com que ele socorre as pobres populações rurais, flageladas por avarias endêmicas que as dizimam ou as degradam; e punha-se à disposição do *football*” (BARRETO, 2004, p. 434).

Lima Barreto conclui a crônica aludindo a uma publicação em jornal argentino do dia 6 de outubro de 1920, em que os argentinos denominam os *hermanos* brasileiros de “macaquitos”. A publicação chama a atenção não somente pelo texto, mas também pela ilustração:

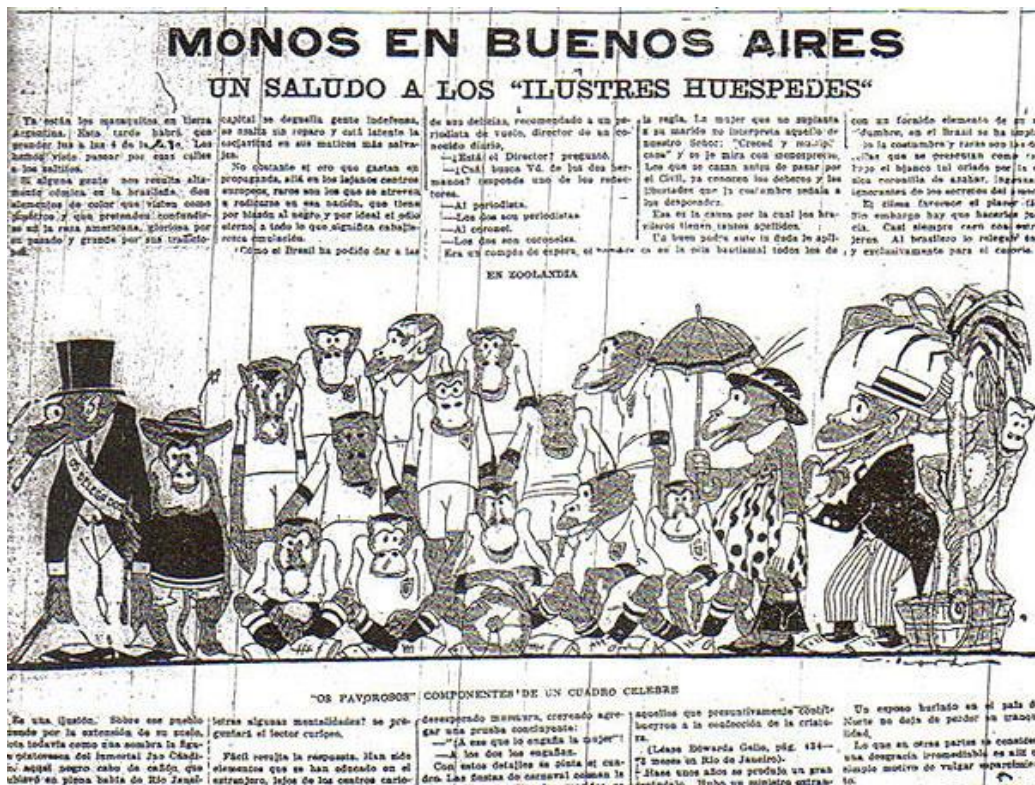


Figura 4: A charge ilustra a satirização dos atletas da seleção e dos cidadãos da sociedade brasileira. Fonte: trivela.com.br.

A imagem explorada pela charge mostra não apenas os atletas, que se destacam no meio com o uniforme da seleção, como também os cidadãos integrantes da sociedade brasileira. Os macacos que se destacam com paletó e chapéu representam a figura masculina da elite, assim como a fêmea, utilizando um guarda-chuva como complemento de sua indumentária. A outra representação feminina é percebida ao lado do macaco com um charuto na boca. É claro o tom pejorativo utilizado nessa enunciação, contudo, é interessante observar como a formação da identidade nacional é gerada pelos olhos do outro. Um grande segmento da nação argentina reconhece o negro como parte formadora da sociedade brasileira, apesar desse reconhecimento estar acompanhado por uma visão pejorativa e racista: “P.S. – A nossa vingança é que os argentinos não distinguem, em nós, as cores; todos nós, para eles, somos *macaquitos*” (BARRETO, 2004, p. 434, grifo do autor). A charge publicada pelo jornal argentino simboliza, por um lado, o início da mudança do perfil de quem passava a praticar a atividade futebolística, movimento caracterizado pela aproximação das outras camadas sociais da prática esportiva. Por outro, revela a forma discriminatória com que eram cunhados os novos praticantes desse esporte e a forte tentativa de sua exclusão do contexto futebolístico.

Por meio de efeitos de sentido que criam o sarcasmo, Lima Barreto expõe, na crônica *Bendito football*, o paradoxo ao qual estava imerso o contexto futebolístico. A mensagem do discurso é claramente explicitada em seu sentido contrário, antifrástico. A crônica *Bendito football* culmina em um teor impactante. Lima Barreto revela, por meio de imagens perturbadoras, o racismo que, apesar de não ser institucionalizado por lei, disseminava-se pela sociedade brasileira por meio de ideologias discriminatórias e segregacionistas. A ironia na crônica indicia a consciência do drama social que marcara a identidade nacional no contexto do ano de 1921. A sociedade carioca se fragmentava em dois cenários: a cidade, remodelada pela alta burguesia, e os morros, início dos grandes subúrbios, ocupados por uma população pobre, negra e marginalizada.

O drama social exposto na crônica *Bendito football* dialoga com os tristes versos de João do Rio (*apud* Nicolau Sevcenko, 2003, p. 94), que escrevia à época da Revolta da Vacina, organizada no ano de 1904:

Sou um triste brasileiro
Vítima da perseguição
Sou preso sou condenado
Por ser filho da Nação

Os versos compartilham sentimentos comuns entre os indivíduos dos diferentes contextos. O drama social, seja em 1904, seja em 1921, culminou na difusão de um sentimento de abandono, discriminação e perseguição de um povo que, da mesma maneira que a alta aristocracia carioca, também fazia parte da nação brasileira. Essa ideia é construída por meio da expressão “triste brasileiro”, perseguido, desprezado, condenado e excluído da sociedade pela condição social, pela cor de sua pele, pelo fato de também ser filho de uma Nação que não o acolhia, não o valorizava, não o respeitava. Tais ressentimentos esculpam, e ainda esculpem, profundas cicatrizes no âmago da população humilde.

As crônicas de Lima Barreto implicam percepção reflexiva acerca do futebol, revelando a tensão, o atrito e as transformações presentes na construção da identidade nacional vinculada à imagem desse esporte. Marshall Berman (1986, p. 15, grifo do autor) propõe em seu ensaio uma ressignificação para o conceito de modernidade semelhante à visão de Lima Barreto:

Existe um tipo de experiência vital – experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje. Designarei esse conjunto de experiências como “modernidade”. Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é a unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar”.

As reflexões expostas por Berman refletem sobre a ideia de que não há construção de uma identidade, seja ela individual, seja coletiva, sem divergência e conflito. Lima Barreto dialoga com essa percepção ao expor em suas crônicas que a diferença é fundamental para o estabelecimento do diálogo, dos diferentes pontos de vista que podem revestir uma sociedade. Uma nação que possui apenas um símbolo de representação identitária não simboliza completamente seus habitantes, e, talvez, não haja uma forma de representação absoluta. Por esse motivo, torna-se ainda mais comum a proliferação e o destaque de grupos que reivindicam seu espaço e seus direitos dentro das sociedades às quais habitam. Nesse sentido, Lima Barreto revela que toda tentativa de construção de uma identidade nacional estável é fadada ao fracasso. Como leva o título da obra de Marshall Berman, refletindo um pensamento de Karl Marx: Tudo o que é sólido desmancha no ar.

Bernardo Buarque de Hollanda (2003) dialoga com as ideias de Berman ao refletir sobre como as oscilações, presentes entre a aceitação e a rejeição do futebol, revelam dicotomias inseridas no movimento literário modernista, destacando polos como o nacional e o estrangeiro; o tradicional e o moderno; o rural e o urbano; o popular e o erudito; o autêntico e o postiço; o artesanal e o industrial. As dicotomias também expõem, sobretudo, o conflito e a tensão presentes no processo de construção da identidade nacional e na formação da própria sociedade. Lima Barreto não se via representado por este ritual futebolístico, que não fala por ele, não o revelava, não o descobria, ao contrário, expelia desigualdades sociais e preconceitos étnicos sofridos por grande parte da população de uma jovem República. Sua crítica se distingue ao cobrar a inclusão sócio-racial na sociedade não apenas de modo simbólico, como também *factual*.

A irreverência irônica em Lima Barreto confrontava, por um lado, os moldes elitistas que construía, por meio da prática futebolística, uma identidade nacional forjada, preconceituosa e segregacionista. Por outro, também se revela irreverente quando subvertia a norma culta e a transformava em coloquialismo carioca, dando voz ao povo e rechaçando uma linguagem representativa da elite literária, simbolizada por Coelho Neto, e pelas classes dominantes. Ler as crônicas futebolísticas de Lima Barreto possibilita atentar ao atual contexto da sociedade brasileira e compreender como a marginalização e a discriminação de grande parte da população incidem em situações extremas de crise social.

CAPÍTULO 2: OS TEMPOS DE OURO DO FUTEBOL, O OLHAR DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

2.1. Eis que nasce uma paixão nacional

A partir da década de 1940, com a consolidação da crônica esportiva profissional, os antipáticos ao futebol deixaram de existir gradativamente. Segundo Capraro (2007), abria-se brechas para uma nova cisão, nem sempre contraditória: os “racionalistas”, que escreviam sobre a parte técnico/tática do esporte, e os “apaixonados”, mais ligados aos aspectos subjetivos, em detrimento da estatística e dos dados mais precisos. Além da mudança que moldava o perfil desses cronistas profissionais, é essencial compreender os desdobramentos dos novos adventos tecnológicos, trazidos aos portos brasileiros nos fins da Segunda Revolução Industrial. Destacavam-se, entre as principais invenções, novos processos de fabricação de aço, de produção de energia elétrica, novos meios de transportes e de comunicação.

O principal meio de comunicação que garantiu a proliferação do futebol nas décadas de 1910 e 1920 foi o jornal com sua coluna jornalística. Nos primeiros anos, o público que acompanhava as partidas se restringia aos sócios dos clubes da elite, contudo, com os novos contornos adquiridos, o perfil de quem o praticava e assistia mudara de forma radical. O entusiasmo gerado pelo esporte trouxe como consequência o surgimento da torcida. O futebol se transformava, a partir da apropriação e ressignificação das diversas classes sociais, em um grande fenômeno de massa. A partir da década de 1930, os novos meios de comunicação tornavam-se os principais intermédios entre o time e a torcida. Na crônica intitulada Enquanto os mineiros jogavam, publicada em 20-21 de julho de 1931, Drummond trata dos adventos tecnológicos, que pareciam diminuir a distância entre os desportistas, que disputavam um jogo em outra região, e sua torcida:

Domingo, à tarde, na forma do antigo costume, eu ia ver os bichos do Parque Municipal (cansado de lidar com gente nos outros dias da semana), quando avistei grande multidão parada na avenida Afonso Pena. Meu primeiro pensamento foi continuar no bonde; o segundo foi descer e perguntar as causas da aglomeração. Desci, e soube que toda aquela gente estava acompanhando, pelo telefone, o jogo dos mineiros na capital do país. Onze mineiros batiam bola no Rio de Janeiro; dois mil mineiros escutavam, em Belo Horizonte, o eco longínquo dessa bola e experimentavam uma patriótica emoção (ANDRADE, 2014, p. 14).

É possível perceber no início da crônica uma relação entre os animais e o homem. Exaurido de lidar com gente, o narrador pretende visitar os bichos do Parque Municipal,

para que pudesse aliviar a exaustão dos problemas de seu dia a dia. Em Uma conferência esportiva (1921), Lima Barreto constrói uma relação entre animais e atletas ao fazer uso do vocábulo zologicamente, utilizado para aludir à índole animalesca dos desportistas futebolísticos. O emprego e a aproximação entre esses dois vocábulos nos permite refletir sobre o comportamento do homem, que pode se revelar bárbaro ou desgastante, exaurindo até mesmo a convivência humana.

Envolto nos pensamentos sobre os bichos que iria ver no Parque Municipal, o narrador se espanta ao se deparar com uma grande multidão parada na avenida Afonso Pena. Após hesitar por um instante, resolve descer do bonde onde estava e aproximar-se da massa. Aglomerados ao redor de um telefone, os mineiros ouviam uma partida que estava sendo disputada no Rio de Janeiro. É possível perceber, na passagem “onze mineiros batiam bola no Rio de Janeiro; dois mil mineiros escutavam, em Belo Horizonte, o eco longínquo dessa bola”, como o telefone tornava-se o principal intermédio entre o time de Minas e sua torcida. O advento tecnológico parecia diminuir a distância entre os atletas, que disputavam um jogo na capital federal, e os dois mil mineiros que vibravam com a narração da partida pelo telefone. A ironia é utilizada de forma cética para expressar o choque que o narrador tivera ao observar que o telefone parecia não só eliminar a distância entre a torcida e o time, mas também aumentar a angústia e a explosão de sentimentos em relação à cena que os olhos não podiam ver:

Quando chegou a notícia da vitória dos nossos patrícios (...) vi, claramente visto, chapéus de palha que subiam para o ar e não voltavam, adjetivos que se chocavam no espaço com explosões inglesas de entusiasmo, botões que se desprendiam dos paletós, lenços que palpitavam como asas, enquanto gargantas enrouqueciam e outras perdiam o dom humano da palavra. Vi tudo isso e tive, não sei se inveja, se admiração ou se espanto pelos valentes chutadores de Minas, que surraram por 4 a 3 os bravos futebolistas fluminenses (ANDRADE, 2014, p. 14).

A expressão “vi, claramente visto” revela o humor de um narrador que quase não crê no que vê. A erupção da massa mineira é construída por uma série de objetos jogados ao ar, como se o torcedor estivesse libertando-se da agonia que o sufocava. O narrador mostra o seu espanto em relação à cena que presenciava, procurando encontrar palavras certas para descrever o que sentia naquele momento: “Vi tudo isso e tive, não sei se inveja, se admiração ou se espanto pelos valentes chutadores de Minas”. Percebe-se também o uso de vocábulos que denotam a vestimenta da época. Os chapéus de palha, os botões dos paletós e os lenços marcavam os costumes culturais de uma sociedade inserida no processo de industrialização. A descrição minuciosa do cenário construído a partir da

vitória dos mineiros no Rio de Janeiro, propicia ao leitor a vivência desse entusiasmo, como se presenciasse, com seus próprios olhos, a cena que se desenrolava na avenida Afonso Pena. O narrador, entretanto, revela-se incrédulo em relação ao que via:

Que um indivíduo se eletrize diante da bola e do jogador, quando este joga bem, é coisa de fácil compreensão. Mas contemplar, pelo fio, a parábola que a esfera de couro traça no ar, o golpe do *center-half* investindo contra o zagueiro, a pegada soberba deste, e extasiar-se diante desses feitos, eis o que excede de muito a minha imaginação (ANDRADE, 2014, p. 14).

O humor subentendido está nas relações que se estabelece entre a incredulidade do narrador, o que ele vê e como sugere, ainda em espanto, a sequência de vocábulos que mostram, de modo crescente, algo que excede a sua imaginação. Como contemplar pelo fio a parábola que a bola desenha no ar? Todas as cenas envolvidas: a da parábola, o do golpe do *center-half*, a da pegada soberba, a do êxtase, são imagéticas e traçam geometricamente uma jogada poética na mente do ouvinte e na pena de Drummond. Um incrédulo poeta que sente as sensações do leitor ao também contemplar a parábola pelo fio e as demais cenas. Ademais, o cronista traça com humor uma diferença entre o estar diante da bola (ver) e o contemplar pelo fio, em entrelinhas poéticas. Mesmo acreditando que só é possível vivenciar as sensações de uma partida se a presenciasse com os próprios olhos, o narrador constrói a projeção do ouvinte de forma detalhada, como se milhares de indivíduos criassem em suas mentes os lances decorrentes do jogo e torna-os artistas da imaginação. O leitor vê imagens tal como o cronista e os ouvintes:

A centenas de quilômetros, eles assistiam ao jogo sem pagar entrada. E havia quem reclamasse contra o juiz, acusando-o de venal. Um sujeito puxou-me pelo paletó, indignado, e declarou-me: “O senhor está vendo que pouca-vergonha. Aquela penalidade de Evaristo não foi marcada”. Eu olhei para os lados, à procura de Evaristo e da penalidade; vi apenas a multidão de cabeças e de entusiasmos; e fugi (ANDRADE, 2014, p. 15, grifo do autor).

A ironia, construída via ceticismo, evidencia a incredulidade do narrador em relação à imaginação dos torcedores, que ainda reclamavam do juiz de forma enfática, acusando-o seja de venal, seja de falta de marcação de penalidade, como se estivessem presenciando os lances da partida. Vivenciavam aquele momento como se estivessem no aqui e agora: “O senhor está vendo que pouca-vergonha. Aquela penalidade de Evaristo não foi marcada”. A ironia se confirma com o espanto do cronista, que diz: “Eu olhei para os lados, à procura de Evaristo e da penalidade; vi apenas a multidão de cabeças e entusiasmos; e fugi”. Assustado com a reação do indivíduo, o narrador olhava para os lados a procura dos lances que a multidão parecia enxergar. Os torcedores armavam uma grande confraternização pela avenida Afonso Pena, vibrando como se estivessem

assistindo à partida na capital federal. O narrador assustado, vendo apenas “cabeças e entusiasmo”, foge. As ações são novamente imagéticas, agora em lance impressionista. As imagens, as cabeças, as pessoas, não possuíam contornos nítidos.

2.1.1. Entre o céu e o inferno: 1938 e 1950

Paulo Henrique do Nascimento (2008, p. 4, grifo do autor) discorre como a Copa de 1938, disputada na França, foi considerada emblemática:

O Brasil do samba, da mulata, do carnaval, do malandro e outros tantos protótipos ainda hoje em voga em nossa sociedade surgiram ou foram consolidados nesta época. A idéia foi captar estes elementos de forte apelo cultural vigentes no país desde o início do século e aliá-los à idéia de “país moderno”. Foi assim que o ideário modernista foi convertido em política de governo.

Por conta de o futebol possuir um caráter popular e mobilizador antes mesmo da década de 1930, Getúlio Vargas utiliza-o com o intuito de transformá-lo em elemento de identificação nacional. Dessa forma, o futebol, assim como os protótipos do samba, da mulata, do carnaval, e do malandro, consolidou-se como um dos componentes culturais utilizados pelo governo para a afirmação da identificação nacional. O rádio, um dos principais meios de comunicação nesse contexto, torna-se não apenas um dispositivo auxiliar para a popularização do esporte, como também um elemento essencial ao projeto nacional varguista. A programação das rádios é repensada. Programas de forte apelo popular são inaugurados: novelas, programas de auditório, musicais com cantoras de marchinhas de carnaval e transmissão de partidas futebolísticas. Nascimento (2008) ressalta que a narração dos jogos era detalhadamente planejada, com o intuito de atingir o maior contingente possível de ouvintes por meio de uma linguagem acessível. Ademais, devido à popularização que o futebol alcançara nos anos de 1930, fortificava-se o discurso em relação à capacidade brasileira de devorar o estrangeiro e regurgitá-lo com suas características culturais.

A Copa do Mundo de 1938 atingiu, assim, notável dimensão social: as partidas eram transmitidas ao vivo pelas rádios, editoriais de jornais de grande circulação dedicavam-se a comentar a atuação brasileira em todos os jogos, assim como o impacto da queda nas semifinais do torneio diante da esquadra italiana por 2 a 1, causando inclusive uma onda de desolamento. Entretanto, quando os desportistas brasileiros retornaram ao seu país, foram homenageados com grande salva de palmas e gritos.

Receberam, ainda, várias condecorações oficiais e desfilaram em carreata pelas ruas de Recife, Rio de Janeiro e São Paulo.

O escrete brasileiro, na Copa de 1938, simboliza uma mudança de mentalidade ao agregar atletas negros ao elenco brasileiro. Leônidas da Silva, que em 1936 já era protagonista no Flamengo, consagrou-se como um dos símbolos da identidade futebolística. Durante a Copa de 1938, o Diamante Negro destacou-se como o maior artilheiro do mundial. Em conferência realizada no Teatro Municipal, no dia 29 de julho de 1938, o jogador contava como havia feito os gols que marcara ao longo do torneio, prendendo a atenção da plateia. Nascimento afirma (2008) que, além do estilo de jogo brasileiro, esperava-se que houvesse ainda a valorização não só da raça brasileira, mas também da democracia racial.

A democracia racial foi um dos principais temas discutidos por intelectuais ao longo da década de 1930, vinculando-se a outros dois também em discussão: identidade nacional e futebol. O artigo *Foot-ball mulato*, de Gilberto Freyre, publicado no *Diário de Pernambuco*, no dia 17 de junho de 1938, um dia após a eliminação brasileira diante da Itália, anuncia o surgimento de um estilo brasileiro de jogar:

O nosso estilo de jogar foot-ball me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política.

Freyre ressalta as qualidades reconhecidas nessa nova configuração futebolística, que diferenciava o futebol brasileiro do futebol europeu: manha, astúcia, ligeireza, espontaneidade individual. Os jornalistas europeus, durante a Copa de 1938, também percebiam os desdobramentos dessa particularidade. No entanto, Gilberto Freyre é o pioneiro em tentar explicá-las em termos culturais, interpretando-as como manifestações das singularidades que distinguiam o povo brasileiro. Tiago Jorge Maranhão (2008) reflete sobre a forma com que Freyre diferencia a cultura europeia da cultura brasileira por meio de duas divindades da mitologia greco-romana: Apolo, deus da luz, construtor e colonizador; e Dionísio, deus do vinho, das festas, da fertilidade. A esse respeito, Maranhão (2008, p. 1, grifo do autor) afirma:

Gilberto Freyre define a brasilidade futebolística a partir da contraposição entre um padrão de cultura “apolíneo” (formal, racional, ponderado), que seria próprio dos europeus, e outro “dionisíaco” (individualista, emocional, impulsivo), característico da nossa índole mulata. Aqui, Freyre (...) usa os opostos apolíneo e dionisíaco para definir distintos modos de jogar futebol. (...) Segundo ele, “sente-se nesse contraste o choque do *mulatismo*, ou *melanismo*,

brasileiro com o *arianismo*, ou *albinismo*, europeu. É claro que, *mulatismo* e *arianismo* considerados não como expressões étnicas mas como expressões psicossociais condicionadas por influências de tempo e de espaço sociais”.

A cultura europeia, simbolizada por Apolo, deus da luz, construtor e colonizador, é representada por meio de aspectos formais, racionais e ponderados, indicando as características do futebol europeu. Dionísio, deus do vinho, das festas, da fertilidade, simboliza a cultura brasileira, representada por meio de aspectos individualistas, emocionais e impulsivos, indicando, também, as características do futebol brasileiro. Freyre também ressalta o choque entre o mulatismo brasileiro e o arianismo europeu, considerados elementos étnicos e sociais.

Anos mais tarde, em 1947, Mario Filho publica *O Negro no Futebol Brasileiro*. Ronaldo Helal e Cesar Gordon Jr. (2001, p. 55) discutem ponto importante sobre a obra de Mario Filho. A narrativa de *O Negro no Futebol Brasileiro* é basicamente estruturada a partir de depoimentos que recuperam a tradição oral do futebol:

Não podemos desconsiderar que muitos autores já demonstraram a importância da utilização de relatos da tradição oral como fonte histórica (Thompson, 1978; Vansina 1986). De fato, o relato oral pode ser uma técnica útil para registrar o que não está cristalizado em documentação escrita.

Extraímos alguns fragmentos da obra de Mario Filho para analisarmos os desdobramentos da Copa de 1950 e 1958. A Copa do Mundo de 1950 reservava aos jogadores e ao povo brasileiro uma grande reviravolta. O otimismo e a euforia que marcaram a boa atuação em 1938 seriam substituídos por sentimentos de fracasso e vergonha. A seleção brasileira disputava pela primeira vez uma Copa em seus domínios. A final protagonizada no Maracanã contra a esquadra uruguaia havia começado com uma grande onda de empolgação, após o primeiro gol brasileiro marcado por Friaça. Mas a multidão ensandecida na arquibancada não se contentava com apenas um gol solitário, e entoava o cântico de mais um, como ressalta Mario Filho (2003, p. 288):

E os jogadores brasileiros foram para o mais um. Em vez do mais um, veio o gol de Schiafino. Gigghia avançou, Bigode foi recuando, recuando, recuando. Gigghia chegou à linha de fundo e deu a bola para trás, para Schiafino. Schiafino pegou a bola à meia altura, desviou-a, de leve. Barbosa saiu do chão tarde. Estendeu as mãos, a bola já tinha tocado as redes. E os uruguaios todos se puseram a correr em volta do campo dando socos no ar.

Percebe-se no trecho a presença de dois jogadores da seleção brasileira: Bigode, lateral-esquerdo, que acompanhava o ponta-direita uruguaio, Gigghia, e Barbosa, goleiro, que não pôde evitar o gol de empate da esquadra adversária. Em meio a um silêncio mortal de duzentos e vinte mil brasileiros, Gigghia fez o gol da virada uruguaia:

(...) o Maracanã transformou-se no maior velório da face da Terra. Todo mundo queria ir embora, desaparecer. Muitos não tinham mais forças para um passo, para um gesto. Ouviam-se gritos de viúvas sicilianas. Poucos eram os que não choravam. Os que não choravam deixavam-se ficar numa cadeira numerada, num degrau da arquibancada, num canto da geral, a cabeça sobre o peito, largados (MARIO FILHO, 2003, p. 289).

Apesar do estarecimento e da incapacidade de reação de muitos torcedores, a maioria que ainda encontrava forças para se manifestar voltava seus gritos para Bigode e Barbosa, ambos negros. Os discutidos erros técnicos desses jogadores, durante a final da Copa de 1950, geraram grande onda de revolta, desmistificando, em suas entrelinhas, a harmônica imagem da democracia racial e expelindo o conflituoso processo de integração. DaMatta (1982) afirma que se justificava a derrota na Copa de 1950 à constituição racial e à formação de grupos inferiores na sociedade brasileira, como o negro e o índio. Ressuscitando velhas teorias racistas que, embora não explicitadas em capas de jornais, demonstravam parte dominante da ideologia aristocrata, o futebol deixava ver o drama da sociedade brasileira. A Copa de 1954 também reservaria outro sofrimento ao povo brasileiro, que via sua esquadra eliminada nas quartas-de-final para a Hungria, pelo placar de 4 a 2. Tendo em vista esse cenário, ninguém poderia prever que a Copa de 1958 se tornaria emblemática.

2.2. O êxtase de 1958

Os preparativos para a Copa de 1958 traduziam sentimentos de desconfiança, dúvida, subestimação não apenas em relação aos atletas que representariam a nação no mundial, como também em relação ao próprio povo brasileiro. As derrotas que se somavam acentuavam o complexo de vira-lata da população, expressão patenteada por Nelson Rodrigues para se referir à traumática experiência sofrida pelo povo durante a Copa de 1950. Mario Filho (2003, p. 320) narra como o futebol brasileiro era visto pelos ingleses, no início da Copa de 1958:

O futebol brasileiro, era o que se lia nas folhas londrinas, para maior vergonha nossa, tinha tudo de um circo: o comedor de fogo, o engolidor de faca, os acrobatas, os trapezistas, até os palhaços. Só não tinha essa coisa elementar que era um time.

Percebe-se tratamento irônico em relação à esquadra brasileira na descrição dos jornais ingleses, conforme enfatiza Mario Filho. Comparados a artistas de circo – comedor de fogo, engolidor de faca, acrobatas, trapezistas, palhaços – os atletas brasileiros foram ridicularizados individualmente e coletivamente, pois não tinham o mais elementar: um time. A desconfiança que se criara em torno do selecionado brasileiro

registrava-se em mais uma Copa, tanto dentro quanto fora do campo. Todavia, o rumo percorrido pela seleção tomava desdobramentos inesperados. Na chave de grupos, o selecionado batera a Áustria, empatara com a Inglaterra e vencera a favorita União Soviética. Após eliminar nas quartas de final o País de Gales, os canarinhos atropelaram a França nas semifinais pelo placar de 5 a 2. Os amantes de futebol saudaram a seleção brasileira, enxergando-a como a salvação do futebol-arte. Para eles, apenas o Brasil poderia produzir jogadores como Pelé, Garrincha, Didi, Djalma, Nilton Santos, Vavá, Zito, Zagalo.

E a grande decisão chegara. No dia 29 de junho de 1958, em Estocolmo, na Suécia, a esquadra brasileira enfrenta os donos da casa na final da Copa do Mundo. O rádio, aparelho que se tornara peça essencial para o projeto nacional varguista, unia novamente o povo, retomando sentimentos de esperança, euforia, celebração e confraternização social, já propagados pela boa campanha da esquadra brasileira na Copa do Mundo de 1938. Eis o selecionado:



Figura 5: Seleção campeã da Copa do Mundo de 1958, disputada na Suécia. Fonte: cbf.com.br.

Ferreira Gullar e Manuel Bandeira se renderam ao rádio, acompanhando e sofrendo na pele as emoções desencadeadas pela final. Os poetas não faziam questão de esconder, em suas crônicas, os sentimentos suscitados pelo referido esporte. Ferreira

Gullar, na crônica Campeões, publicada no Jornal do Brasil, no dia 2 de julho de 1958, relata o sofrimento de acompanhar a partida através de um pequeno aparelho:

Sem saber como nem porque, vi-me de repente de ouvido grudado ao rádio, submetido a uma tortura diabólica: era como se cargas de eletricidade (ou o que fôsse) me entrassem pelo ouvido numa frequência poderosa (...)

A ironia é construída na crônica de Ferreira Gullar por meio da hipérbole. A hipérbole, aqui, é o exagero proposital dos sentimentos do cronista, gerando uma cômica dramaticidade na narrativa. Sem saber como ou porque, o cronista via-se de ouvidos grudados ao rádio. Os sentimentos de curiosidade, ansiedade, angústia, tomavam as rédeas de seu corpo e controlavam suas ações. Como cargas de eletricidade, entrando pelo ouvido em alta frequência, geravam no cronista uma tortura diabólica. O humor e a hipérbole divertem o leitor, que compartilha das mesmas sensações:

Vejo-me agora, de longe. Prometeu doméstico, com um abutre a me devorar pelo ouvido. Eu mesmo ligara o aparelho de tortura, eu mesmo cuidava dêle regulando cuidadosamente o volume (...), e se qualquer coisa interceptava a transmissão e me deixava livre por um segundo, tinha impetos de arrebentar o rádio, porque eu queria ser torturado!

O rádio como um abutre, ave que devora os restos mortais de animais mortos, devorava o cronista pelo ouvido. A irracionalidade destaca-se como um dos principais componentes presentes na crônica de Gullar. Se o rádio era responsável por lhe causar uma tortura diabólica, por que ligara o aparelho? Por que regulava cuidadosamente seu volume? O despautério do torcedor é construído por meio de sentimento masoquista. A tortura diabólica a que se submete, em lugar de sofrimento, causa-lhe prazer, como prova o texto: “(...), e se qualquer coisa interceptava a transmissão e me deixava livre por um segundo, tinha impetos de arrebentar o rádio, porque eu queria ser torturado!”. O humor e a hipérbole constroem a contraposição entre a libertação da tortura e o desejo de ser torturado, evidenciando a insanidade do cronista. Durante a final da Copa de 1958, era normal se sentir martirizado.

Manuel Bandeira, na crônica Gol!, publicada no Jornal do Brasil, no dia 2 de julho de 1958, também acompanhava a Copa do Mundo pelo rádio:

Gol! Gol do Brasil! Uma jogada espetacular do Brasil!

Isto é para falar na linguagem sensacionalista dos locutores de rádio (esses homens são de fato extraordinários e sabem criar o suspense que pode provocar o enfarte).

Manuel Bandeira também utiliza o humor para ressaltar os sentimentos que lhe tomavam conta. Como uma transmissão de rádio pode suscitar emoções incontroláveis

ou até piores do que as vivenciadas nas arquibancadas dos estádios? A resposta parece estar no indivíduo que narra a partida. Manuel Bandeira atenta-se ao locutor. O objeto primordial do narrador de um jogo futebolístico é sua voz. O radialista é responsável por transmitir toda a emoção proporcionada pela partida. A fala irradia a presença humana, possibilitando a intensificação de sentimentos acarretados pelo esporte: euforia, alívio, frustração, raiva, indignação. Vale observar, ainda, que o cronista é crítico em relação à linguagem sensacionalista dos locutores. Entretanto, deixa-se contaminar por ela e grita também “Gol! Gol do Brasil! Uma jogada espetacular do Brasil!”. Com ambiguidade, marca o humor e a ironia no jogo de palavras que cria entre “linguagem sensacionalista”, “são de fato extraordinários” e “sabem criar o suspense que pode provocar o enfarte”, numa relação entre diversão/emoção e realidade. Mesmo com todos os recursos tecnológicos presentes na sociedade atual, o locutor se afirma como imprescindível para as narrativas futebolísticas.

Maria Eugênia Celso declara que os sentimentos provocados pela seleção brasileira não era algo exclusivo do público masculino. Na crônica publicada no *Jornal do Brasil*, no dia 28 de junho de 1958, a autora expressa seu entusiasmo pelo selecionado brasileiro:

Nunca fui amante de futebol. Não entendo nada do jogo, pouquíssimas vezes no meu tempo de moça assisti a uma partida (...) E, ontem, ao estourarem as bombas que anunciaram os cinco belos gols contra os franceses, surpreendi-me a bater palmas no meio da rua. Torcedora como qualquer um dos populares que devem vivas aos nossos jogadores. Ah! Tomara que no jôgo contra a Suécia ... Ando num clima de suspense. Qual, esta coisa de Brasil é muito séria!

Indivíduos como Maria Eugênia Celso, antes indiferentes ao futebol, agora se congregavam às massas, vibrando, torcendo, sofrendo, permitindo-se sentir fervorosamente todos os sentimentos provocados pela transmissão da partida. A ironia construída por meio do coloquialismo representa a surpresa da cronista ao se pegar envolta em futebol: “Ah! Tomara que no jôgo contra a Suécia ... Ando num clima de suspense. Qual, esta coisa de Brasil é muito séria!”. A cronista percebe a apropriação do futebol pelo povo. As seleções eram reconhecidas por meio de uma esfera social, que ultrapassava os limites do campo futebolístico e implicavam identidades, nesse caso, brasileira.

Assim como Ferreira Gullar, Manuel Bandeira e Maria Eugênia Celso, Drummond também acompanhou a Copa de 1958 pelo rádio. Em sua crônica *Calma*,

torcedor, publicada em 31 de março de 1959, o cronista também emprega a hipérbole, que amplifica a verdade dos sentimentos das coisas:

Diante de tamanha angústia adormecida porém não pacificada, fica-se na dúvida: o esporte será hoje uma fonte de prazer individual e coletivo, ou mais uma contribuição valiosa para as estatísticas mortuárias? (Andrade, 2014, p. 28).

A dúvida do cronista expande as relações entre prazer e estatísticas mortuárias vinculadas a uma “angústia adormecida porém não pacificada”, portanto, vigilante. Assim, Drummond, como Gullar, afirma certo despautério do torcedor por meio de sentimento masoquista, prazer e morte. O cronista, no decorrer da crônica, reflete, ainda, sobre o torcedor:

(...) o gasto de energia do torcedor é doze vezes maior, é que ele está muito mais ameaçado de morte que o integrante do selecionado. O torcedor, na sua impotência, “joga” ainda mais do que o jogador, e como não tem bola alguma à sua frente, precisa socorrer-se de um esforço de imaginação (...) (ANDRADE, 2014, p. 28, grifo do autor).

No contexto futebolístico, o torcedor é de fundamental relevância. É, de certa forma, um leitor apaixonado. Um leitor de futebol que pode se tornar escritor a partir do momento em que projeta, em sua mente, os lances decorrentes do jogo. Impossibilitado de acompanhar a partida presencialmente e com seus próprios olhos, sofre dos efeitos decorrentes da transmissão pelo rádio, que são amplificados, além de imaginados. Nesse sentido, o torcedor “‘joga’ ainda mais do que o jogador, e como não tem bola alguma à sua frente, precisa socorrer-se de um esforço de imaginação”, daí o seu gasto de energia. Contudo, por mais que o futebol suscitasse durante a Copa do Mundo de 1958 um sentimento de euforia muitas vezes incontrolável, o caráter crítico se vitaliza como uma das principais características comum entre Drummond e Lima Barreto.

2.2.1. Lima Barreto e Drummond: um diálogo atemporal

Como Lima Barreto, Carlos Drummond de Andrade utiliza a ironia como a principal arma para criticar o drama social brasileiro. Jorge de Sá (1985, p. 37) nos auxilia a compreender como ocorre a construção da ironia em Drummond ao refletir sobre o escritor Sérgio Porto. Sá afirma que Porto oferece ao leitor uma crítica amena e contundente, assumindo sua indignação diante das atrocidades sociais. Em suas palavras: “Seu humor é bem brasileiro exatamente nesse sentido: numa linguagem moleque, rompe os padrões da norma culta e constrói uma linguagem nova, dinâmica e séria”. Tal como Porto, Drummond desenvolveu, ao longo de suas crônicas, uma crítica contundente,

elaborada por meio de recursos de linguagem, construindo ambiguidades semânticas que permitem polissemia interpretativa. Marcelo Rodrigues de Melo Palmeira (2015, p. 93), ao analisar crônicas do autor, desde a Copa de 1958 até a Copa de 1982, afirma: “Humor e ironia funcionam em sua obra, então, como um drible, como um mecanismo para negar a perspectiva única e o congelamento do sentido”. Perguntamos: como as crônicas de Drummond, escritas após a conquista do selecionado brasileiro de 1958, expressam esse drible?

Na crônica intitulada Situações, publicada no dia 5 de julho de 1958, Drummond observa o momento em que João Havelange, presidente da Confederação Brasileira de Desportos, Juscelino Kubistchek, presidente do Brasil, e a população aguardavam a chegada da seleção canarinho no Rio de Janeiro. O cronista relata:

Bem, não pretendo estabelecer qualquer comparação, mas dias depois, no palanque armado para receber os campeões do mundo, nosso atual presidente, visivelmente satisfeito, mostrava, sem embargo disso, uma ponta de inquietação, que me intrigou (ANDRADE, 2014, p. 27).

Há ironia na citação e em toda crônica. Quando afirma: “Bem, não pretendo estabelecer qualquer comparação”, constrói, ironicamente, o sentido contrário do que expressa no enunciado. Embora diga “não pretendo estabelecer qualquer comparação”, é o que vai estabelecer constantemente: comparações entre futebol e política. E o faz via coloquialismo, como se nota logo de início com o emprego do advérbio “bem”, que articula o começo do diálogo entre o narrador e o leitor, e com a conjunção adversativa “mas”, que começa a sugerir a comparação entre futebol e política. Drummond interliga os dois segmentos de modo a negar a perspectiva única e o congelamento de sentido. O drible nessa crônica é efetuado por meio de ambiguidades semânticas, gerando um leque de interpretações.

O cronista inicia a comparação observando uma aparente inquietação no presidente da República, algo que não condizia com o momento de euforia e júbilo proporcionados pelo sucesso na Copa. Essa contraposição é marcada pelo vocábulo intrigou, que instiga o cronista a se perguntar o motivo de tal inquietação em um dia de comemoração nacional. A crônica indicia o motivo de tal inquietação: a reforma do ministério. O vocábulo palanque, que se refere ao local para receber os jogadores, também faz menção ao lugar onde políticos promovem seus discursos. O cronista enlaça questões futebolística e política armando um jogo, ambigüizando, justapondo políticos e jogadores, conforme se confirma a seguir:

Parecia estar e não estar ali, com um olho na multidão e outro na reforma do ministério. Dirigia a vista para um e outro lado, à procura do homem ou dos homens providenciais que lhe formassem uma grande equipe, do valor daquela que vencera no futebol, mas Garrincha e Vavá para a Agricultura e o Trabalho, isso não havia. Terá pensado um instante em convidar o próprio Vavá e o próprio Garrincha para essas pastas, mas será que eles aceitariam? (ANDRADE, 2014, p. 27)

A passagem “Parecia estar e não estar ali, com um olho na multidão e outro na reforma do ministério” evidencia que o motivo pelo qual o presidente da República encontrava-se preocupado em um momento de tamanha celebração relacionava-se com as questões políticas de seu governo. Apesar de seu corpo estar presente no local do evento, sua mente trabalhava em razão da reforma ministerial. O uso da expressão “um olho na multidão e outro na reforma do ministério” ratifica essa visão e retoma o ditado popular, “um olho no peixe e outro no gato”, que expressa que é preciso se manter atento às duas situações simultaneamente.

Também é possível notar, na voz do cronista, que JK está à procura de uma equipe ministerial tão capaz quanto a equipe futebolística que ganhara a Copa na Suécia, mas percebe que homens providenciais, como Garrincha e Vavá, não havia. O presidente encontrava-se inquieto com as tensões políticas ocasionadas, principalmente em seu governo, pela inflação e pela criação do Plano de Estabilização Monetária (PEM), que promoveu a entrada de capitais estrangeiros no país, gerando forte oposição da esquerda. Devido ao apelo nacional que os atletas brasileiros conquistaram ao longo da Copa, eles seriam objeto fundamental para apaziguar o governo de JK. O cronista utiliza o humor para construir a indagação do presidente: “terá pensado um instante em convidar o próprio Vavá e o próprio Garrincha para essas pastas, mas será que eles aceitariam?” Nada mais que “o próprio Vavá” e “o próprio Garrincha”, além da dúvida do presidente, são ingredientes que tecem o humor com ironia.

A narrativa avança com a entrada em jogo de João Havelange, presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD):

Mas João Havelange, inquieto por sua vez, não com o destino do Brasil, e sim da taça, segurava-a de lado, e às vezes procurava erguê-la perante a multidão fascinada. Juscelino puxava para a esquerda, Havelange para a direita: um para baixo, outro para cima; e eu via a hora em que a taça caía, e era um problema internacional a mais, a ser resolvido de saída pelo novo ministro Negrão de Lima: quem pegou o troféu no meio do povo e o incorporou, já meio amassado mas reluzente de ouro e glória, ao seu acervo particular? (ANDRADE, 2014, p. 27)

O cronista também satiriza o comportamento de Havelange ao perceber uma aparente inquietação no presidente da CBD. Sua preocupação envolvia questões políticas, porém não se relacionavam aos interesses do país, e sim aos do cenário futebolístico e aos seus próprios interesses. Drummond, por meio do humor e da sátira, ridiculariza os presidentes que parecem disputar a taça a ponto de quase derrubá-la. Taça como bola, bola como taça, o cronista arma o jogo na linguagem e expõe não só a devoção que a população dedicava aos protagonistas do selecionado, mas também os interesses particulares e políticos dos presidentes, tão pouco preocupados com o povo brasileiro. Para confirmar, vale frisar as ambiguidades deste trecho:

(...) e eu via a hora em que a taça caía, e era um problema internacional a mais, a ser resolvido de saída pelo novo ministro Negrão de Lima: quem pegou o troféu no meio do povo e incorporou, já meio amassado mas reluzente de ouro e glória, ao seu acervo particular?

Questões políticas e esportivas são misturadas com interesses particulares e político-internacionais: o novo ministro Negrão de Lima (já no novo ministério); para qual acervo particular foi o troféu? Drummond elabora a comparação entre futebol e política por meio da analogia do jogo: um jogo envolvendo situações de futebol; um jogo envolvendo situações políticas, o que evidencia a ambiguidade do título da crônica. Garrincha e Vavá são jogadores pertencentes a equipe futebolística; JK, Havelange e o novo ministro Negrão de Lima formam a equipe política; a taça, objeto cobiçado pelos dois times, é a bola; já o narrador da crônica, espectador do jogo entre futebol *versus* política, percebe as ações decorrentes dessa partida: “Juscelino puxava para a esquerda, Havelange para a direita: um para baixo, outro para cima; e eu via a hora que a taça caía”.

A irreverência irônica em *Situações* é análoga à irreverência do futebol brasileiro. Com sua linguagem lúdico-crítica, dribla o sentido corriqueiro dos vocábulos por meio de ambiguidades de sentidos, é lúdica ao explorar o humor das situações neste contexto da conquista da Copa de 1958, mas crítica ao desmascarar as segundas intenções dos políticos.

Na crônica *Celebremos*, publicada no dia primeiro de julho de 1958, Drummond também discorre sobre o contexto da conquista da Copa do Mundo. Se, por um lado, a seleção era usada para propagar o sentimento nacionalista, por outro, serviu para desmistificar as carências do brasileiro e revelar a sua capacidade de organização, assim como assinalar a descoberta de si mesmo. É de se perguntar como esta crônica reflete sobre essa problemática.

O cronista inicia dizendo: “A vitória do selecionado brasileiro na Suécia foi perfeita. Jogadores e técnicos abriram uma reta entre o ceticismo irônico do começo e a pura alegria nacional de domingo. Uma campanha metódica e segura fez o milagre” (ANDRADE, 2014, p. 25). Por meio de uma reta, dividindo o ceticismo irônico do início do torneio e a alegria nacional do final da Copa, o selecionado traçou a vitória com campanha metódica e segura. Quando partiram daqui, pergunta-se o narrador: “quem esperava a taça do mundo?” (ANDRADE, 2014, p. 25). Esse ceticismo irônico fundamenta-se não apenas na ausência de crença em relação às qualidades técnicas e táticas da esquadra brasileira, como também no cultivo da descrença em relação à capacidade de superação dos desportistas e da população brasileira, que carregavam o trauma esculpido na sociedade por conta da eliminação para a equipe uruguaia, na Copa de 1950. Todavia, a euforia e a percepção sobre a capacidade de auto superação não foram geradas logo no princípio, mas gradativamente.

Ao longo do torneio, a seleção brasileira foi conquistando, pouco a pouco, até mesmo indivíduos indiferentes ao futebol. Maria Eugênia Celso, como afirma em crônica publicada no *Jornal do Brasil*, fazia parte desse contingente de cidadãos surpresos que, ao encontrarem-se tão motivados para um esporte que nunca lhes despertara interesse, foram incapazes de controlar o ímpeto fervoroso, avivado pelo contexto da Copa do Mundo.

O cronista testemunha tal situação, dizendo:

Mas à proporção que se desenrolavam as partidas, um número cada vez maior de pessoas indiferentes ao esporte se ia identificando com a sorte deles, sentindo-se transportadas ao local da peleja e dela participantes, e no fim a confiança era tamanha que já não se afetaria com um mau resultado (ANDRADE, 2014, p. 25).

Se na crônica Enquanto os mineiros jogavam, de 1931, o cronista se revelava cético em relação às emoções provocadas pelo telefone, na crônica Celebremos, de 1958, parece mudar de opinião a respeito dos efeitos produzidos nos ouvintes pelas transmissões do aparelho sonoro. A passagem “sentindo-se transportadas ao local da peleja e dela participantes”, ratifica essa visão. Os ouvintes das partidas que se desenrolavam em outro continente, claramente, não poderiam ver com seus próprios olhos os lances decorrentes do jogo. Entretanto, poderiam imaginá-los. Por meio da imaginação, projetavam o comportamento das torcidas, o embate entre os atletas das duas seleções, as escolhas tomadas pelo árbitro da partida. Dessa maneira, eram transportados e participavam via

imaginação do local da peleja. Essa imagem intensifica-se no trecho: “isso de sofrer rente ao rádio (...) exige expansão compensadora e farta, ai meu Deus, minha Nossa Senhora da Cancha, meu Senhor Bom Jesus do Tiro em Meta!” (ANDRADE, 2014, p. 26). Por meio do humor construído pela invenção de santos futebolísticos, Drummond representa o incontável sentimento que as narrações provocavam nos ouvintes, assim como a identificação, a confiança, o encantamento, sentimentos conquistados ao longo do campeonato.

Numa gradação, que se mostra da descrença à crença, da indiferença à identificação e, depois, confiança tamanha que nem mau resultado afetaria a fé nos atletas, o cronista, que passa da terceira pessoa do singular para a primeira do plural – “Se perdêssemos, seria terrível, mas isso não abalaria a fé nos atletas, teria sido uma derrota individual nossa, imposta pelo capricho das coisas, injusta sem humilhação” (ANDRADE, 2014, p. 25), – vai marcando posição junto ao selecionado, aos torcedores, junto à nação brasileira. O cronista de fato assume a voz e faz a defesa não só dos atletas, mas também do brasileiro:

Não me venham insinuar que o futebol é o único motivo nacional de euforia e que com ele nos consolamos da ineficiência ou da inaptidão nos setores práticos. Essa vitória no estádio tem precisamente o encanto de abrir os olhos de muita gente para as discutidas e negadas capacidades brasileiras de organização, de persistência, de resistência, de espírito associativo e de técnica. Indica valores morais e eugênicos, saúde de corpo e de espírito, poder de adaptação e de superação. Não se trata de esconder nossas carências, mas de mostrar como vêm sendo corrigidas, como se temperam com virtualidades que a educação irá desvendando, e de assinalar o avanço imenso que nossa gente vai alcançando na descoberta de si mesma (ANDRADE, 2014, p. 25).

Drummond desmistifica a ideia de que com o futebol nos consolamos. Refuta essa visão ao expressar que a Copa de 1958 refletia, na verdade, o contrário. Por isso diz ironicamente e até com sarcasmo “Não me venham insinuar”. O autor reafirma a conquista do título não como consolação, mas como um meio encontrado pelo povo para sua valorização, reinvenção e superação, como nota-se no trecho:

Essa vitória no estádio tem precisamente o encanto de abrir os olhos de muita gente para as discutidas e negadas capacidades brasileiras de organização, de persistência, de resistência, de espírito associativo e de técnica.

Sua crítica não se restringe apenas às ideologias esquerdistas, mas a todos que duvidaram da capacidade de superação dos atletas e do povo brasileiro, como se percebe em “abrir os olhos de muita gente”. É importante também frisar que o cronista, a partir da reflexão que empreende, assinala “o avanço imenso que nossa gente vai alcançando

na descoberta de si mesma”. A crença de um cronista poeta que confia, no ano de 1958, em um futebol e em uma nação avante.

Drummond não se esquece, nesta crônica, de dois importantes atletas - Garrincha e Pelé:

Esses rapazes, em sua mistura de sangues e de áreas culturais, exprimem uma realidade humana e social que há trinta anos oferecia padrões menos lisonjeiros. Do Jeca Tatu de Monteiro Lobato ao esperto Garrincha e a esse fabuloso menino Pelé, o homem humilde do Brasil se libertou de muitas tristezas (ANDRADE, 2014, p. 25).

As camadas populares encontravam em Garrincha e Pelé indivíduos nos quais pudessem se identificar. O futebol se apresentava como uma fonte de motivação para se libertar das tristezas da vida e superar as adversidades da calamidade social. Também foi chave para a autonomia e o autoconhecimento. O autor reconhece ainda a miscigenação cultural na raiz da sociedade brasileira. A mistura de sangue e, principalmente, de culturas gerava relações de alteridade, promovendo a construção do processo identitário do país.

A Copa do Mundo de 1958 culminou em um sentimento ainda maior do que o júbilo nacional. A conquista da taça sobressaiu o mérito que se revela pelo prazer matinal de ser brasileiro:

Tudo isso, em termos de educação nacional, é confortador, e permite alongar a vista para mais longe do campo de jogo, dá à gente um certo prazer matinal de ser brasileiro, menos por haver conquistado a Taça Jules Rimet do que por havê-la merecido. Prazer límpido, sem xenofobia: é justamente por nos sentirmos iguais a outros povos capazes de vencer campeonato que nos despimos de pretensões de superioridade ou domínio político (ANDRADE, 2014, p. 26).

A imagem do prazer, construída por meio das ideias “límpido” e “sem xenofobia” representa todos os indivíduos como homens comuns, sem “desdobramentos emocionais prévio” (ANDRADE, 2014, p. 26). Apesar de comuns, o cronista também enaltece suas individualidades como parte essencial para a formação de uma sociedade diferente, mas junta, como ressalta DaMatta (1997). O sentimento de igualdade em relação aos outros povos, com referência à capacidade de entrosamento, superação e capacitação, também ganha destaque. A pretensão de superioridade ou domínio político, assim, são despídos. “No mais”, como afirma o cronista “é celebrar como começamos a fazer ao primeiro gol e não sei quando acabaremos (...)” (ANDRADE, 2014, p. 26). Nas entrelinhas dessa fala, percebe-se a crença do “coração esperançoso”, pois, como complementa o cronista “(...) agora, vemos o futebol operando ou espelhando ainda maiores transformações” (ANDRADE, 2014, p. 26). Como não celebrar?

A ironia constrói a crônica, dá voz, na voz do narrador, à população carente, por muitas vezes discriminada e abandonada pelas autoridades públicas, e subestimada por determinadas correntes ideológicas. O povo encontrava, por meio da confraternização social, forças para superar suas descrenças e o drama social que o assolava. Por meio do futebol, a população aos poucos conseguia reconstruir sua significação, compartilhar um sentimento de pertencimento em uma sociedade que não a abraçava, e até mesmo dar vida aos velhos costumes e símbolos de sua identidade.

2.3. O Rei e o Mané: futebol irreverente

Os primeiros contornos da identidade futebolística brasileira, reconhecidos por Gilberto Freyre (1938) na Copa de 1938, atingiam seu auge na Copa de 1958. A manha, a astúcia, a ligeireza e a espontaneidade individual refletiam as singularidades que distinguiram o povo brasileiro. Pelé e Garrincha se consolidaram como os principais símbolos dessas características, marcando a identidade do futebol brasileiro. Para que possamos analisar a representação desses atletas nas crônicas de Drummond, é importante lembrar o surgimento do “malandro”.

Em meio à construção da identidade futebolística, nasce o malandro como um dos símbolos da cultura brasileira. Antonio Candido (1970, p. 68) ressalta como a figura do malandro é representada nesse romance da literatura brasileira:

O malandro, como pícaro, é espécie de um gênero mais amplo de aventureiro astucioso, comum a todos os folclores. Já notamos, com efeito, que Leonardo [personagem de Memórias de um Sargento de Milícias] pratica a astúcia pela astúcia (mesmo quando ela tem por finalidade safá-lo de uma enrascada), manifestando um amor pelo jogo-em-si que o afasta do pragmatismo dos pícaros, cuja finalidade visa quase sempre ao proveito ou a um problema concreto, lesando frequentemente terceiros na sua solução.

Percebe-se que o malandro, na literatura brasileira, é atraído pelo prazer do jogo em si, da sedução, da artimanha. Que vínculo estabelece com o futebol?

O futebol aportara no Brasil com o intuito de ser utilizado pela aristocracia brasileira como instrumento para solidificar a imagem modernizadora da sociedade. No entanto, com o passar dos anos, o cenário esportivo passara por alterações significativas, transformando não apenas seu contexto, como também sua conotação. Um novo imaginário é formado, unindo o futebol à figura do malandro.

2.3.1. O malandro futebolístico

O Modernismo no Brasil teve como marco a Semana de Arte Moderna, em 1922. O período era de grande insatisfação política, culminada com os reflexos da Primeira Guerra Mundial e com o aumento da inflação, o que impulsionou greves e protestos. Em um momento de reestruturação político-social, a arte brasileira, motivada pelas Vanguardas Europeias, é estimulada a romper com a corrente tradicionalista. O futebol, assim como a literatura modernista que se apropriava do movimento antropofágico de Oswald de Andrade, devorava o estrangeiro e o regurgitava em matéria própria de sua cultura. O poema *Martim Cererê*, jogador de futebol, de Cassiano Ricardo (1928, pp. 98-99), trata dessa questão:

O pequenino vagabundo joga bóla
e sáe correndo atrás da bóla que salta e rola.
Já quebrou quasi todas as vidraças
inclusive a vidraça azul daquela casa
onde o sol parecia um arco-iris em brasa.

Os postes estão hirtos de tanto medo.
(O pequenino vagabundo não é brinquedo...)
E quando o pequenino vagabundo
cheio de sol, passa correndo entre os garôtos,
de blusa verde-amarella e sapatos rôtos,
apparece de prompto um guarda policial,
o homem mais barrigudo deste mundo,
com os seus botões feitos de ouro convencional,
e zás! carrega-lhe a bóla!
“Este marotos
precisam de escola...”

O pequenino vagabundo guarda nos olhos,
durante a noite toda, a figura hedionda
do guarda mettido na enorme farda
com aquelle casaco comprido todo chovido
de botões amarellos.
E a sua innocencia improvisa os mais lindos castelos;

e vê, pela vidraça,
a lua redonda que passa, immensa,
como uma bóla jogada no céu.

“É aquelle Deus, com certeza,
de que a vovó tanto fala.
Aquelle Deus, amigo das creanças,
que tem uma bóla branca cor de opala
e tem outra bóla vermelha côr do sol;
que está jogando noite e dia futebol
e que chutou a lua agora mesmo
por trás do muro e, de manhã, por trás do morro,
chuta o sol ...”

O menino que brinca com a bola, o pequenino vagabundo, se distancia da idealização do futebol como instrumento para solidificar a imagem aristocrata modernizadora da sociedade brasileira. Essa relação com o contexto futebolístico é marcada, principalmente, pela presença do policial. O oficial percebe a brincadeira com a bola como uma atividade que instiga um comportamento inapropriado para a criança e logo a repreende, utilizando a escola como um símbolo de ordem que pudesse conter a indisciplina do garoto. Não percebe, no entanto, a ludicidade e a criatividade do pequenino vagabundo para o jogo, a brincadeira, que também se articula na seleção sonora e imagética sugerida pelo poeta, que transporta a personagem criança do real para o sonho, do dia para a noite, a brincar com o imaginário, criando analogias entre bolas: a do jogo e as do céu – lua e sol. Em contrapartida, o menino de blusa verde-amarela, brinca.

Por meio da ação do policial no poema, observa-se a forma pejorativa e discriminatória com que eram cunhados os novos praticantes do futebol. Leonardo Pereira (2000, p. 133, grifo do autor) ilustra como a revista *Athlética*, em 1920, explicitou esse aspecto: “(...) De uns tempos, porém, para cá (...) o *foot-ball* degenerou no que hoje se vê – perigosos encontros, não de rapazes de boa moral, mas de verdadeiras maltas”. Maltas era expressão habitualmente utilizada para designar grupos que praticavam capoeira. Os jovens meninos do futebol eram criticados pelos jornais, que cada vez mais associavam o futebol à marginalidade.

A figura do malandro também simboliza a mudança do perfil de quem passava a praticar a atividade futebolística, assim como o modo de jogar, implementando o início de uma identidade futebolística nacional, como evidencia Gilberto Freyre (1945, pp. 421-422):

Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e capoeiragem que marcam o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros jogando tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil.

Freyre declara que a figura do malandro está fortemente atrelada à concepção de mulatismo. Nota-se no trecho vocábulos que relacionam o jogador brasileiro com o malandro. Despistamentos e floreios enfatizam a ideia de sedução, de artimanha, do prazer pelo jogo em si, seja no jogo da vida, seja no jogo praticado dentro das quatro

linhas. O mulatismo malandro ultrapassa a fronteira esportiva e atinge a esfera social, expressando a afirmação do povo brasileiro. Também observa-se a apropriação dos desportistas brasileiros da capoeira. Apesar de não vivenciar o contexto futebolístico de Drummond, Lima Barreto já tecia analogia entre o jogo de futebol e o jogo da capoeira. Com a popularização do futebol, tanto desportistas profissionais quanto praticantes amadores se valem da dança, do gingar, do ritmo presente na capoeira para o desenvolvimento de uma identidade futebolística.

O conceito de “leveza”, proposto por Ítalo Calvino (1990), nos leva também a refletir sobre uma possível interpretação do conceito de malandro. Calvino ressalta que o peso da vida consiste em toda forma de opressão, seja por meio de um caráter social, étnico, seja religioso. Drummond, na crônica *Mané e o Sonho*, publicada no dia 22 de janeiro de 1983, dialoga com as ideias de Calvino ao revelar como o malandro é construído com leveza, desafiando os antigos moldes burgueses.

A figura de Mané Garrincha, um dos principais jogadores da história do futebol brasileiro, remete-nos às críticas de Lima Barreto ao longo dos anos de 1920. O cronista carioca acreditava que o esporte se constituía em um dos principais pilares de solidificação da aristocracia brasileira. Drummond, por sua vez, afirma que essa configuração modificava-se com a nova ressignificação espacial e cultural dos moldes futebolísticos:

A identificação da sociedade com ele [Garrincha] fazia-se naturalmente. Garrincha não pedia nada a seus admiradores; não lhes exigia sacrifícios ou esforços mentais para admirá-lo e segui-lo, pois de resto não queria que ninguém o seguisse. Carregava nas costas um peso alegre, dispensando-nos de fazer o mesmo. Sua ambição ou projeto de vida (se é que, em matéria de Garrincha, se pode falar em projeto) consistia no papo de botequim, nos prazeres da cama, de que resultasse o prazer de novos filhos, no descompromisso, afinal, com os valores burgueses da vida (ANDRADE, 2014, pp. 152-153).

Mané, com sua leveza de “peso alegre”, simbolizava o enfrentamento de antigos moldes sociais. Sevckenko (2003) afirma que os períodos iniciais da 1ª República se dedicaram à luta contra os velhos hábitos coloniais, impondo fortes intolerâncias contra formas de cultura popular a fim de implantar na sociedade carioca o progresso e a civilização. O jogador fazia de seu projeto de vida algumas das atividades socialmente marginalizadas à época de 1920, como a boemia (representada pelo papo de botequim), os prazeres da cama e de novos filhos, ou seja, o descompromisso com os valores burgueses. Em *Clara dos Anjos*, Lima Barreto constrói a personagem de Cassi,

mencionando características futuras de Garrincha. O trecho em destaque elucida que o violão, além de um símbolo de vadiagem, também é construído como um instrumento erótico, utilizado pela personagem como arma para seduzir as mulheres e atingir o ato sexual:

O calçado era conforme a moda, mas com os aperfeiçoamentos exigidos por um elegante dos subúrbios, que encanta e seduz as damas com o seu irresistível violão.

Era bem misterioso esse seu violão; era bem um elixir ou talismã de amor. Fosse ele ou fosse o violão, fossem ambos conjuntamente, o certo é que, no seu ativo, o senhor Cassi Jones, de tão pouca idade, relativamente, contava perto de dez defloramentos e a sedução de muito maior número de senhoras casadas (BARRETO, 2012, pp. 85-86).

O descompromisso de Mané Garrincha com os valores da vida burguesa é análogo ao rompimento dos antigos moldes aristocratas que faziam parte do cenário futebolístico. Apesar de o futebol ser utilizado, no decorrer de sua história, como pilar para o fortalecimento de determinadas ideologias, Garrincha representa todos aqueles que auxiliaram na construção de um esporte mais democrático e que não se detiveram em conformismo; lutaram a favor de ideais em que acreditavam, contra políticas e ações discriminatórias e segregacionistas.

Ainda o conceito de leveza proposto por Calvino (1990) também nos leva a refletir sobre o tempo. Décio Pignatari (2008) ressalta que o passado e a tradição se vivificam ciclicamente no tempo presente, do aqui-e-agora. A construção do futebol em Drummond é tecida por meio da coexistência entre dois planos que marcam a relação entre passado e presente: o plano espiritual e o terreno. O poema Futebol, escrito em 1988, reflete essa questão:

Futebol se joga no estádio?
Futebol se joga na praia,
futebol se joga na rua,
futebol se joga na alma.
A bola é a mesma: forma sacra
para craques e pernas de pau.
Mesma a volúpia de chutar
na delirante copa-mundo
ou no árido espaço do morro.
São voos de estátuas súbitas,
desenhos feéricos, bailados

de pés e troncos entrançados.
Instantes lúdicos: flutua
o jogador, gravado no ar
- afinal, o corpo triunfante
da triste lei da gravidade. (ANDRADE, 2014, p. 13).

O poema se inicia com a formulação de um questionamento ao leitor: “Futebol se joga no estádio?”. O cronista afirma: “Futebol se joga na praia / futebol se joga na rua / futebol se joga na alma”. Afinal, onde se joga futebol? Futebol se joga em todos esses lugares: no estádio, na praia, na rua, na alma. Ao não prover uma resposta clara para a pergunta, o cronista ressalta que esse esporte não pertence especificamente a nenhum desses lugares, mas sim, abrangentemente, a todos. Essa ideia se confirma e ambigua também na qualificação da bola: “A bola é a mesma: forma sacra / para craques e pernas de pau”. Seja no estádio, na praia, na rua ou na alma, a bola possui a mesma forma. Descrita como um objeto de forma sacra, ela revela como os amantes futebolísticos construía o futebol como um ritual sagrado. Mesmo não possuindo as mesmas habilidades técnicas, e porque não dizer artísticas, de grandes nomes do futebol brasileiro, nada impede ou impossibilita aos amantes futebolísticos praticar esse esporte pelo simples prazer que ele suscita.

O prazer suscitado nos chama a atenção no trecho: “Mesma a volúpia de chutar / na delirante copa-mundo / ou no árido espaço do morro”. Se o caráter sagrado é o mesmo para os amantes futebolístico, a excitação também é compartilhada por todos. A volúpia de chutar ressalta um dos momentos auges do prazer, tanto para o jogador quanto para o torcedor, tanto na Copa do Mundo como no morro. O júbilo é suscitado por meio do movimento corporal que o atleta executa no instante de seu encontro com a bola. Esse movimento, por vezes, é plástico, capaz de intensificar o sentimento de gozo vivenciado pelos amantes futebolísticos. O profano, marcado pela exacerbação do prazer e pela sensualidade do movimento, alia-se ao sagrado para a construção do ritual futebolístico venerado pelos seus amantes.

A concepção de leveza também nos permite observar a importância da corporalidade para a construção do caráter espiritual. O movimento corporal que o atleta executa no momento de seu encontro com a bola é construído pelo cronista como “voos de estátuas súbitas, desenhos feéricos, bailados de pés e troncos entrançados”. Percebe-se que o movimento do corpo é construído no ar. Mesmo que por alguns instantes, o

jogador lança voo e desafia o plano terrestre e a lei da gravidade. O instante súbito, repentino e passageiro do movimento executado pelo atleta é gravado no ar como uma estátua. Os movimentos desenhados pelo corpo do atleta se inscrevem como mágico, deslumbrante, sagrado. O jogador flutua no ar em momento lúdico, de puro prazer e contemplação, até que a gravidade o puxa para baixo. A figura seis trata de pintura sobre Pelé, elaborada por um autor desconhecido, reproduzida na contracapa de um álbum de figurinhas impresso pela *Chromographica*. É possível perceber como a imagem dialoga com o poema de Drummond. Pelé é delineado em bailado de pés e troncos entrançados. A cor preta se completa com o branco e vice-versa, formando as partes corporais do jogador e gravando o instante em que o atleta dominava a bola. Por meio dos movimentos desenhados pelo corpo do atleta, o instante, o momento se torna eterno. O plano espiritual, construído por meio da leveza, é elaborado não apenas como um contraponto ao plano terrestre, mas como a transcendência da própria vida.



Figura 6: A cor preta se completa com o branco, entretecendo as partes do corpo do jogador e gravando o instante em que Pelé dominava a bola. Fonte: PIGNATARI, Décio. *Informação, linguagem, comunicação*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

2.3.2. As palavras e o jogo

Elcio Cornelsen (2006) ressalta que Pasolini analisa o futebol via linguagem. Para Pasolini, o futebol, assim como a pintura, o cinema, a moda, é uma língua, ainda que não-verbal. Devido à sua paixão pelo aludido esporte, Pasolini atribui, de forma original, uma linguagem própria ao futebol, definindo-a como um sistema de signos que possuiria as

características fundamentais da linguagem falada-escrita, desde fonemas, enquanto unidades mínimas, até a dupla articulação, ou seja, infinitas possibilidades de combinações dos fonemas, como ressalta Cornelsen (2006, p. 175): “Curioso é que Pasolini associa os fonemas ao alfabeto na língua italiana para, com isso, produzir certa similitude quantitativa entre as 21 letras que o compõem e os 22 jogadores que iniciam uma partida de futebol”. Segundo Pasolini (2005, p. 4), a unidade mínima da linguagem do futebol seria o “podema”, definido como “um homem que usa os pés para chutar uma bola”. As infinitas combinações dos “podemas” produziriam as “palavras futebolísticas”, que, por meio de sua combinação, formariam o discurso do futebol.

Pasolini (2005, p. 4, grifo do autor) procura estabelecer uma relação entre jogadores, os “cifradores”, e espectadores, os “decifradores”, enfatizando o processo de comunicação construído por eles através do código futebolístico: “Quem não conhece o código do futebol não entende o ‘significado’ das suas palavras (ou passes) nem o sentido de seu discurso (um conjunto de passes)”. O código futebolístico nos dias atuais também passa pelo entendimento de signos verbais, ou seja, pelo surgimento de palavras e expressões específicas da linguagem futebolística, como caneta, chapéu, chocolate, drible da vaca, gol do meio da rua etc. Cornelsen (2006) ressalta que a linguagem do futebol, segundo Pasolini, fundamenta-se na Semiologia da Cultura. Todos os fenômenos que formam sua linguagem são fenômenos culturais.

A língua também pode ser avaliada como um código geral, que contém em si subcódigos. Assim, Pasolini também interpretaria a linguagem futebolística através de subcódigos, formada por dois gêneros literários: o “futebol de prosa” e o “futebol de poesia”: “(...) poderíamos afirmar que Pasolini associa o futebol ‘burocrático’ à prosa, mais próxima da linguagem cotidiana, e o futebol ‘criativo’ à poesia, dando-lhe uma qualidade expressiva sobretudo individual” (CORNELSEN, 2006, p. 180, grifo do autor). De todas as propostas apresentadas pelo escritor e cineasta, duas merecem destaque: o momento do gol e o drible. O gol é representado como o momento exclusivamente poético: “Cada gol é sempre uma invenção, uma subversão do código: cada gol é fatalidade, fulguração, espanto, irreversibilidade” (PASOLINI, 2005, p. 5). Cornelsen (2006, p. 184, grifo do autor) ainda acrescenta em relação à proposta de Pasolini que a subversão do “futebol de prosa” encerra-se no gol:

Embora não encontremos nenhuma proposição no texto que sinalize para a relação entre “futebol de prosa” e “gol”, podemos deduzir que, enquanto o “futebol de poesia” seria “poesia pura”, realização e momento máximo da

expressão do discurso futebolístico, o “futebol de prosa” encerraria em si um momento claramente “subversivo”, ou seja, o próprio “gol” que, enquanto poético, se diferenciaria da linguagem prosaica que – assim como a linguagem poética – tem por meta principal alcançá-lo.

O drible, assim como o gol, constitui-se em expressão por excelência do “futebol de poesia”: “O drible é também essencialmente poético (embora nem sempre, como a ação do gol). De fato, sonho de todo jogador (compartilhado por cada espectador) é partir da metade do campo, driblar os adversários e marcar” (PASOLINI, 2005, p. 4). Cornelsen (2006, p. 185, grifo do autor) relembra a poeticidade de um dos melhores jogadores da história do futebol, notável pelos seus dribles: “Uma vez que Pasolini não apresenta em seu artigo exemplos de ‘poetas da bola’ no futebol brasileiro, poderíamos citar aqui um exemplo desse ‘futebol de poesia’: Mané Garrincha”.

Cornelsen (2006), ao discutir o ensaio de Pasolini, enfatiza que o drible se consolida como expressão de excelência do atleta e de euforia dos telespectadores. O drible nasce como um dos artifícios que insere a poesia na prática do futebol. Drummond constrói os movimentos do drible por meio de Edson Arantes do Nascimento, Pelé. O jogador iniciou sua carreira no Santos Futebol Clube com apenas 16 anos e, aos 17, conquistou sua primeira Copa do Mundo, em 1958. Pelé foi fundamental para a construção da identidade futebolística e brasileira.

Drummond, como cronista e poeta, não se limita a descrever o objeto de sua obra. Examina-o, penetra-o e o recria, buscando apreendê-lo. Na crônica *Letras louvando Pelé*, publicada em 20 de julho de 1971, o cronista-poeta rompe com as conceituações e busca aquilo que caracteriza a poesia: a imagem. A crônica se aproxima do poema em prosa. O jogo de analogias cria na mente do leitor um imaginário, fruto das significações que atribui às imagens poéticas. O leitor sente como se estivesse presenciando uma partida do jovem menino de Três Corações. O título da crônica dá indícios da construção da linguagem futebolística ao longo da crônica de Drummond (2014, pp. 142-143), tomando a forma do jogo e dos movimentos do jogador. Por tudo isso, vale lê-la:

Pelé, pelota, pejeja. Bola, bolão, balaço. Pelé sai dando balõesinhos. Vai, vira, voa, vara, quem viu, quem previu? GGGGoooooIIII.

Menino com três corações batendo nele, mina de ouro mineira. Garoto pobre sem saber que era tão rico. Riqueza de todos, a todos doada, na ponta do pé, na junta do joelho, na porta do peito.

E dança. Bailado de ar, bola beijada, beleza. A boa bola bólide, brasil-brincando. A trave não trava, trevo de quatro, de quantas pétalas, em quantas provas, que não se contam? Mil e muitas. Mundo.

O gol de letra, de lustre, de louro. O gol de placa, implacável. O gol sem fim, nascendo natural, do nada, do nunca; se fazendo fácil na trama difícil, flóreo. Feliz. Fábula.

Na árvore de gols Pelé colhe mais um, romã rótula. No prato de gols papa mais um, receita rara. E não perde a fome? E não periga a força? E não pesa a fama?

Ama.

Ama a bola, que o ama, de mordente amor. Os dois combinam, mimam-se, ameigam-se, amigam-se. “Vem comigo”, e entram juntos na meta. Quem levou quem? Onde um termina e a outra começa, mistura fina?

Saci-pererê, saci-pelelê, só pelê, Pelé, na pelada infantil. Assim se forma um nome, curto, forte, aberto. Saci com duas pernas pulando por quatro? Nunca vi. Nem eu. Mas vi. Saci corta o ar em fatias diáfanas, corta os atacantes, os defensores, saci-bola, tatu-bola, roaz, reto, resplandece.

A arte que se tira do corpo, as belas-artes do movimento, do ritmo. Músculos, nervos, tecidos, domados, acionados. Reflexos em flor, florindo sempre. Escultura que a todo instante se modela e desfaz e refaz, diferente, fluida. Pelé, escultor de si mesmo. A esmo. Errante. Constante. Presente. Presciente. Próvido.

O sonho de todas as crianças a envolvê-lo. O sonho a continuar nos adultos, novelo, desvelo. Não é do Santos, é de todos os santos e pecadores. Sua foto leal, seu jeito legal. Um que sabe e não é prosa: a maior proeza.

Não quer tomar pileques de glória, vai para sua casa, seu povinho, seu que-fazer. Deu tanta alegria que também precisa viver a sua. Chamada paz. Não pode? Pode. Não deve? Claro que deve. E nós lhe devendo tanto, ainda iríamos lhe cobrar mais uns quantos?

Mas leva a bola consigo, sem camisa amarela; só ela. Vai jogar em família, com seu clube, sua paz, seu número dez.

A bola não fica triste, a bola alegre resiste. Vai conversando com ele: Agora estamos mais livres? Vamos viver mais pra nós? A bola indaga; tem voz.

Pois é, responde Pelé. O nome rima no ar. Nome fácil de guardar. De dizer. Os sons se cruzam, se abraçam: Pelé no Maracanã.

O imenso coro ressoa. Pe-lé. Pe-lé. Pe-lé.

Até

amanhã.

Não é adeus, é até.

logo, Pelé, até.

No Maraca, na esperança, no mundo, o nome, a lembrança, a presença de Pelé.

Um dos principais recursos utilizados na crônica é a aliteração. No trecho, “Pelé, pelota, peleja. Bola, bolão, bolaço. Pelé são dando balõezinhos. Vai, vira, voa, vara, quem viu, quem previu? GGGGoooooIIII”, a repetição dos fonemas “p”, “b” e “v” concretiza o toque na bola, o movimento do atleta, o traquejo. Até que surge o momento mais eufórico despertado no torcedor: o gol. Drummond remete também às origens do jovem menino: “Menino com três corações batendo nele, mina de ouro mineira. Garoto pobre sem saber

que era tão rico. Riqueza de todos, a todos doada, na ponta do pé, na junta do joelho, na porta do peito”. “Três corações” e “mina de ouro” podem referir-se tanto à sua cidade natal, no estado de Minas Gerais, quanto às qualidades atribuídas ao atleta. Por meio de Pelé, o cronista-poeta enaltece a riqueza do povo brasileiro. Uma riqueza não-material, mas espiritual, pertencente a todos e a todos doada, uma riqueza conquistada pela confraternização social, pela relação recíproca entre os indivíduos que compartilhavam uma paixão em comum.

Em “Bailado de ar, bola, beijada, beleza. A boa bola bólida, brasil-brincando”, o cronista enfatiza, pela repetição da consoante “b”, a euforia compartilhada por grande parte da nação, despertada não só pelo esporte, mas também pelo jogador. A brincadeira com a bola faz com que o leitor reviva uma sensação de resquícios da infância, de ingenuidade e pureza. No poema de Drummond, a nação brasileira é um menino brincando com a bola, construindo junto com os jogadores, o ritual futebolístico brasileiro. Drummond também relaciona a sonoridade do nome Pelé com a da palavra Saci-pererê: “Saci-pererê, saci-pelele, só pelê, Pelé, na pelada infantil. Assim se forma um nome, curto, forte, aberto. Saci com duas pernas pulando por quatro? Nunca vi. Nem eu. Mas vi”.

Saci é uma figura do folclore brasileiro, representado como um menino negro, de uma perna só, fumando seu cachimbo e sempre vestindo uma carapuça vermelha que lhe concede poderes mágicos. O saci é conhecido, principalmente, por aprontar suas travessuras com os animais e com as pessoas. O cronista-poeta representa Pelé como o saci-pererê do futebol, resgatando o malandro presente na simbologia da cultura brasileira, dando-lhe a conotação de uma malandragem ingênua, a malandragem da criança. As lendas do folclore possuem uma certa magia em relação à sua crença. Alguns afirmam que já viram, outros permanecem céticos em relação à sua existência. Drummond também brinca com a imagem de Pelé, como se o jogador fosse uma lenda do folclore brasileiro: “Saci com duas pernas pulando por quatro? Nunca vi. Nem eu. Mas vi”.

O gol, assim como o drible, também se consolida como expressão de excelência do atleta e de euforia dos telespectadores: “O gol de letra, de lustre, de louro. O gol de placa, implacável. O gol sem fim, nascendo natural, do nada, do nunca; se fazendo fácil na trama difícil, flóreo. Feliz. Fábula”. Drummond afirma o nascimento desse instante

por meio de múltiplas possibilidades: o gol de letra é o movimento em que o jogador passa uma perna por trás da outra, para facilitar o chute com o pé "dominante" em uma situação em que ele normalmente não poderia ser utilizado. Lustre e louro, assim como a expressão gol de placa, reafirmam a genialidade do atleta e transmitem o alto grau de dificuldade para a execução de lances como o de letra, que exige muita habilidade e técnica. A passagem “se fazendo fácil na trama difícil” reforça as qualidades de Pelé e do futebol brasileiro: irreverente, malandro, plástico, artístico. Essas características também são destacadas no trecho: “Não é do Santos, é de todos os santos e pecadores”. Um trocadilho construído através da palavra “Santos”, podendo remeter tanto ao clube Santos, onde Pelé jogara e consagrara-se, quanto à religião. Há também uma referência ao caráter democrático da prática futebolística, exposta na ideia de que engloba todos os santos e pecadores. E o futebol brasileiro? Aproxima-se do santo ou do pecador?

O cronista também chama a atenção aos aspectos corpóreos presentes no jogo:

A arte que se tira do corpo, as belas-artes do movimento, do ritmo. Músculos, nervos, tecidos, domados, acionados. Reflexos em flor, florindo sempre. Escultura que a todo instante se modela e desfaz e refaz, diferente, fluida. Pelé, escultor de si mesmo.

Drummond constrói a ideia de que a arte de Pelé e do atleta em geral, é tirada do corpo, matéria de sua essência – músculos, nervos, tecidos. O jogador, ao mesmo tempo, é representado como um escultor. A matéria-prima de sua arte é seu próprio corpo, eterno devir: “Escultura que a todo instante se modela e desfaz e refaz, diferente, fluida. Pelé, escultor de si mesmo”.

Uma das representações que mais ganha destaque no poema é a relação entre Pelé e a bola. O amor entre os dois, mordente, reflete as características do futebol brasileiro: fervoroso, insolente, provocativo, irreverente. Jogador e objeto são unidos em tamanha reciprocidade que os torna um só elemento. Quem os distingue?:

Ama a bola, que o ama, de mordente amor. Os dois combinam, mima-se, ameigam-se, amigam-se. ‘Vem comigo’, e entram juntos na meta. Quem levou quem? Onde um termina e a outra começa, mistura fina?

Drummond também representa essa relação no trecho:

Deu tanta alegria que precisa viver a sua. Chamada paz. Não pode? Pode. Não deve? Claro que deve. E nós devendo tanto, ainda iríamos lhe cobrar mais uns quantos?

Mas leva a bola consigo, sem camisa amarela; só ela. Vai jogar em família, com seu clube, sua paz, seu número dez.

A bola não fica triste, a bola alegre resiste. Vai conversando com ele: Agora estamos mais livres? Vamos viver mais pra nós? A bola indaga; tem voz.

A construção da imagem do jogador brasileiro como o herói nacional infalível, intocável, inabalável, é desmistificada. Ao expor sua exaustão física, e porque não mental, o poeta-cronista aproxima Pelé do homem comum, demonstrando que também se constitui como mais um cidadão da nação. Para enfatizar essa percepção, Drummond tece um diálogo com o leitor por meio de perguntas: não pode? Não deve? E ainda reforça o direito do atleta ao descanso: “E nós devendo tanto, ainda iríamos lhe cobrar mais uns quantos?”.

Assim que o jogador se afasta dos torneios, é retomada a ligação entre Pelé e a bola. Até o dever de representar a nação é deixado de lado, destacado na passagem: “Mas leva a bola consigo, sem camisa amarela; só ela”. A reclusão do desportista é simbolizada como um momento de paz, construído junto com a família. Mas sua reformulação, como atleta e ser humano, não poderia deixar de existir sem ela – a bola. Por meio da personificação, Drummond dá voz ao objeto, que conversa diretamente com Pelé. É interessante perceber, neste diálogo, como a distância dos holofotes é construída como um momento de liberdade: “Agora estamos mais livres? Vamos viver mais pra nós? A bola indaga; tem voz”.

No final da crônica, destaca-se:

Pois é, responde Pelé. O nome rima no ar. Nome fácil de guardar. De dizer. Os sons se cruzam, se abraçam: Pelé no Maracanã.

(...)

No Maraca, na esperança, no mundo, o nome, a lembrança, a presença de Pelé.

A facilidade da pronúncia e da lembrança do nome do jogador demonstra a apropriação do povo sobre a representatividade de Pelé e a significação do futebol. A passagem “No Maraca, na esperança, no mundo, o nome, a lembrança, a presença de Pelé” simboliza que o esporte se disseminava por todos os cantos do país, não se restringindo a um lugar específico. Por essa razão, o futebol torna-se irreverente: não pertence a ninguém, mas a todos. Um compartilhar entre jogador, torcida e bola, que a figura sete procura testemunhar:



Figura 7: Pelé comemorando gol na Copa de 1958. Fonte: terra.com.br.

2.3.3. A beleza do grotesco

Além de Pelé, Garrincha também se notabilizou com dribles desconcertantes. O atleta possuía uma característica peculiar: suas pernas tortas. Vinícius de Moraes, em homenagem ao jogador, eternizou uma figura simbólica em relação à sua imagem, representando-o em seu poema como O anjo de pernas tortas¹. O poeta retoma uma concepção de beleza: a beleza do grotesco. Um modo de compreender esse processo é por meio da antítese, associações de elementos aparentemente incompatíveis. Também Drummond eterniza Garrincha. Antes, porém, falou do eu lírico no Poema de sete faces.

José Guilherme Merquior (2012, p. 37) discorre sobre as principais características do primeiro momento do autor mineiro: “Instala-se também, entre o riso e a preocupação,

¹ A um passe de Didi, Garrincha avança / Colado o couro aos pés, o olhar atento / Dribla um, dribla dois, depois descansa / Como a medir o lance do momento. / Vem-lhe o pressentimento; ele se lança / Mais rápido que o próprio pensamento / Dribla mais um, mais dois; a bola trança / Feliz, entre seus pés - um pé-de-vento! / Num só transporte a multidão contrita / Em ato de morte se levanta e grita / Seu unísono canto de esperança. / Garrincha, o anjo, escuta e atende: - Gooooo! / É pura imagem: um G que chuta um o / Dentro da meta, um 1. É pura dança! (MORAES, 1967, p. 124)

a comédia e o problema vivido, uma ambiguidade que o poema [Poema de sete faces] se inclina antes a explorar que a resolver”. A primeira estrofe desse poema ambiguiça sentidos:

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida (ANDRADE, *apud* MERQUIOR, 2012, p. 34, grifo do autor).

É possível perceber a contradição entre a figura do anjo e a utilização do termo torto, usado para descrevê-lo. Um anjo remete a uma figura celestial, visto por religiões como o Cristianismo, Judaísmo e o Islamismo como o mensageiro entre Deus e os homens, tradicionalmente usado em poemas românticos. Como adjetivá-lo através de um termo que, aparentemente, não o equipara? Um dos sentidos sugeridos pelo vocábulo torto se refere a uma deficiência física, que causa aflição aos olhos. Porém, uma nova construção de sentido lhe é atribuída: a beleza grotesca.

Charles Baudelaire (2006, p. 865) reflete sobre o conceito de beleza grotesca:

Vejo um desenho magnífico em que se ergue uma única personagem, grande, robusta, com ar ao mesmo tempo pensativo, despreocupado e audacioso; grandes botas lhes chegam acima dos joelhos; seu uniforme militar está escondido sob pesado e largo casaco completamente abotoado; através da fumaça do charuto, ela perscruta o horizonte sinistro e brumoso; um dos braços feridos é sustentado por uma gravata servindo de tipóia.

Baudelaire mostra como o belo desabrocha em um dos cenários mais devastadores da humanidade: a guerra. A descrição do soldado é construída de forma detalhada, de modo a prender a atenção do leitor. Na crônica Na estrada, publicada na coletânea *Cadeira de Balanço*, em 1966, Drummond compartilha semelhante processo ao adjetivar com conotações positivas a imagem de Mané por meio da beleza do grotesco. Aqui, também vale ler a crônica:

O moço de coração simples estava à beira da estrada, vendo passarinho voar.
Passou o destino, bateu-lhe no ombro e disse:

- Vai brincar.

- Eu estou brincando – respondeu o rapaz.

- Vai brincar com os pés e com as pernas, pois para isso nasceste.

O jovem foi para a cidade e pediu que o deixassem ficar em companhia de outros, num lugar onde se brincava de movimento.

- Nunca poderás brincar direito – observaram os entendidos, examinando-lhe o corpo. - Tens pernas arqueadas. Pernas arqueadas são grande empecilho na vida.

E mandaram-no embora. Foi a outros lugares, ouviu a mesma resposta. Um dia, sem reparar em suas pernas, deixaram-no ficar e brincar.

Brincou melhor do que todos os que tinham pernas clássicas. Seu brinquedo mágico, dentro do brinquedo comum, dava a quem o via uma felicidade intensa.

- Ninguém na terra brinca melhor do que este – disse a voz pública, maravilhada.

Os entendidos não explicavam por quê. Ninguém explicava. Poetas celebraram-no.

- Conta, conta – pediam-lhe em toda parte. - Porque és maravilhoso?

Sua cabeça, como seu coração, era simples. Ele não tinha o que responder, senão brincar mais e melhor ainda.

Foi levado para outros países, e assombrava os povos pelo mistério das pernas cambotas, que sabiam bailar e enganar, enganar e bailar.

A glória o perturbará, profetizavam alguns. Com a glória perderá a inocência.

A glória não o perturbou; era simples o menino grande, brincando mais engraçado que os outros, e nisso se comprazia.

Com a fama, ganhou montes de dinheiro. O dinheiro o perturbará, sentenciaram outros. Entretanto não querendo preocupar-se passou-o a quem sabe guardá-lo e multiplicá-lo, e, fugindo aos prazeres da dissipação e soberba, reservou-se o prazer do brinquedo.

Aí veio o amor, e disse:

- Eu venço este homem.

Fê-lo escutar uma canção, tornou-o inquieto. O rapaz começou a viajar de um lugar para outro, a esconder-se dos companheiros e de si mesmo, a falar muito e com acidez. Reclamava atenções e mais dinheiro, sempre mais, alegando que merecia. E ameaçava.

Ele tem razão, afirmavam uns. Não tem razão, proclamavam outros. Já não é o mesmo, queixava-se esta; ouviu o canto da sereia. Aquela replicava: Ele precisa é de amizade.

Chamaram-no de mentiroso, de ingrato e de vítima. Dois grandes partidos se formaram em torno, incentivando-o, enxovalhando-o. Sua intimidade foi fotografada como objeto público. E ele parou de brincar. A felicidade que distribuía a todos está suspensa. Enquanto isso, à beira da estrada, ele espera que o destino passe de novo, pouse a mão em seu ombro e lhe diga o que será de sua vida. É preciso que ouça outra vez:

- Vai brincar, pois para isso nasceste (ANDRADE, 2014, pp. 147-148).

A crônica faz alusão ao caráter espiritual do esporte, referindo-se à ideia de um destino que dialoga com o jogador, ainda jovem, na estrada. As imagens do “coração simples” e do “passarinho” enfatizam a visão do futebol sendo construído, em Garrincha, por meio da ingenuidade, pureza, liberdade e resquícios da infância, relacionando-se à ideia do brasil-brincando, da crônica Letras louvando Pelé.

Ao conversarem, o destino aconselha Mané a ir brincar com os pés e as pernas. Mané, então, vai para a cidade e encontra os primeiros obstáculos que deveria encarar devido à sua condição física: “- Nunca poderás brincar direito – observam os entendidos, examinando-lhe o corpo. – Tens pernas arqueadas. Pernas arqueadas são grande empecilho na vida”. Ao construir o atleta via beleza grotesca, Drummond revela que, mesmo após quase 40 anos, o aperfeiçoamento da condição física e da imagem do atleta, já discutidos por Lima Barreto na crônica Uma Conferência Esportiva, ainda mantinham-se presentes como fortalecimento de uma ideologia. Na estrada deprecia as teorias racionalistas, intelectuais e científicas proferidas pelos “entendidos”, que se revelam céticos em relação à capacidade de superação e autovalorização do povo brasileiro.

Garrincha, apesar de suas pernas tortas, é recepcionado por um grupo e consegue ganhar destaque nas partidas que disputava. Nesse momento, Drummond utiliza a beleza grotesca para a valorização de uma peculiaridade que apenas o jovem jogador era capaz de ter: “Um dia, sem reparar em suas pernas, deixaram-no ficar e brincar. / Brincou melhor do que todos os que tinham pernas clássicas. Seu brinquedo mágico, dentro do brinquedo comum”. É possível perceber que o cronista-poeta simboliza as pernas de Mané como um brinquedo, diferente dos outros justamente por ser arqueada. A irreverência também é construída neste trecho ao ratificar o sentido de que o futebol é o espaço comum a todos os incomuns, ou seja, agrega a especificidade de todos os indivíduos. Nesse sentido, a beleza grotesca sobressai: quanto mais grotesco, mais extraordinário.

A narrativa continua e as pernas de Mané despertam curiosidade por todos os lugares: “Foi levado para outros países, e assombrava os povos pelo mistério das pernas cambotas, que sabiam bailar e enganar, enganar e bailar”. A palavra mistério representa a falta de explicação racional para compreender não apenas a peculiaridade física do jogador, como também a arte que envolvia seu futebol, futebol-moleque ao enganar o adversário, futebol-dança que bailava pelas quatro linhas do campo. Mario Filho (2003) ilustra essa visão em uma passagem da Copa de 1958, ao construir, por meio de palavras,

a plasticidade das jogadas, ironizando aqueles que ainda desconfiavam do futebol de Mané. Às vésperas do jogo contra a Rússia, olheiros foram mandados para analisar as artimanhas dos jogadores brasileiros. Chegaram a uma conclusão: Garrincha era imarcável em seu drible para a direita. E, assim, todos acreditavam que esse seria o único recurso do atleta – o drible para a direita. Eis o ocorrido:

A Rússia botou dois homens para marcar Garrincha. Um para levar o drible outro para tomar a bola que Garrincha atiraria de lado, para a direita, na hora do drible. Aconteceu, porém, o seguinte: o primeiro drible de Garrincha foi para a esquerda (MARIO FILHO, 2003, p. 325).



Figura 8: Garrincha aplicando um de seus dribles desconcertantes no adversário. Fonte: lance.com.br.

Apesar de todo o sucesso, o atleta também protagonizaria momentos difíceis em sua carreira. Capararo (2007, p. 48) analisa que a crônica esportiva especializada trouxe como uma de suas consequências a capacidade de o cronista tanto contribuir para a criação de ídolos quanto para transformá-los em vilão: “Em se tratando do campo esportivo, especificamente do futebolístico, a oscilação é muito acentuada. O herói de ontem pode ser o algoz de hoje e vice-versa”. Por meio dessa vertente, Drummond segue sua crônica, representando a oscilação de opinião dos veículos de imprensa em relação à Garrincha: “A glória o perturbará – profetizavam alguns. Com a glória perderá a inocência”, “(...) o dinheiro o perturbará – sentenciaram outros (...) Aí veio o amor, e disse: - eu venço este homem”. Mané, então, parece perder o rumo:

O rapaz começou a viajar de um lugar para o outro, a esconder-se dos companheiros e de si mesmo, a falar muito e com acidez. (...) Ele tem razão, afirmavam uns. Não tem razão, proclamavam outros.

Drummond se revela irreverente porque se distingue dos cronistas e dos meios de comunicação responsáveis por construir o perfil simbólico do atleta brasileiro, ora herói, ora vilão. Ao representar Garrincha não como um herói nacional, tampouco como um vilão, apenas como um homem comum, expõe o que o jogador possui de melhor e pior. Sem julgá-lo, sem determinar o certo e o errado, representa sua fraqueza. Fraqueza existente em todo ser humano. O final da crônica deixa uma fresta de luz para Mané - a busca de um recomeço e a reformulação de sua essência: “Enquanto isso, à beira da estrada, ele espera que o destino passe de novo, pouse a mão em seu ombro e lhe diga o que será de sua vida. É preciso que ouça outra vez:- Vai brincar, pois para isso nasceste”.

Se a ironia revela-se irreverente em Lima Barreto ao confrontar os moldes elitistas que utilizavam o futebol para a construção de uma identidade nacional segregacionista e discriminatória, a irreverência irônica em Drummond é análoga à irreverência do futebol brasileiro, revelando a forma que o povo brasileiro tomava as rédeas de sua própria identificação, não se deixando utilizar, mas utilizando o futebol como ressignificação. O senso crítico e a capacidade de mobilização social se constituem em armas importantes para a conquista da independência de um ser humano, e de um povo, desenvolvendo-se como um dos aspectos fundamentais no combate de regimes totalitários que assolam uma sociedade.

CAPÍTULO 3: A RECONSTRUÇÃO DE UMA NARRATIVA, PLÍNIO MARCOS E O FUTEBOL NOS ANOS DE CHUMBO

As crônicas de Lima Barreto e Carlos Drummond de Andrade refletem sobre como ideologias socioculturais fortaleceram a relação entre futebol e sociedade. Na década de 1910 e no início dos anos de 1920, Lima Barreto observou que o futebol se solidificou como um dos pilares da reestruturação urbana e sociocultural da capital federal. O objetivo da aristocracia carioca era a construção de uma identidade nacional voltada para a ideologia civilizatória disseminada pelos principais centros metropolitanos do continente europeu. O conceito de civilização estava fortemente relacionado com o processo de branqueamento da população, refletindo uma mentalidade segregacionista e discriminatória não apenas na esfera esportiva, como também no contexto social.

Drummond vivenciou o auge da paixão futebolística, protagonizado principalmente por Pelé e Garrincha, talentos individuais que se destacaram na primeira conquista brasileira da Copa do Mundo em 1958. Apesar de compartilhar um sentimento comum com grande parte da nação, Drummond, assim como Lima Barreto, fazia uso da ironia para criticar a realidade. Essa crítica é retratada nas crônicas que escrevera dias após a conquista do selecionado brasileiro. O autor coloca em segundo plano a euforia provocada pela vitória e ressalta a utilização desse júbilo em prol de interesses particulares. Drummond também dá voz à população carente, discriminada e abandonada pelas autoridades públicas, subestimada por determinados setores da sociedade.

Plínio Marcos, como Lima Barreto e Drummond, também utiliza a ironia como forma de pensamento para refletir sobre o drama social que assolava a sociedade brasileira. Ao longo da ditadura militar, o escritor e dramaturgo brasileiro abordava temas reprimidos pela censura em suas obras teatrais e em suas crônicas publicadas em jornais. É fundamental que, antes de adentrarmos no contexto social e na análise das crônicas de Plínio Marcos, compreendamos as concepções de literatura marginal e imprensa alternativa, pois não só exerceram papel central na propagação de movimentos políticos contra o regime ditatorial, mas também revolucionaram as concepções de arte.

3.1. A literatura marginal e a imprensa alternativa

José Ismar Petrola Jorge Filho (2017) analisa a consolidação do jornalismo como indústria nos anos de 1960 e 1970. Por um lado, estabelecia-se a formação de grandes

grupos midiáticos e a criação de padrões na atuação profissional dos jornalistas, inspirados pela mídia norte-americana. Por outro, contrapunha-se a esse cenário o surgimento de pequenos periódicos, de preparo artesanal, o que desencadeou o desenvolvimento da imprensa alternativa.

Ao discorrer sobre as reflexões de Bernardo Kucinski, Jorge Filho evidencia três gerações do jornalismo alternativo, produzidas durante a ditadura militar. A primeira observa-se em 1968, época em que há uma tendência de busca de nichos dentro da grande imprensa. A geração seguinte, a de 1969, caracteriza-se pela atuação de semanários, como *Opinião* e *O Pasquim*. A partir do ano de 1974, a terceira geração, com periódicos como *Versus*, *Movimento*, *De Fato*, *Coojournal*, destaca-se pela diversificação de temas, ligados principalmente às temáticas políticas, como o colapso do milagre econômico e o retorno de presos políticos.

Os autores da imprensa alternativa formavam-se da mescla entre gerações anteriores que vivenciaram a ditadura presidencialista instaurada por Vargas, em 1937, e membros de movimentos estudantis dos anos 60. A partir de 1970, jovens jornalistas que enfrentavam a diminuição do espaço crítico na grande imprensa e o fim de grupos mais tradicionais de esquerda, encontravam na imprensa alternativa um local de identificação. Três principais linhas de pensamento se desenvolveram dentro da imprensa alternativa: a primeira linha era relacionada com a abordagem política, ligada a movimentos de esquerda, como os movimentos estudantis e sindicais; a segunda era voltada à contracultura, ligada aos jornais como *Opinião* e *Movimento*; e a terceira era ligada aos periódicos alternativos cariocas, como *Pif-Paf* e *O Pasquim*. Maria Paula Nascimento Araujo (2004, p. 169, grifo do autor) explicita as características desse veículo de crítica:

A “Imprensa Alternativa” congregava jornais de vários tipos: 1) jornais de esquerda, que se vinculavam tanto a jornalistas de oposição quanto aos partidos e organizações políticas clandestinas; 2) revistas de “contra-cultura”, que reuniam intelectuais e artistas “alternativos” ou “malditos”, que produziam fora do esquema comercial e 3) publicações de movimentos sociais, englobando neste campo o movimento estudantil, os movimentos de bairro e os jornais das chamadas minorias políticas, como a imprensa feminista, a chamada “imprensa negra”, os jornais de grupos homossexuais organizados, as publicações indígenas, etc.

O principal papel desempenhado pela imprensa alternativa foi a divulgação e a propagação de movimentos políticos contra o regime ditatorial. O *Movimento*, semanário em que Plínio Marcos escreveu grande parte de suas crônicas futebolísticas, fundado pelo

jornalista Raimundo Pereira, originou-se de dissidentes do jornal *Opinião*, com o intuito de formar uma frente ampla de forças de oposição ao regime militar. O jornal atuava em lutas pela liberdade democrática, pela anistia aos exilados e presos políticos e pelos direitos da mulher e do trabalhador, o que, conseqüentemente, o tornou alvo da repressão ao longo da ditadura. O fim da frente ampla que o sustentava acarretou o seu fechamento, em novembro de 1981.

A censura militar agiu sobre a diversificação da imprensa alternativa de diversas formas. Periódicos como *O Pasquim*, *Opinião* e *Movimento* foram obrigados a mandar seus materiais de publicação diretamente para a censura prévia em Brasília, pelo período de seis meses. Além disso, eram utilizados outros meios de repressão e coerção, como apreensão de tiragens de jornais, depredação de redações, prisões de jornalistas, atentados a bomba, destruição de gráficas etc. Apesar disso, a imprensa alternativa constituía-se em um dos principais campos de atuação para autores e artistas de diversas áreas, que buscavam liberdade de criação, desafiando as regras do mercado, a cultura oficial propagada pelo Estado e o domínio das grandes editoras. A confecção dessas novas obras era feita artesanalmente, financiada pelos próprios escritores, que vendiam seus livros de mão em mão, na porta de teatros, cinemas, museus, escolas, bares etc.

Paulo César Gomes (2017) reflete sobre a forma como a literatura marginal surgiu em meio ao cenário da imprensa alternativa. O marginal é definido como o dilema de uma geração, dividida entre o conformismo com o estado das coisas e a formação de um bandido à margem, buscando formas criativas de externar sua revolta e inconformismo. Plínio Marcos, assim como os autores que fizeram parte da literatura marginal, fazia uso da linguagem informal, irônica, e até mesmo pornográfica, centrando-se em aspectos individuais e em temas rentes ao cotidiano. Como um espaço de resistência cultural que se distanciava do engajamento político e se aproximava da rebeldia e da transgressão, a literatura marginal buscava não apenas uma forma de driblar a censura propagada pelo regime, como também revolucionar o conceito de arte.

Não havia, no campo da literatura, uma homogeneidade em relação ao conceito de literatura marginal. Com o AI-5, decreto emitido pelo regime militar em 1968, durante o governo de Costa e Silva, a cultura tornou-se o principal meio de protesto indireto e de debates políticos. A intensificação da censura às obras literárias e a perseguição de artistas pelos órgãos repressivos alastravam-se pelo contexto social. A produção marginal

desenvolveu-se como uma estratégia planejada por escritores, músicos e artistas plásticos para ludibriar os aparatos repressivos. A inovação estabelecida por esses artistas não só se dava no contexto de produção, mas também na forma de linguagem.

A diversificação de temas era algo tratado na dramaturgia e nas crônicas de Plínio Marcos, além da campanha em favor da anistia aos presos políticos e da retomada das liberdades civis. Em sua coluna, *Justiça no Brasil tarda e falha*, publicada no dia 8 de novembro de 1979, Plínio Marcos (*apud* Jorge Filho, 2017, p. 7) denuncia a calamidade social e a tentativa do governo de censurar notícias de jornais que discutissem sobre violência:

A censura proibia qualquer notícia, peça, filme e música que falasse em miséria para dar a impressão de que o país estava prosperando. O resultado está aí. A miséria cresceu tanto no nosso país que não dá mais para ser abafada. Se houver censura sobre as notícias de violência, muita gente vai pensar que está tudo tranquilo até o dia que ela explodir de forma louca e total.

Apesar de ter sido publicada há 40 anos, a matéria descreve o cenário social atual do país. Plínio Marcos nos possibilita atentar ao atual contexto da sociedade brasileira e dialoga com as reflexões suscitadas por Lima Barreto ao compreender como o descaso, a marginalização e a discriminação de grande parte da população podem refletir em situações extremas de crise social. A censura se estabelecia como uma prática assídua que possuía o intuito de ofuscar não apenas a violência, como também a tenebrosa realidade sofrida por milhares de cidadãos. Jorge Filho (2017) afirma que, desde a sua primeira peça, *Barrela*, de 1959, Plínio Marcos foi alvo da censura. Em 1963, as peças *Os fantoches* e *Enquanto os navios atracam* sofreram restrições, liberadas apenas para maiores de 18 anos. Em 1965, a publicação de *Reportagem de um tempo mau* havia sido proibida, devido ao seu caráter subversivo. No ano seguinte, uma nova versão de *Os fantoches*, intitulada *Chapéu em cima de paralelepípedo para alguém chutar*, foi integralmente vetada pela censura, pois, ao tratar da exploração do homem pelo próprio homem, a obra poderia conduzir a um envenenamento moral do povo.

Desde a Constituição de 1934, a censura prévia era uma atividade legal do Estado. Em 1965, uma nova legislação censória foi constituída pelo regime, aproveitando artigos já existentes e criando novos instrumentos que pudessem atender às suas ideologias. Em um primeiro momento, a censura de diversões públicas atuava apenas em ramos regionais. Em 1966, após um processo de centralização, foi criada a Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP), exercendo uma ação mais uniforme. Os artistas, produtores e distribuidores requeriam, a partir daquele momento, uma única liberação

válida para todo o país. A censura de diversões públicas se tornava, assim, mais um dos aparatos repressivos, planejado pela ditadura com o intuito de solidificar sua legitimação dentro da própria corporação e no restante da sociedade civil. Além da censura de diversões públicas, o órgão também atingiu a imprensa escrita. Entretanto, apesar do forte sistema, Plínio Marcos não deixava de abordar em suas peças temas reprimidos pela censura.

3.2. A militarização do futebol

O movimento de 31 de março de 1964 foi instaurado, aparentemente, para o combate da corrupção e do comunismo, visando à restauração da democracia. No entanto, ao longo dos anos, o novo regime alterou as instituições do país por meio de decretos, denominados Atos Institucionais (AI), revelando intenções que, até então, eram camufladas pelos militares. Caio Navarro de Toledo (2004, p. 68, grifo do autor), sobre o contexto sociocultural do golpe militar, ressalta a real intenção do regime: paralisar as mobilizações da sociedade civil. Afirma:

Mais apropriado seria então afirmar que 1964 significou um golpe *contra* a incipiente democracia política brasileira: um movimento *contra* as reformas sociais e políticas; uma ação repressiva *contra* a politização das organizações dos trabalhadores (no campo e nas cidades); um golpe contra o amplo e rico debate ideológico e cultural que estava em curso no país.

Desde 1964, tornavam-se frequentes prisões, interrogatórios e torturas (física e psicológica) de suspeitos de subversão. Carlos Fico (2004) retoma o significado da expressão porões da ditadura, utilizada para designar as práticas repressivas do regime militar brasileiro, como a tortura e a morte de prisioneiros políticos. Entre os anos de 1964 e 1968, essas práticas foram denunciadas pela imprensa. Contudo, com a censura política dos jornais, provenientes da instituição do AI-5, as práticas de captura e tortura passaram a ser encobertas da população. A partir de 1969, o SNI (Serviço Nacional de Informações) constrói um amplo sistema de espionagem subdividido por todo o país, propagando um projeto de repressão nacional.

No final dos anos de 1960, o regime deu início à divulgação de uma intensa propaganda política, evidenciando à sociedade brasileira o poder de sua potencialidade. A publicidade formulada pelos militares era multifacetada. Durante o governo de Emílio Garrastazu Médici, os comerciais de televisão anunciavam mensagens de amor e de valores éticos associados à democracia ocidental e cristã, como a alegria, o otimismo, a

cordialidade etc. *Slogans* marcavam essa época: Ninguém segura o Brasil, O Brasil merece o nosso amor, Este é um país que vai pra frente.

Em meio a esse contexto, o futebol se desenvolveu como um dos principais ramos socioculturais da sociedade brasileira, utilizado pelos militares para a consolidação do regime. José Paulo Florenzano (2014, p. 147, tradução nossa) revela que esse processo solidificou uma ideologia que ia além da propaganda política:

O processo da militarização do futebol, no Brasil, (...) transcendia a mera utilização do selecionado canarinho para fins de propaganda política. Tratava-se de um projeto ideológico bem mais ambicioso, difuso e multifacetado que se desenrolava por diversas linhas convergentes de ação, traçadas a partir de várias instâncias de poder com o objetivo de enredar o conjunto da sociedade civil na trama semântica do nacionalismo exacerbado.

É possível observar dois exemplos que ilustram como a ditadura militar orquestrou um projeto ideológico que pudesse promover a aproximação das Forças Armadas com as camadas populares. O primeiro deles é a inauguração, em 1970, da Olimpíada do Exército. Florenzano (2014) ressalta que, na segunda edição, o evento reuniu em sua programação diferentes segmentos culturais da sociedade brasileira. A participação do cantor Roberto Carlos, a apresentação de artistas de rádio, teatro e televisão, as exposições de arte, os rodeios de animais e os desfiles de escolas de samba rompiam as fronteiras do contexto esportivo, transformando o evento em uma grande confraternização nacional.

O segundo exemplo é analisado por Leandro Stein (2014). A criação do Campeonato Brasileiro, em 1971, é planejada no contexto do Plano de Integração Nacional, formulado durante o governo Médici com o intuito de interligar o país e promover o desenvolvimento de regiões menos favorecidas, como o Norte e o Nordeste. Apenas 20 equipes formavam a elite da competição no ano de sua inauguração. Em 1972, o campeonato contou com 26 times. Leandro Stein (2014, p. 2, grifo do autor) esclarece como o número de participantes só cresceu a partir de então:

Chegou a 54 em 1976, quando todos os Estados da federação passaram a contar com pelo menos um representante na liga. A prática do famoso lema “onde a Arena vai mal, mais um time no nacional” chegava ao seu ápice (...). Na sequência, foram 62 clubes em 1977, 74 em 1978 e o recorde absoluto de 94 integrantes na primeira divisão em 1979.

Plínio Marcos (1976, p. 11), na crônica *Mumunhas matam o futebol*, escrita em 21 de junho de 1976, discute o contexto do Campeonato Brasileiro, que comportava 54 equipes:

Naturalmente, como quem está mais interessado em conchavo político do que em futebol, a C.B.D. adotou o sistema de convidar pro seu campeonato os clubes que quiser, e não os melhores classificados de cada campeonato regional. Sabe como é que é.

A ironia, construída através do coloquialismo, evidencia os esquemas de corrupção que já se tornavam hábitos frequentes entre os dirigentes esportivos. A palavra “naturalmente” reforça essa visão, dando a ideia de continuidade de um processo já em andamento. As expressões “mumunhas”, presente no título da crônica, e “conchavo político” também auxiliam na construção dessa percepção, referindo-se às traquinagens e artimanhas praticadas pelos dirigentes. A menção à ideia da C.B.D. convidar para participar do Campeonato Brasileiro os clubes que desejar, reafirma a percepção de que a seleção dos times que disputariam a principal liga do país não seguia critérios justos. Os desdobramentos desse cenário influenciaram em outro processo, como ressalta Plínio Marcos na crônica *É mais fácil empilhar tijolo do que montar o time*, publicada em 26 de abril de 1976:

Vejam, contem, confirmem quantos foram os campinhos no alto da pirambeira ou na beira da vala que desapareceram. Centenas. E pra compensar o fim desses campinhos, os cartolas construíram estádios. Estádios monumentais (MARCOS, 1976, p. 11).

O cronista utiliza o coloquialismo para dialogar com o leitor, ao dizer: “vejam, contem, confirmem”. Isto porque a questão em destaque diz respeito diretamente ao povo brasileiro. Os campinhos, seja no alto da pirambeira ou na beira da vala, representavam o habitat natural da população. Nesses locais, costumava-se armar uma confraternização social em torno da prática futebolística. Com o passar do tempo, esses campinhos desapareciam do mapa esportivo e davam lugar a exorbitantes estádios, frequentados por clubes de menor expressão ou por administrações que mal tinham dinheiro para pagar o salário de seus jogadores. Plínio Marcos (1976, p. 11) enfatiza a importância desses espaços para a população:

Campinhos de bairro são necessários. Dá dó, aos domingos, ver nas ruas de subúrbio e bairros, nas portas de botecos e nas calçadas, trabalhadores batendo bola. É muito triste. E não dá pra entender essa política de reformar toda hora o Pacaembú, de construírem estádios e esquecerem o lazer do povo.

Os campinhos de bairro constituíam-se em um meio de sociabilidade. Com a transformação desses lugares, a população tentava encontrar alternativas para que esses espaços pudessem ser redefinidos. A prática futebolística migra para ruas de subúrbios e bairros, para as portas de botecos e calçadas. A criação do Campeonato Brasileiro, em 1971, evidencia a utilização do futebol pelo regime militar para a solidificação de suas

diretrizes e para a sedução da população aos seus interesses. O tricampeonato da seleção brasileira, em 1970, tornou-se um dos grandes símbolos desse processo. Antes de analisarmos os diferentes pontos de vista que revestem o contexto dessa conquista, direcionamos um enfoque para as condutas militares que influenciaram os clubes.

3.2.1. Mumunhas matam o futebol: a indolência dos cartolas

Leandro Stein (2014) afirma que da mesma forma que a seleção passava por um processo de militarização em sua comissão técnica, a presença de indivíduos ligados ao regime militar influenciou o controle das federações. Os clubes possuíam uma clara dependência financeira do governo. Os dirigentes das principais entidades alcançavam a direção dos clubes graças à influência dos militares, que negociavam apoio político. Os jogadores, por sua vez, não possuíam uma organização que pudesse representá-los e garantir seus direitos trabalhistas.

Na crônica *Alguém esperava esporte limpo?*, escrita de 1 a 7 de janeiro de 1979, Plínio Marcos constrói a ironia por meio da sátira, ridicularizando os dirigentes esportivos, que protagonizavam escândalos de corrupção, desvio de renda de jogos, negociações de jogadores e falta de preparo para a direção dos clubes. Destaca-se, além disso, o uso do coloquialismo não só para retratar os aspectos culturais do código futebolístico, mas também para satirizar os dirigentes esportivos e construir a crítica social que permeia a crônica.

O cronista inicia discorrendo sobre o desempenho do Brasil na Copa de 1978:

Neste ano da graça de 1978, quando a seleção brasileira de futebol perdeu a Copa do Mundo por pura incompetência dos dirigentes, não foram os aspectos técnicos desse esporte que suscitaram os maiores debates e que ganharam o maior destaque nas páginas dos jornais (MARCOS, 1979, p. 18).

A ironia no trecho é construída sobre o universo da religiosidade. O ano de 1978 é apresentado por Plínio Marcos como o ano da graça, o que nos remete ao contexto religioso. Essa ideia está ligada a uma visão positiva, como se o ano de 1978 estivesse abençoado pela graça do Senhor. Todavia, logo em seguida, nos deparamos com a eliminação da seleção brasileira pelos argentinos durante o torneio mundial. O fracasso do desempenho é evidenciado pela ideia de que não foram os méritos da esquadra adversária responsáveis pela eliminação brasileira, mas sim a pura e inadmissível incompetência dos dirigentes esportivos, o que reforça ainda mais o fiasco da eliminação. Como um ano da graça pode ser descrito com características tão negativas? Seria um ano abençoado pela

graça ou pela desgraça? Mesmo após o fraco desempenho da seleção, o cronista ressalta que não foram os debates dos aspectos técnicos que ganharam destaque nas matérias do jornais. O que poderia ser mais importante do que a discussão sobre a seleção de futebol? Plínio Marcos (1979, p. 18) enfatiza:

Aliás, os aspectos técnicos do futebol ficaram, a bem da verdade, em plano bem inferior no noticiário esportivo, que quase foi transformado em seção de ocorrências policiais, tantas e tantas foram as trampolinagens que envolveram os cartolas da C.B.D., das federações e dos clubes.

O cronista dá destaque há uma figura: o cartola. No cenário futebolístico, o cartola é designado como o dirigente esportivo que executa ações para a obtenção de ganhos próprios. Essas ações são ressaltadas pelas trampolinagens dos cartolas que marcaram o contexto futebolístico. As trampolinagens podem ser associadas à obtenção de vantagem sem graves consequências. No entanto, a passagem “Aliás, os aspectos técnicos do futebol ficaram, a bem da verdade, em plano bem inferior no noticiário esportivo, que quase foi transformado em seção de ocorrências policiais” evidencia como os cartolas ultrapassam o limite da simples trapaça e atingem o nível da criminalidade. A construção irônica presente no trecho descaracteriza a seção esportiva, demonstrando como as discussões sobre o desempenho da seleção brasileira havia ficado em segundo plano. Uma outra seção do jornal invadia o espaço da seção esportiva: as ocorrências policiais, o que ratifica a ideia de que as ações protagonizadas pelos cartolas atingiam o nível da criminalidade.

Essa ideia é reforçada no trecho, “os trambiques dos dirigentes esportivos nesse ano de 1978 assombraram até nego de patuá forte” (MARCOS, 1979, p.18). Nota-se como a relação entre as trampolinagens e os trambiques constrói as ações dos cartolas. A ironia demarca-se ainda mais com a expressão “assombraram até nego de patuá forte”, solidificando o espanto diante do que ocorria no contexto esportivo. Patuá é um objeto relacionado com a religião do Candomblé, usado para atribuir proteção. O indivíduo que utiliza esse utensílio normalmente sente-se seguro contra qualquer tipo de infortúnios, adversidades ou má sorte. O patuá descrito na crônica não se configura como um simples objeto, mas sim como um forte patuá, capaz de transmitir ainda mais segurança a quem o carrega. Quando se lê que os trambiques dos cartolas assustaram até nego de patuá forte, percebe-se que as trampolinagens e os trambiques não se referem a simples trapaças, mas sim a graves delitos capazes de assombrar, ou seja, não apenas de causar espanto, mas sim pavor até mesmo em alguém que carrega um poderoso patuá. Plínio Marcos enumera quais eram essas infrações capazes de gerar tamanha repercussão:

No esporte, além das mutretas retumbantes como agressões físicas, desfalques, desvio de rendas dos jogos, uso de drogas, subornos, ocultação de prova, mordomias faraônicas, tráfico de influências, politicagem do mais baixo nível, os cartolas tiveram a oportunidade de provar mil e uma vezes sua falta de preparo para dirigirem até timeco de esquina, desses que jogam em campinho de beira de vala ou de alto de pirambeira (MARCOS, 1979, p. 18).

A expressão “mutretas retumbantes” retoma as trampolinagens e os trambiques causados pelos cartolas. Nota-se que o sentido das sérias consequências acarretadas pelo despreparo e irresponsabilidade dos dirigentes esportivos é ampliado em cada construção. Não são pequenas trampolinagens ou trambiques, mas sagazes mutretas. A consoante “t”, na aliteração da expressão mutretas retumbantes, ratifica essa visão. Mutretas constituem-se em ações ardilosamente arquitetadas, construindo a visão de uma série de indivíduos que colaboram com o planejamento e a execução dos delitos. Retumbantes implica a grande dimensão das falcaturas e do impacto causado no contexto futebolístico. A consoante “t” forma o estrondo dessa rede de criminalidade, como se fossem raios estronhando no céu, evidenciando os delitos causados por esses indivíduos: “como agressões físicas, desfalques, desvio de rendas dos jogos, uso de drogas, subornos, ocultação de prova, mordomias faraônicas, tráfico de influências e politicagem de baixo nível”. A linguagem coloquial também destaca-se nessa passagem: “timeco de esquina, campinho de beira de vala e alto de pirambeira”, representando os lugares onde os habitantes da periferia costumavam jogar, além de pertencer ao código futebolístico, evidenciando expressões específicas da linguagem futebolística. Se, por um lado, o despreparo e a irresponsabilidade dos cartolas eram responsáveis por conduzir grandes times à falência, por outro, em campinhos de bairro, os amantes de futebol eram responsáveis por preservar a paixão que cultivavam por esse esporte.

O cronista, por meio da ironia, satiriza a aparente inteligência dos cartolas: “Foi comum ver cartola posudo ser passado pra trás por qualquer beduíno que se apresentasse dizendo ser dono de poço de petróleo” (MARCOS, 1979, p. 18). O posudo se destaca como aquele que se posta com ar de superioridade diante dos outros. O cronista intensifica a visão de que quanto maior a postura de superioridade e o desejo de conquistar proveito, mais facilmente era ludibriado. A imagem do beduíno, que representa grupos árabes que andam pelo deserto, e o poço de petróleo, que também está relacionado com a cultura árabe, ressaltam a questão da aparente inteligência dos dirigentes esportivos. O poço de petróleo, construído como uma miragem no deserto, é almejado insanamente pelos cartolas. O beduíno, habitante do deserto, aproveita-se dessa situação de ilusão do excelente negócio que poderiam fechar para lhes roubar os melhores craques e fugir com

seus atletas antes mesmo que os cartolas pudessem perceber que foram furtados. O cronista satiriza ainda mais a inteligência dos cartolas ao construir a ideia de que eram passados para trás por qualquer beduíno, ou seja, de que era ridiculamente fácil ludibriá-los.

O cronista também ressalta o cenário futebolístico em analogia com as brutalidades do governo militar:

Mas, o que se poderia esperar de dirigentes de um país que sufoca a inteligência com brutais atos de exceção (...)? Nada. Os detentores do poder passaram, prenderam, mataram, exilaram, esmagaram, com sua censura policial, as inteligências mais vivas do Brasil. (...) No futebol, não deu outra coisa. E o resultado só poderia ser o caos. Com eles mesmos dando trombadas neles, pedindo intervenção nas federações, se acusando de trampolineiros e corruptos. O futebol reflete a imagem deste governo que finda. E vai continuar refletindo a do governo que vai começar (MARCOS, 1979, p. 18).

Também aqui, a ironia é elaborada por meio do coloquialismo, como se observa no trecho “eles mesmo dando trombadas neles e se acusando de trampolineiros e corruptos”. A imagem do despreparo de dirigentes esportivos é evidenciada. Devido à ganância e inaptidão, deixavam clubes grandes à beira da falência. Apesar da ironia ridicularizar a incapacidade dos cartolas, ela enfatiza o drama social enfrentado pelos jogadores envoltos no contexto futebolístico. Plínio Marcos cria uma analogia entre os dirigentes esportivos envolvidos no meio futebolístico, os cartolas e os dirigentes do país, os militares. Se os cartolas impunham-se no meio esportivo por meio de agressões físicas, desfalques, desvio de rendas dos jogos, uso de drogas, subornos, ocultação de prova, mordomias faraônicas, tráfico de influências e politicagem de baixo nível, os militares, detentores do poder, impunham-se na sociedade por meio de repressão e violência, como se nota em: “passaram, prenderam, mataram, exilaram, esmagaram, com sua censura policial, as inteligências mais vivas do Brasil”. O título da crônica, dessa maneira, também elabora uma analogia. A pergunta “Alguém esperava esporte limpo?” é construída por meio de ceticismo, evidenciando a afirmação de que ninguém mais acredita em um contexto futebolístico livre de práticas de corrupção, suborno, desvio de renda etc. Além do mais, o questionamento faz alusão ao contexto político-social do país. Assim, a pergunta “Alguém esperava um país limpo?” também é construída por meio de ceticismo, evidenciando o pensamento de que ninguém acreditava em um país sem práticas opressoras comandados pelos militares. O substantivo “inteligências”, no plural, ressalta a opressão sofrida por qualquer protesto ou manifestação cultural que desafiasse as

ideologias proferidas pelas Forças Armadas. O Botafogo, um dos principais clubes do Rio de Janeiro, é exemplo:

Está aí mesmo o Botafogo do Rio de Janeiro para não deixar ninguém desmentir. O clube da estrela solitária é dirigido atualmente por um truculento fanático de pouca visão, o ex-policial Borer. Como não podia deixar de ser, essa criatura deixou os salários dos jogadores atrasarem, obrigou seu time a fazer excursões dignas de mafuás caça-níquel, ameaçou denunciar os jogadores que reclamaram das suas arbitrariedades para o SNI [Serviço Nacional de Informações] e enquadrá-los na Lei de Segurança Nacional (MARCOS, 1979, p. 18).

O ex-policial Borer, dirigente do clube carioca, é satirizado pelas expressões “truculento fanático” e “criatura”, representando-o como um ser brutal, sem poder de raciocínio crítico e sensibilidade humana. Os jogadores, por sua vez, tornavam-se vítimas de uma ditadura que corroía a direção dos clubes do país. As excursões impostas a esses cidadãos eram indignas e desumanas. Os mafuás representam o caos e a desordem das excursões. O caça-níquel complementa essa ideia, concebido com o único propósito de arrecadação monetária. Os cartolas também tinham como propósito eliminar do elenco jogadores mais instruídos:

No Botafogo, foi nomeado um velho de pouca idade para o cargo de diretor de futebol. E ele, provando que quem sai aos seus não degenera, já nasceu com bolor, ranço e tudo o mais que caracteriza os anciões de cachola. Veio cheio de pompa. Foi logo alardeando que ía ter uma conversa com os craques que ía dispensar. E um dos primeiros a ser chamado para papear com o velho de pouca idade foi o Admir Vicente (MARCOS, 1979, p. 18).

O cronista cria uma contraposição entre duas ideias: a idade do diretor de futebol e sua mentalidade. Apesar de ter pouca idade, o indivíduo possuía uma mentalidade velha. Essa relação é elaborada por meio da expressão “velho de pouca idade”, e dos termos “bolor”, “ranço” e “anciões de cachola”. O bolor e o ranço, caracterizados pelo mau cheiro devido à falta de renovação do ar, constroem o intelecto ultrapassado do diretor de futebol. Essa visão é ratificada pelo termo ancião de cachola, evidenciando a idade anciã, ou seja, mentalidade antiquada. Além disso, a expressão “veio cheio de pompa” ridiculariza a atitude do indivíduo:

Disse o Admir Vicente que o diretor de futebol foi logo elogiando o seu alto nível intelectual, para em seguida afirmar que era devido a isso que ele ia ter seu passe colocado à venda. O Botafogo pretendia promover vários juvenis e não poderia ter no elenco um jogador experiente como ele, Admir, que soubesse expor e defender tão bem suas ideias (MARCOS, 1979, p. 18).

Ao descrever a conversa entre o dirigente e o atleta, o cronista evidencia o pensamento paradoxal do diretor de futebol, ao afirmar que o jogador, justamente devido às suas qualidades, seria dispensado do clube. Ora, qual é a lógica? A razão é exposta

logo a seguir: “O Botafogo pretendia promover vários juvenis e não poderia ter no elenco um jogador experiente como ele, Admir, que soubesse expor e defender tão bem suas ideias”. Há, assim, o destaque de dois tipos de jogadores no cenário futebolístico: os juvenis e os mais experientes. Os juvenis poderiam ser moldados com mais facilidade pelos dirigentes e, principalmente, pelas ideologias militares. Os mais experientes eram dispensados, pois poderiam propiciar perigosas reflexões no ambiente interno.

Plínio Marcos acrescenta (1979, p. 18): “Os dirigentes esportivos do Brasil atual (...) são contra a inteligência. Consideram defeito grave. Má influência. Eles preferem lidar com jogadores que não pensem e se rodearem de auxiliares de pouca visão”. Ironicamente, os dirigentes esportivos são ridicularizados. A ideia de que os cartolas se posicionavam contra os jogadores mais articulados retoma a construção de um velho de pouca idade, ou seja, de um indivíduo com uma mentalidade retrógrada, fechada ao diálogo. É importante salientar a presença dos militares no comando de grande parte dos clubes brasileiros. A inteligência significava para a militarização um defeito grave e uma má influência, podendo proporcionar perigosas reflexões aos jogadores, que muitas vezes eram desprovidos de informações.

A ironia constrói a crônica *Alguém esperava esporte limpo?* Por um lado, ridiculariza os dirigentes esportivos, representando-os como homens brutos, sem raciocínio crítico e sem sensibilidade humana, por outro, o drama social é revelado por Plínio Marcos com enfoque sobre os atletas desportivos. O cronista revela o drama do contexto esportivo enfrentado por milhares de jogadores, presos às amarras da militarização que se infiltrava no comando futebolístico. Em uma sociedade assolada por um regime totalitário, o senso crítico e a liberdade de expressão se desenvolvem como perigosas virtudes que questionam e afrontam a realidade. Plínio Marcos não fez por menos.

3.3. As narrativas do tricampeonato

Gilberto Agostino (2002, p. 152) afirma que durante muitos anos, o futebol era encarado pelo governo como uma das prioridades nacionais. Essa ideia se comprova em uma conversa entre JK e João Havelange sobre o mundial que a seleção disputava: “(...) substituí vários ministros e não houve uma única palavra a respeito nos jornais. Estou pensando em fazer novas mudanças no futuro próximo. Qual é a data da próxima Copa do Mundo?”. Na Copa do Chile, em 1962, João Goulart procurou se aproximar ao

máximo da seleção e da população. Para o então presidente, o futebol era uma das principais colunas de solidificação dos interesses políticos. No entanto, tinha-se o cuidado de evitar que sua relação com a seleção fosse vista pelos opositores como falta de compromisso com as questões governamentais.

Em pleno período de ditadura militar, à medida que se aproximava a Copa do Mundo de 1966, disputada na Inglaterra, o entusiasmo em relação à conquista do tricampeonato aumentava. Dentro de campo, todavia, a seleção não correspondeu às expectativas, foi eliminada precocemente nas oitavas-de-final por Portugal. Florenzano (2009) ressalta que, para os militares, a conquista de uma Copa do Mundo simbolizava a aproximação entre as forças armadas e o povo, com o intuito de manter um controle camuflado dos setores sociais. O tricampeonato era utilizado com o intuito de solidificar os preceitos da obediência, da autoridade e da submissão militar, uma vez que se instalavam no comando de diversas atividades, como o futebol, a escola, a fábrica ou a caserna.

No aguardo da Copa do Mundo de 1970, os preparativos foram intensos. Havelange, pressionado para que fornecesse respostas imediatas aos problemas que circundavam a seleção brasileira, declara a contratação de João Saldanha. O anúncio do técnico promoveu questionamentos. A imprensa paulista repudiou a aprovação de um treinador carioca, já os militares mais conservadores não se conformavam com a rendição a um comunista. Em meio a um campo minado, Saldanha assume o cargo. O curso dos acontecimentos toma um rumo inesperado. O técnico soube utilizar a gama de jogadores que dispunha e, segundo Agostino (2002), uma pesquisa feita no Rio de Janeiro apontava para a boa popularidade de Saldanha em relação à população, assim como uma aproximação aos paulistas e até mesmo aos militares. Mesmo com índices positivos, as tensões políticas e sociais cresciam em uma sociedade que sofria com as duras repressões e com a institucionalização do AI-5.

O ano de 1970 foi inaugurado com grandes expectativas, dentro e fora das quatro linhas. Às vésperas da Copa, a propaganda militar se propagava mais forte do que nunca, encadeando os êxitos da seleção canarinho à imagem de ordem e progresso difundida pelo governo. Apesar da classificação brasileira para a Copa do Mundo de 1970, que seria disputada no México, a posse de Emílio Garrastazu Médici acirrou sérios atritos entre o técnico da seleção e o governo. Ao contrário de grande parte dos presidentes anteriores, Médici não possuía um vínculo frio e calculista ao interligar futebol e política, como

afirma Agostino (2002, p. 158): “[Médici] era apaixonado pelo esporte, a ponto de interromper reuniões ministeriais para saber os resultados dos jogos”.

Dentro de campo, a seleção se preocupava com uma longa lista de problemas: uma série de derrotas em amistosos preliminares à disputa do mundial; o acúmulo de atritos com outros treinadores; a intranquilidade de Saldanha em relação a uma comissão técnica que não era de sua total confiança. Para piorar esse cenário turbulento, João Saldanha, após uma polêmica envolvendo a não convocação do atacante Dario, rebate a postura de Médici, ao afirmar que o presidente escalava o ministério e, ele, a seleção. Agostino (2002, p. 160) ressalta que o técnico tornava-se uma preocupação eminente para os militares:

(...) a figura de Saldanha era considerada muito inconveniente pelo seu destempero e por sua pretensa independência política. Temia-se que o treinador chegasse ao México com uma lista de presos políticos no bolso, e, em entrevista coletiva, diante de microfones e câmeras do mundo todo, denunciasse o desrespeito aos direitos humanos que vinha ocorrendo no Brasil.

A permanência de Saldanha no contexto futebolístico representava, acima de tudo, uma preocupação política. Alguns dias depois, concretizou-se a mudança no comando técnico da seleção. Mário Jorge Lobo Zagallo, que até então se encontrava no Botafogo, foi anunciado como o novo técnico da esquadra brasileira. Após as transformações na comissão técnica, o caminho abria-se para a militarização da delegação que comandaria o Brasil no torneio disputado no México. Agostino (2002, p. 161) enfatiza a dualidade que a seleção significava:

Cabelos cortados ao estilo da caserna, preparação física coordenada por militares, contraditoriamente a este esquema tão rígido a seleção se transformaria, dentro de campo, em paradigma do futebol-arte.

Percebe-se o paradoxo entre a imagem que se desejava transmitir do país e o futebol praticado dentro das quatro linhas pela seleção brasileira. Se a indumentária e a preparação física dos atletas eram elementos que poderiam ser relacionados com o deus Apolo, refletindo aspectos formais, racionais e ponderados, o futebol brasileiro relaciona-se à Dionísio, representando a individualidade, a impulsividade e a irreverência. Além disso, percebe-se também relações entre a convocação para a Copa de 1970 e os preparativos para a escolha dos jogadores que disputariam o campeonato sul-americano na Argentina, em 1921. Se Lima Barreto reflete sobre questões políticas e sociais que influenciaram a convocação para o torneio, formada apenas por jovens brancos, deixando de lado negros e mestiços, evidenciando que o combinado brasileiro tecia os contornos

da imagem do preconceito racial, Leandro Stein (2014) explicita que questões políticas também envolveram a convocação da seleção para a Copa de 1970. O jogador Edu Coimbra, artilheiro do torneio Robertão, em 1969, não teve seu nome entre os selecionados, algo que, segundo seu irmão Nando, era reflexo das perseguições políticas que sofrera. Tostão, por sua vez, relata o recebimento de uma ligação anônima, que exigiu seu afastamento da política para que pudesse participar do mundial. Em 1970, a convocação da seleção brasileira tecia os contornos da imagem da opressão ditatorial.

3.3.1. Plínio Marcos e Nelson Rodrigues: a inversão de valores

Hilário Franco Júnior (2007) analisa como a propaganda militar inflamava a euforia nacional em relação à seleção. A emblemática marcha *Pra frente Brasil* era tocada incessantemente em grande parte das rádios do país, nos programas de televisão, nos desfiles militares e nas escolas. *Slogans* tomavam conta das repartições públicas, dos intervalos comerciais e de adesivos estampados em carros, com os dizeres: Ninguém mais segura este país, Ontem, hoje, sempre, Brasil, Brasil, ame-o ou deixe-o. Médici, sem sua farda de general, destacava-se em fotos, cabeceando uma bola.

Apesar da formação de um grande entusiasmo nacionalista, uma corrente de pensamento dos principais movimentos de esquerda ganhava força, compreendendo o futebol como veículo de alienação. Considerado como ópio do povo, o futebol era capaz de apaziguar as camadas populares em relação à repressão política e às tensões sociais. Em meio à disputa do mundial, a esquerda armada constituiu-se em uma das principais fontes de preocupação do governo ditatorial, como analisa Florenzano (2014, p. 155):

A atenção da opinião pública se dividia doravante entre os feitos futebolísticos do time de Pelé, no México, as ações subversivas da esquerda armada, no Rio de Janeiro, e os saques desesperados das vítimas da seca, no Nordeste, dramas paralelos dos diversos Brasis que a propaganda oficial buscava unificar a todo custo, mas cuja imagem, naquele momento, corria o risco de se estilhaçar em mil pedaços.

O paradoxo entre o contexto futebolístico e o cenário social evidencia a fragmentação do país. No dia 11 de junho, o comando guerrilheiro da *Vanguarda Popular Revolucionária*, VPR, e da *Ação Libertadora Nacional*, ALN, arquitetaram o sequestro do embaixador da Alemanha, Ehrefried von Holleben. A grande seca que se alastrava pelos estados do sertão nordestino também era motivo de preocupação. O cenário era propício para o desencadeamento de revoltas sociais. Um dia antes da estreia brasileira na Copa, um saque ao mercado central, envolvendo cerca de duas mil pessoas, foi

registrado no interior do Ceará. O drama social enfrentado por milhares de indivíduos atingia seu ápice durante a Copa de 1970.

Em contrapartida a esse caótico cenário, a seleção brasileira protagonizava bons resultados durante o torneio. Após eliminar o Peru nas quartas-de-final pelo placar de 4 a 2, e a seleção uruguaia nas semifinais por de 3 a 1, os canarinhos disputariam a tão esperada final contra a esquadra italiana. Apesar de sair atrás no placar, a seleção brasileira empatara a partida com Rivelino e virara com um gol de Pelé e dois de Jairzinho.

Eis a seleção de 1970:



Figura 9: Seleção brasileira na final da Copa de 1970. Fonte: gq.globo.com.

Consumada a vitória, a nação explodiu com o tricampeonato. Os militares procuravam utilizar, de todas as formas, o sentimento de júbilo popular para promover a união. A esquerda, por sua vez, armada e desarmada, rechaçava essa conjuntura por meio da asserção de que o futebol agia como um efeito sedativo da repressão política e das tensões sociais.

Florenzano (2009) formula uma questão que coloca em interrogação as convicções articuladas no contexto do tricampeonato: é possível estar seguro quanto aos efeitos sedativos provocados nas classes populares pela conquista da Copa do Mundo? O futebol-arte exibido durante o mundial de 1970 não figura como uma cena destoante do aparato opressor dos Anos de Chumbo? O autor analisa que, ao nos atermos ao contexto que envolvia a conquista do tricampeonato, deparamo-nos com a construção de uma

significação social imaginária, que se infiltrava nos muros sólidos da repressão, alcançando as classes populares:

ela, [narrativa do tricampeonato] na verdade, escapava-lhe por todos os lados, revelando-se como um texto aberto, plurivocal e polissêmico, composto inclusive pelas belas palavras do poeta Ferreira Gullar (...): “é o povo saudando a si mesmo, que o futebol não representa nenhuma outra coisa e os craques da seleção não são mais nem menos que isso: povo” (FLORENZANO, 2009, p. 72, grifo do autor).

O selecionado de 1970 se constituía em experiência de autonomia, chocando-se com os ideais defendidos pelo regime por meio da subversão de valores. As práticas sociais desenvolvidas a partir da conquista da Copa do Mundo não eram construídas de forma unidirecional. Abriam-se como um leque de ambiguidades, duplos sentidos e deslizamentos semânticos. A narrativa do tricampeonato, dessa forma, não poderia ser domesticada em favor de uma única leitura. As palavras de Gullar nos faz refletir sobre a forma que o futebol se reinventou por meio de seus amantes e praticantes. O povo também iniciava a ressignificação de si próprio por meio da prática futebolística, que trazia consigo resquícios de culturas recriminadas. Desabrochava-se uma relação de reciprocidade entre o futebol e as camadas populares: o povo reinventava o futebol; o futebol reinventava o povo. Nas entrelinhas das ideologias militares e esquerdistas, formava-se a complexidade de um processo de ressignificação e autoconhecimento social em meio ao contexto futebolístico, que driblava toda e qualquer tentativa de domesticação.

DaMatta (1982) também corrobora essa visão ao ressaltar que, geralmente, considera-se o futebol em relação de oposição com a sociedade. Em contraste ao trabalho e ao poder, esferas como o esporte, a arte e a religião são observadas como ópios, ou seja, atividades fáceis, dispensáveis e ilusórias, associadas a valores como o amor, a devoção e o divertimento. Devido à sua capacidade de mobilização social, o futebol é capaz de entorpecer as camadas populares em relação às tensões sociais. DaMatta (1982, p. 24), entretanto, analisa o futebol como uma atividade da sociedade, e não em oposição a ela: “o esporte é a própria sociedade exprimindo-se por meio de uma certa perspectiva, regras, relações, objetos, gestos, ideologias”. O futebol, assim, desenvolve-se como a construção de um processo artístico produzido pelo povo, que não se contenta com a vida como ela é. Um povo que sente fome de diversão, confraternização, devoção, amor.

Nelson Rodrigues, à época da Copa de 1970, compartilhava uma visão semelhante à de Florenzano e à de DaMatta. A crônica O entendido, salvo pelo ridículo, foi escrita

em 10 de junho de 1970, dia em que a seleção brasileira se classificava em primeiro lugar em sua chave para as quartas de final, fase em que enfrentaria o Peru. O grupo em que se encontrava o selecionado brasileiro era composto apenas por seleções europeias: Inglaterra, Romênia e Tchecoslováquia. Após a esquadra brasileira vencer todos os adversários, mesmo sem saber o que reservava o futuro à seleção, o autor mostrava indícios de confiança na boa campanha que os jogadores poderiam construir.

Mas, enfim, quem era o denominado “entendido”? Nelson Rodrigues (1993, p. 183) analisa:

Veremos se posso caracterizá-lo. É o cronista que estive, em 66, na Inglaterra, e voltou com a seguinte descoberta: - o futebol europeu em geral e o inglês em particular eram muito melhores do que o nosso. Estávamos atrasados de quarenta anos para mais. Quanto à velocidade, era uma invenção europeia. Os brasileiros andavam de velocípede e os europeus a jato. (...)

A consolidação da crônica esportiva profissional solidificou, por um lado, cronistas apaixonados, e, por outro, cronistas racionalistas. No entanto, Nelson Rodrigues não classifica os entendidos apenas como parte desses cronistas racionalistas, mas sim como um grupo de intelectuais que supervalorizavam o estrangeiro e preteriam a valorização da população brasileira.

Nelson Rodrigues, assim como Lima Barreto, Drummond e Plínio Marcos, também utiliza a ironia como principal recurso de linguagem para o desenvolvimento da crítica em sua crônica. O dramaturgo utiliza vocábulos e construções semânticas do universo das invenções industriais europeias. O trecho “O cronista que estive, em 66, na Inglaterra, e voltou com a seguinte descoberta” simboliza o futebol moderno como um elemento recém-descoberto em terras inglesas, retomando as origens da prática futebolística. No entanto, os desportistas, assim como o povo brasileiro, encontravam-se “atrasados de quarenta anos para mais”, no que dizia respeito ao cenário futebolístico e ao cenário da evolução industrial. O termo “invenção”, dessa forma, pode ser relacionado tanto com a velocidade do jogo quanto com a capacidade de desenvolvimento de sociedades que se encontravam fora do eixo europeu e norte-americano. A ironia com que são relacionados o vocábulo “velocípede” e “jato” também nos permite uma visão ambígua em sua interpretação, podendo referir-se à intensidade da partida dentro das quatro linhas ou à capacidade de desenvolvimento de uma nação.

Nelson Rodrigues (1993, p. 180) faz uso do coloquialismo ao se aproximar e dialogar com o leitor, intensificando o caráter reflexivo de seu questionamento: “Por que

o Brasil não gosta do Brasil e por que nos falta um mínimo de auto-estima? É a pergunta que me faço, sem lhe achar a resposta”. O cronista, ao utilizar o vocábulo “nos”, inclui todos os integrantes da sociedade brasileira nesse estigma: “por que nos falta um mínimo de auto-estima?”. O diálogo estabelecido com o leitor é acentuado no trecho: “É a pergunta que me faço, sem lhe achar a resposta”. O uso da palavra “lhe” pode tanto referir-se, sintaticamente, à pergunta, quanto, semanticamente, ao leitor, provendo uma resposta, ou melhor, atestando a falta de respostas.

Além do estabelecimento de uma crítica ao entendimento, Nelson Rodrigues (1993, p. 181) também refuta a ideia formulada pelos principais movimentos de esquerda, que interpretam o futebol como o ópio do povo:

Fora as esquerdas, que acham o futebol o ópio do povo, fora as esquerdas, dizia eu, todos os outros brasileiros se juntam em torno da seleção. É, então, um pretexto, uma razão de auto-estima. E cada vitória compensa o povo de velhas frustrações, jamais cicatrizadas.

O ceticismo irônico de Nelson Rodrigues revela a subestimação da classe intelectual elitista e da esquerda em relação ao povo, enxergando a população como um simples alvo alienatório, sem acreditar em sua capacidade de contrarreação. Nelson Rodrigues dialoga diretamente com Plínio Marcos ao ressaltar que o povo se apropriava do futebol e iniciava a construção de sua ressignificação, autodescoberta e autovalorização. Os dois autores apresentavam uma visão análoga em relação ao esporte. Além disso, Plínio Marcos não era um simples revolucionário. O escritor destacou-se por meio de uma particularidade que Lima Barreto e Carlos Drummond de Andrade não possuíam: seu interesse pelo futebol ultrapassou as fronteiras escritas e invadiu as quatro linhas. Plínio chegou a jogar em times como Jabaquara e Portuguesa Santista, e a experiência que adquiriu como atleta o diferenciou na maneira como enxergava o esporte.

3.3.2. O atleta e o escritor

Fundado no bairro do Macuco, o Jabaquara era um dos destaques do futebol santista. Oswaldo Mendes (2009) afirma que, desde 1940, o Leão do Macuco, como era conhecido, imperava entre os times da cidade, formando e revelando craques. O goleiro Gilmar dos Santos Neves, que jogara no Corinthians e no Santos, campeão do mundo com a seleção brasileira nas copas de 1958 e 1962, foi descoberto no Jabuca pelo treinador das equipes infantil e juvenil, Arnaldo de Oliveira, conhecido como Pepe. Mas, quem jogou no time juvenil do Jabaquara foi Neto, irmão de Plínio Marcos. Plínio defendia o Flor do Norte, como narra Neto:

Quando o Jabaquara foi jogar contra o Flor do Norte, o primeiro tempo terminou seis a zero para nós. Passei perto do Plínio e falei: ‘Você e esses seus neguinhos não estão com nada, seis vira, doze acaba’. Ah, por que eu falei isso? Ele veio pra cima de mim, querendo brigar. Os jogadores dos dois times tiveram que apartar a gente. ‘O que é isso, vocês são irmãos!’ Não tinha disso, não. Mexeu com ele, levava o troco. E olha que eu era dois anos mais novo. (MENDES, 2009, p. 61, grifo do autor).

A conduta de Plínio Marcos dialoga com as reflexões suscitadas por Lima Barreto, que indagava como as partidas futebolísticas traziam à tona instintos bárbaros e primitivos do homem. Nota-se como o cronista vivenciava à flor da pele todos os sentimentos provocados pela disputa. E, às vezes, nem sequer conseguia controlá-los. Nos anos de 1940, além do Jabaquara, o Santos e a Portuguesa Santista eram os outros dois times da cidade. E a Portuguesa acabou sendo o destino de Plínio Marcos, como narra Mendes (2009, pp. 61-62, grifo do autor):

No Santos a gente não podia treinar, porque o treinador era um cara, Salu, que comia moleque. Então a gente tinha um puta medo de ir lá treinar e o cara querer pegar a gente. Quando jogava pelo Jabaquara ou pela Portuguesa contra o Santos, eu tinha uma tarefa quando entrava em campo. O Santos tinha um center-half juvenil de um metro e noventa, um português forte pra caraco, chamado Serafim (...). Tanto o Lula, que era o treinador da Portuguesa (...) quanto o Papa do Jabaquara chegavam pra mim e me davam a seguinte instrução: ‘Frajola, você, que é folgado, logo que começar o jogo encosta no Serafim, passa a mão na bunda dele e fala assim: O Salu tá comendo essa bundona, hein?’. O português ficava puto, uma onça, e era expulso. Ele fazia falta pro Santos. Eu também era expulso, mas não fazia falta pra Portuguesa, que era um timão onde jogavam o Pagão e eu, na ponta-esquerda.

Na crônica *Uma conferência esportiva*, Lima Barreto faz uso do vocábulo “zoologicamente”, utilizado para aludir à índole animalesca da prática futebolística. Essa ideia é indicada na ação de Plínio Marcos. Com características do futebol malandro, atraído pelo desejo de tirar vantagem em uma situação, a comissão técnica instrui o atleta a utilizar artimanhas que pudessem desestabilizar o adversário. A ação provocada por Plínio Marcos faz alusão à índole animalesca ressaltada por Lima Barreto, o que, certamente, não se aplicaria aos moldes modernistas idealizados pela aristocracia para o futebol. Percebe-se como o cronista estava envolto no código futebolístico, seja pelo uso de palavras e expressões específicas da linguagem futebolística, seja pelas reações explosivas e pelas artimanhas orquestradas para a obtenção de um privilégio.

A oportunidade de se tornar profissional surgiu quando Plínio Marcos jogava na Portuguesa Santista. O escritor e mais dois jogadores, Alemão e Giba, foram convidados para treinar em um time do Vale do Paraíba, o Estrela de Piquete. Quando chegaram lá, ofereceram-lhes um salário mínimo e um emprego na fábrica de pólvora do Exército, o que irritara o dramaturgo: “Pelo amor de Deus, a última coisa que eu quero é ser operário,

ainda mais numa fábrica de pólvora” (MENDES, 2009, p. 62). Plínio voltou para Santos e nunca mais viu Alemão e Giba. Sua breve experiência como jogador o incentivou a permanecer envolto no meio futebolístico como cronista, permitindo-lhe uma reflexão crítica sobre os desdobramentos do cenário esportivo, com a perspectiva de alguém que já fora atleta.

A crônica Não é só peru que morre na véspera, publicada em 2 de agosto de 1976, refere-se à participação brasileira nos Jogos Olímpicos de 1976, realizado no Canadá. O time comandado por Cláudio Coutinho perdera as semifinais para a Polônia, por 2 a 0, e a disputa de terceiro lugar para a União Soviética, pelo mesmo placar:

A grandeza de um povo não se mede pelo número de medalhas olímpicas. Por isso, não será uma derrota olímpica que fará uma nação chorar. O que faz uma nação chorar, em relação a uma Olimpíada (e se não fizer chorar é mais grave ainda), é a mentalidade medíocre, a falta de fibra, a mentalidade tacanha, a falta de fé, a falta de brio (MARCOS, 1976, p. 9).

É importante salientar que o cronista não avalia a grandeza de um povo pelo simples placar de uma vitória ou derrota de sua seleção. O que está em jogo aos olhos de Plínio Marcos é algo maior, mais grave. Essa visão é ressaltada ainda pela ideia que está entre parênteses, “O que faz uma nação chorar, em relação a uma Olimpíada (e se não fizer chorar é mais grave ainda)”, pois expõe uma crítica que atinge não apenas a esfera futebolística, como também a social.

Cláudio Coutinho, técnico da seleção brasileira, representa, para Plínio Marcos, uma elite intelectualizada que, reclusa em seu mundo, detém-se em ensinamentos e práticas unidirecionais, revelando mentalidades medíocres, tacanhas, com falta de fibra e falta de fé. A sabedoria popular, segundo o cronista, é subestimada, evitada, deixada de lado, evidenciando a subestimação e a desconfiança em relação ao povo brasileiro. Essa visão é desenvolvida pelo dramaturgo em 1976 e enfatizada, após dois anos, na crônica Meia volta, volver, escrita em 12 de junho de 1978, período no qual a seleção brasileira disputava a Copa do Mundo na Argentina. Apesar de se classificar para a segunda fase do mundial, Plínio Marcos esclarece o que havia por trás do mau desempenho da equipe:

Olho a seleção brasileira de futebol dando vexame na Argentina, depois de ter sido gasto uma fortuna em treinos, alojamentos, viagens, comida, aparelhos, filmes, eslaides, salários milionários, mordomias absurdas com cartolas amigos do Almirante Heleno Nunes, e me ponho a pensar que toda essa mistificação é fruto do ensino elitista que a rapaziada aprende nas faculdades do nosso país.

Me explico. O Cláudio Coutinho é fruto da faculdade de educação física. Ele e sua comissão técnica. Lá, eles receberam rudimentos de cultura erudita e estudaram todas as teorias existentes sobre futebol. Aí, se sentiram formados.

Fizeram rápidos estágios e entraram na vida profissional. Com pistolões, padrinhos influentes, arrumaram os melhores empregos. E naturalmente foram aplicar o que aprenderam (MARCOS, 1978, p. 9).

Nota-se que houve uma enumeração das atividades preparatórias realizadas pela comissão técnica para a disputa da Copa do Mundo de 1978. Mesmo após o grande investimento em treinos, alojamentos, aparelhos, filmes e salários milionários, a seleção brasileira não conseguira atingir sua melhor performance durante o torneio. Plínio Marcos ressalta, ainda, a visão de que os atletas não só foram incapazes de produzir bons momentos, mas também deram vexame ao longo da Copa. Sabe-se que, depois de empatar com a Suécia por 1 a 1, a seleção brasileira empatara novamente com a Espanha por 0 a 0 e vencera a Áustria por 1 a 0, classificando-se em segundo lugar na chave de grupos para a próxima fase da Copa do Mundo². Os canarinhos protagonizavam um desempenho vexatório, algo que não condizia com a ousadia, com a agressividade e com a irreverência que marcavam a identidade futebolística brasileira. Em razão disso, todos os investimentos em relação aos treinamentos e atividades que deveriam preparar os atletas para o torneio mundial são construídos como algo mistificante, ilusório, enganoso. Plínio Marcos ressalta, ainda, que o preparo técnico superficial e ineficiente se constitui como fruto do ensino elitista aprendido nas faculdades por todo o país. O cronista reconhece a possível contradição deste pensamento, afinal de contas a faculdade desenvolve-se como um ambiente de questionamento, debate, compartilhamento de ideias, formação de movimentos estudantis. Por essa razão, explica-se para o leitor.

A passagem “Cláudio Coutinho é fruto da faculdade de educação física” designa o processo de estudos desenvolvido pelo técnico e por sua comissão no curso de educação física, para que pudessem adquirir o conhecimento futebolístico necessário para comandarem a seleção. Ao ser utilizada de forma irônica, a passagem constrói uma diferente conotação à frase. Coutinho representa indivíduos de grupos sociais favorecidos, moldados pelo ensino unidirecional, superficial e ineficiente das faculdades de educação física. Essa visão é construída na sentença: “Lá, eles receberam rudimentos de cultura erudita, e estudaram todas as teorias existentes sobre futebol”. Os rudimentos de cultura representam a noção básica a respeito de uma arte, ciência ou técnica. Uma noção pouco aprofundada, pouco debatida, pouco questionada pelos estudantes que recebiam-na passivamente e desenvolviam uma visão de mundo homogênea e restrita ao ambiente da universidade. A ideia de que “estudaram todas as teorias existentes sobre futebol” revela

² Conforme: globoesporte.globo.com [Acessado em 29 de junho de 2019].

a ironia do cronista, que ressalta a impossibilidade de estudar sobre o futebol ao se manter recluso aos muros da faculdade. A relação com os atletas, a percepção sobre o espaço físico do campo e o respeito à identidade futebolística brasileira são aspectos que transcendem os estudos propiciados pela faculdade.

A passagem “Aí, se sentiram formados” transmite a noção temporal, ilustrando a continuidade dos eventos. Utilizando-a por meio da ironia, o cronista satiriza Cláudio Coutinho e sua comissão técnica. Devido aos conhecimentos de cultura erudita que acreditavam ter recebido, sentiram-se formados e capacitados para aplicar o que aprenderam. A oração “se sentiram formados” é utilizada de forma irônica para que a distinção entre a ideia imprecisa e transitória de “se sentir formado” com a certeza da locução “ser formado” seja evidenciada, ridicularizando a falta de preparo imperceptível aos olhos de Coutinho. A sentença “e naturalmente foram aplicar o que aprenderam” também corrobora com essa percepção. A ironia na ideia de que “naturalmente, foram aplicar o que aprenderam” constrói uma percepção temporal, ilustrando o curso lógico da ordem em que se desenvolvia o ensino de Coutinho e de sua comissão técnica. O cronista, assim, prossegue:

O Coutinho reuniu os jogadores por ele selecionados e, apoiado nas suas teorias, riscou táticas e esquemas no quadro negro e foi dando explicações. Porém (e sempre tem porém), o treinador que fala cinco ou seis idiomas não fala a língua do povo brasileiro. O Coutinho falava e os jogadores não conseguiam entender o que ele queria. Mas, os rudimentos de cultura erudita do treinador impediam que ele percebesse isso (MARCOS, 1978, p. 9).

Plínio Marcos ressalta como as teorias que o treinador e sua comissão técnica aprenderam durante o curso de educação física se demonstravam insuficientes e ineficazes fora do universo da faculdade. Essa visão é construída na sentença “e, apoiado nas suas teorias, riscou táticas e esquemas no quadro negro e foi dando explicações”. Nota-se como os rudimentos adquiridos pelo treinador são representados pelo cronista por meio de riscos táticos e de esquemas no quadro negro, ironicamente, transmitem a superficialidade da relação pessoal e do compartilhamento de saber tanto na faculdade quanto durante a preparação do selecionado brasileiro para a Copa de 1978. A utilização do tempo verbal na sentença “foi dando explicações” também irradia o leviano preparo proferido pela comissão técnica, que não se atentava à reação e ao desempenho dos atletas ao longo dos treinamentos. Percebe-se como o aprendizado adquirido na faculdade de educação física era o único aspecto ao qual se apoiava o treinador da seleção brasileira. A relação com os jogadores parecia algo que lhe fugia da percepção.

A expressão “porém (e sempre tem porém)” transforma-se em uma marca registrada do cronista, enfatizando a crítica de Plínio Marcos em relação ao contexto futebolístico e social. “Porém” evidencia a antítese utilizada para a contraposição entre os conceitos de idioma e língua: “Porém (e sempre tem porém), o treinador que fala cinco ou seis idiomas não fala a língua do povo brasileiro”. O conceito de idioma possui uma conotação em que a fala é exercida em um nível básico, de mera comunicação. Assim, a visão de que Coutinho fala cinco ou seis idiomas transmite a ideia de que o treinador possui um nível básico de conhecimento, ou seja, rudimentos de idiomas suficientes para sua comunicação. O conceito de língua deriva de um sentido plural, ao qual a diversidade forma a identidade de um povo, levando em consideração não apenas sua fala, como também sua cultura. Plínio Marcos ressalta que a língua do povo brasileiro, imperceptível a Coutinho, relaciona-se com os aspectos que formam a identidade futebolística brasileira, com o diálogo e o respeito pelos jogadores, algo fundamental na preparação do selecionado para o mundial que transcendia as táticas e os esquemas riscados no quadro negro pelo treinador e por sua comissão técnica.

Plínio Marcos (1978, p. 9) também expõe como a preparação física interferia na atuação do jogador: “E todos íam tendo suas cargas musculares aumentadas tanto e em tão pouco tempo, que perdiam a agilidade e a habilidade”. A carga remete tanto à característica física de um objeto pesado quanto à pressão psicológica sofrida pelos atletas da seleção. A aliteração, construída por meio dos sons das consoantes “t”, “d” e “p”, representa o peso dessa carga: “aumentadas tanto e em tão pouco tempo”, contrapondo-se à paranomásia, que constrói por meio da aproximação sonora das palavras “agilidade” e “habilidade” o movimento e a fluidez dos jogadores atuando dentro de campo: “que perdiam a agilidade e a habilidade”. A ironia construída por meio da ideia de que, devido ao aumento da massa muscular, os atletas perderam aspectos fundamentais da identidade futebolística brasileira, como a agilidade e a habilidade, evidencia a preparação vexatória da seleção brasileira. Há o destaque de outro exemplo de contraposição: “Na ânsia de se aplicar taticamente dentro dos esquemas táticos, o nosso jogador se inibia em se manifestar espontaneamente” (MARCOS, 1978, p. 9). O pleonasma criado na redundância “se aplicar taticamente dentro dos esquemas táticos” prende o atleta à tática estabelecida pela comissão técnica, imobilizando-o. A oposição de ideias é evidenciada por meio da aliteração, que constrói por meio de repetições consonantais da letra “s”, o movimento do jogador: “o nosso jogador se inibia em se manifestar espontaneamente”.

Outro tema que se destaca na crônica Meia volta, volver é como o regime ditatorial se propagava dentro das diretrizes da seleção brasileira, impondo sua repressão a qualquer tipo de discordância:

Isso tudo, acrescentando ao regime autoritário imposto pelos dirigentes do selecionado, onde a mínima discordância dos métodos empregados pela comissão técnica era considerada contestação, fez com que os jogadores se transformassem em meras massas de manobras de técnicos frios que baniam do selecionado quem não entendesse suas teorias que, no entendimento deles, lhes dariam o título (MARCOS, 1978, p. 9).

O trecho “Isso tudo, acrescentando ao regime autoritário imposto pelos dirigentes do selecionado, onde a mínima concordância dos métodos empregados pela comissão técnica era considerada contestação” mostra que o futebol refletia as diretrizes militares impregnadas na sociedade brasileira. O atleta futebolístico é representado por Plínio Marcos como um indivíduo integrante desse contexto social, também capaz de sofrer as consequências da repressão militar. A aliteração formada pela letra “m” constrói a imagem do atleta moldado de acordo com as ideologias militares, no trecho “meras massas de manobras”. O pleonasma, por sua vez, construído por meio da redundância da conjugação do verbo “entender”, evidencia a ironia em relação à lógica no processo de preparação dos dirigentes, destacada no trecho “técnicos frios que baniam do selecionado quem não entendesse suas teorias, que no entendimento deles, lhes dariam o título”.

Plínio Marcos (1978, p. 9) ressalta os desdobramentos desse cenário: “O resultado dessa distorção toda está se vendo lá na Argentina. Nossos jogadores impedidos de se manifestarem, (...) se tornam ridículos robôs sem imaginação”. O uso da expressão “está se vendo” aproxima o tempo verbal à ação: “Nossos jogadores impedidos de se manifestarem (...), se tornam ridículos robôs sem imaginação”. A utilização do pronome possessivo “nosso” aproxima os atletas do povo brasileiro. Os jogadores são povo; o povo constrói o processo de significação dos jogadores. O verbo “manifestarem” também carrega uma pluralidade de interpretações em seu sentido. Manifestar implica a expressão da identidade, seja ela individual ou coletiva. O desportista é impedido de exteriorizar o seu eu por meio da corporalidade, assim como uma parte da cultura brasileira é coibida pela repressão a esses atletas. A elaboração da imagem do “robô” intensifica essa questão, simbolizando uma máquina sem sangue, sem veias, sem sentidos, ou seja, sem a presença do corpo e desprevenida da criatividade concedida pela presença humana.

O cronista (1978, p. 9), além disso, tece a disparidade entre dois elementos: o estudar, significativo do universo de Coutinho, e o jogar, característico do universo do

atleta: “Ele [Coutinho] estudou futebol nos livros e não admite que o jogador que mal sabe ler e assinar o nome saiba mais do que ele”. A ideia do estudo se restringe ao ambiente universitário, já a simbologia por trás da ideia do jogo tem como contexto o campo futebolístico, onde, além das táticas, adiciona-se a visão do local físico onde o jogador se encontra no campo, ampliando, assim, seu raio de visão e percepção.

Essa questão também pode ser percebida no trecho: “Por essas e outras é que se diz que o estudante brasileiro deve com urgência sair de dentro da faculdade e ir conviver com o povão” (MARCOS, 1978, p. 9). A palavra “dentro” restringe o conhecimento e as relações pessoais apenas à faculdade. Plínio Marcos enfatiza uma questão importante. Como é possível que correntes esportivas racionalistas e ideologias esquerdistas que interpretavam o futebol como o ópio do povo, se apoderem da significação das camadas populares sem desejar conhecê-las, observá-las, conviver com elas e sentir sua vibração? O cronista possuía um olhar diferenciado em relação a esses grupos sociais, pois esteve envolto em seu meio. O substantivo “povo”, utilizado no aumentativo - povão - representa uma aproximação criada pelo escritor em relação à população. Esse povo, ao qual se refere, é formado por indivíduos que exercem participação ativa na construção da identidade brasileira: “(...) esse povão tem sua cultura, tem uma arte que tem que ser respeitada e preservada para que ele, povão, recupere sua dignidade e possa participar da sua história e influir no próprio destino”. (MARCOS 1978, p. 9). Algumas palavras destacam-se no trecho, como “cultura”, “arte”, “dignidade”, “história” e “destino”, auxiliando na construção da visão de que, ao contrário do que sustentava parte da corrente esquerdista, o futebol não se constituía como ópio do povo aos olhos de Plínio Marcos. O cronista enaltece o conhecimento popular, disseminado pelo povo brasileiro e transformado em sua cultura, em sua arte. O povo recuperava sua dignidade, formava sua história e tomava as rédeas de sua própria significação. O autor constrói um pensamento irreverente na crônica Meia volta, volver, por meio de metáforas e oposição de ideias, que pudessem satirizar os estudiosos intelectuais, que se fechavam no círculo de suas crenças e certezas. Devido à preparação vexatória dirigida pela comissão técnica, o título da crônica faz alusão ao comando militar que ordena a marcha em sentido contrário: meia volta, volver. Utilizando de forma irônica a linguagem dos militares, que exerciam forte influência na direção da seleção brasileira, o cronista ressalta a necessidade de se iniciar um novo processo na gestão do selecionado.

3.4. A invasão corintiana: uma ressignificação social

No palco de um sangrento cenário ditatorial, floresceria um movimento que se eternizaria nos arquivos históricos dos jornais e na memória dos cidadãos: a invasão corintiana. A torcida alvinegra não comemorava um título há 22 anos. Nesse mesmo período, o regime autoritário disseminava pelo território brasileiro marcas de violência e opressão, solidificadas através do AI-5. Por essa razão, a invasão corintiana significaria um movimento que representaria algo além da invasão de uma cidade.

Após início negativo no Campeonato Brasileiro de 1976, a esquadra corintiana deveria vencer as últimas cinco partidas para se classificar às finais. Ao longo dessas partidas, a relação recíproca entre o time e a torcida alvinegra era algo que chamava a atenção. Plínio Labriola Negreiros (2015, p. 82) ressalta como os atletas da Ponte Preta se espantavam com a maneira como milhares de espectadores pareciam participar do jogo:

- A verdade é que o nosso time ficou impressionado com esta torcida, com tanta gritaria. Ninguém sabia mais o que fazer em campo [Depoimento do técnico da Ponte Preta, Armando Renganeschi].

[...]

- Não dava nem para a gente se concentrar direito. A torcida ganhou o jogo para o Corinthians (...) [Depoimento do goleiro da Ponte Preta, Moacir].

Além da disputa contra o time de Campinas, outros dois momentos marcaram a campanha corintiana. No estádio do Morumbi, 113 mil fanáticos acompanhavam a vitória do clube contra o Internacional, pelo placar de 2 a 1. O time estava próximo de sua classificação. A imprensa repercutia a força da torcida alvinegra, capaz de quebrar recordes de renda e público. Relacionada com a sua dedicação ao time, que há anos não conquistava um título importante, seu apelido ganhava corpo: Fiel. E, assim, com o auxílio da massa corintiana, as cinco vitórias foram alcançadas: 2 a 1 contra o Botafogo de Ribeirão Preto; 4 a 1 contra o Caxias; 2 a 0 contra a Ponte Preta, 2 a 1 contra o Internacional; e, novamente, 2 a 1 contra o Santa Cruz.

Um corintiano foi falar com Deus: Olegário morreu suspirando por Baltazar, crônica escrita em 13 de dezembro de 1976, evidencia a relação recíproca entre o time e a torcida alvinegra. Possui, porém, uma peculiaridade. Plínio Marcos compõe uma narrativa entre crônica e conto. Os dois gêneros literários se aproximam de fronteiras quase imperceptíveis, divididos apenas por uma linha tênue. A característica que os distingue é a densidade. O conto possui uma densidade específica, centrando-se na

exemplaridade de um instante da condição humana. O contista se dedica à construção do personagem, do tempo, do espaço e da atmosfera. Já o cronista age de maneira mais solta, sem se colocar no lugar de um narrador, ou seja, de uma personagem-ficcional, dando a falsa impressão de que permanecerá apenas na superfície de seus comentários. No entanto, apesar de a crônica não possuir a densidade do conto, ela dá liberdade ao cronista. Jorge de Sá (1985, p. 10) afirma:

(...) o artista que deseje cumprir sua função primordial de antena do seu povo, captando tudo aquilo que nós outros não estamos aparelhados para apreender, terá que explorar as potencialidades da língua, buscando uma construção frasal que provoque significações várias (mas não gratuitas ou ocasionais), descortinando para o público uma mensagem até então obscurecida ou ignorada por completo.

Apesar de possuir os aspectos que o determinam como crônica, *Um corintiano foi falar com Deus: Olegário morreu suspirando por Baltazar*, também se caracteriza como conto. A obra, assim, se encaixa nos dois gêneros textuais, o que nos levará a denominá-la como uma crônica-conto. A trama se desenvolve a partir da história de Seu Olegário, um velho senhor, torcedor fanático do Corinthians que, ao fim de sua vida, decide participar de um evento que se eternizaria como a invasão corintiana. No estádio do Maracanã, Fluminense e Corinthians disputariam uma das decisões do Campeonato Brasileiro de 1976. É interessante observar que o vocábulo “seu” constrói não apenas a personagem Olegário, como também um tipo social. A palavra se refere costumeiramente e respeitosamente às pessoas mais velhas: “Fazia muito tempo que Seu Olegário não ia a campo de futebol. Tudo porque há muito tempo o Corinthians não lhe dava alegria” (MARCOS, 1976, p. 4).

Seu Olegário trazia na memória nomes de jogadores que simbolizavam a imagem do Corinthians: “Não era o Corinthians de Cláudio, Gilmar, Luizinho, Baltazar, Idário, Carbone, Homero e outros jogadores, capazes de morder a bola, solar o chute dos inimigos com a cabeça, morrer pelo Corinthians” (MARCOS, 1976, p. 4). As expressões e vocábulos que fazem alusão ao contexto de guerra, como “morder a bola”, “inimigos”, “morrer”, retratam a raça e a entrega dos atletas, uma característica que se configurara como uma das principais marcas do time alvinegro. Essa questão ratifica-se após a heroica vitória da esquadra corintiana contra o time do Internacional. Termos como “raça” e “vergonha na cara”, figuram no trecho:

(...) quando o Corinthians ganhou do Internacional de Porto Alegre, o Seu Olegário voltou a acreditar. Pombas, o Inter é o melhor time do Brasil! E o Corinthians ganhou na raça, ganhou porque teve vontade de ganhar, porque seus

jogadores tiveram vergonha na cara, honraram a gloriosa camisa que Jaú, Brandão, Dino, Jango, Servílio e tantos outros honraram no passado (MARCOS, 1976, p. 4).

O humor representado pelo coloquialismo se destaca na passagem “Pombas, o Inter é o melhor time do Brasil!”, simbolizando não apenas um pensamento de Seu Olegário, mas a angústia e o sofrimento da massa corintiana, que há anos não saboreava a conquista de um título, e se entusiasmava ao bater um forte adversário. Chegara a última rodada da fase de grupos. O Corinthians enfrentaria o Santa Cruz, em Recife. Periódicos como o *Jornal da Tarde* e a *Folha de S. Paulo* se dedicavam a acompanhar os torcedores em sua viagem à capital pernambucana. A vitória por 2 a 1 e a classificação, narrada pela imprensa como uma epopeia, culminaria em grande onda de euforia e entusiasmo, que teria como destino final a migração de cerca de 70 mil torcedores à cidade do Rio de Janeiro em apoio ao time, que disputaria a semifinal do Campeonato Brasileiro contra o *Fluminense*.

Plínio Marcos (1976, p. 4) narra como foram os momentos que antecederam a chegada de Seu Olegário à cidade maravilhosa: “(...) quando a cidade se embandeirou pra ir ao Rio de Janeiro empurrar o Coríntians em cima do Fluminense no Maracanã, lá estava Seu Olegário”. A utilização do substantivo “cidade”, na construção da personificação, “a cidade se embandeirou”, retrata a dimensão social de um grande evento que ganhava corpo. Plínio Labriola Negreiros (2015, p. 86) expressa como a imprensa carioca se indagava sobre o que seria a invasão corintiana. Apesar da proximidade entre os territórios geográficos, os hábitos e comportamentos culturais da cidade do Rio e de São Paulo pareciam uma incógnita para paulistas e cariocas: “Tratava-se de uma dupla descoberta: paulistas conhecendo os cariocas e vice-versa”.



Figura 10: Ônibus transporta um contingente de corintianos rumo à cidade maravilhosa. Fonte: noticiasao minuto.com.br.

No início da 1ª República, Lima Barreto observava que o futebol transformava-se a partir da apropriação e ressignificação das classes sociais. O público restrito que acompanhava as partidas dos clubes elitistas, com os novos contornos adquiridos, alterava seu perfil de forma radical. Um de seus desdobramentos foi a construção da noção identitária regional. O nascimento da rivalidade entre equipes das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo é um dos maiores exemplos dessa construção. As disputas entre times dessas duas regiões começaram a ser organizadas em 1906 e, nos anos seguintes, estenderam-se para fora dos gramados. Os clubes e agremiações eram vistos dentro da esfera social. Essa ideia é ressaltada pela contraposição que marcava as cidades: São Paulo era taxada como uma cidade essencialmente relacionada com o trabalho, e o Rio era visto como um espaço de prazer, devido às suas praias e a sua configuração geográfica. A invasão corintiana se apropriava não apenas da cidade, como também das principais características que definiam a cultura carioca. Essa ideia simboliza-se na crônica-conto de Plínio Marcos (1976, p. 4):

Chegaram ao Rio de Janeiro nas primeiras horas da matina. Tocaram pra praia. Desfilaram à pé, abanando bandeira. E Seu Olegário firme. Tomou cerveja, destilou no suor e, sem comer, sem descansar, se mandou pro Maracanã, participou de um pega-pra-ralar com a torcida do Fluminense, bateu, apanhou, e entrou no estádio cantando o Hino do Alvinegro.

A praia, o desfile e a bandeira são aspectos que giram em torno da cultura carioca e que definem a identidade da cidade. A tomada da praia e a caminhada pelas ruas do Rio pela torcida paulista, que abanava a bandeira do Corinthians e era acompanhada pelos olhares de curiosos como se fosse o destaque de um desfile de escola de samba, imprimia à cidade carioca outro caráter. A massa corintiana apropriava-se da cidade carioca por meio das principais características que definiam sua identidade. O humor construído na expressão “pega-pra-ralar”, assim como nos vocábulos “cerveja” e “suor”, marca a linguagem do futebol e intensifica a relação de conflito e integração entre as duas torcidas. O conflito é representado pela expressão “pega-pra-ralar”, ressaltando a pequena confusão gerada entre as duas torcidas. “Ralar” remete a um machucado superficial, apenas com pequenos arranhões e ferimentos, evidenciando um alvoroço sem graves proporções. A integração é construída por meio de elementos comuns entre as duas torcidas. A cerveja, consumida antes, durante ou após a partida, caracteriza momentos de confraternização social entre torcedores do mesmo time. O suor representa a transpiração do corpo em resposta a todos os instantes vivenciados pelo torcedor. A destilação pode ser um processo consequente do forte sol que transluzia no céu da cidade carioca, ou uma

consequência do auge de sentimentos propiciados pelo jogo. É importante perceber a alteridade para a construção do processo identitário entre cariocas e paulistas. A descoberta dos cariocas pelos paulistas e vice-versa, também se constituía em uma autodescoberta. A tomada da praia e das ruas do Rio pela torcida paulista evidenciava para os cariocas as principais características que definiam sua identidade. A construção do processo identitário entre paulistas e cariocas formava-se por meio do convívio e das relações estabelecidas com o outro.

3.4.1. A subversão da ordem e a retomada das ruas: a invasão driblando o regime

Embora a invasão corintiana tivesse como única intensão a confraternização social da torcida alvinegra em apoio ao time que disputaria a semifinal do Campeonato Brasileiro contra o Fluminense, não possuindo uma clara conotação política, Plínio Marcos elabora um texto aberto, com recursos de linguagem que constroem ambiguidades semânticas, permitindo interpretações. Maika Lois Carocha (2006) ressalta a forma como se estabelecia a relação entre o regime militar e as produções musicais. Cantores e compositores que tiveram suas obras vetadas na íntegra ou parcialmente, desenvolviam mecanismos para tentar driblar a censura. O uso de figuras de linguagem, metáforas e a criação de palavras transformavam-se em estratégias utilizadas não apenas por músicos, mas pela classe artística de modo geral. Todavia, Carocha (2006) reforça, segundo Gilberto Vasconcellos, que apenas o olhar pela fresta das composições da MPB não era suficiente. Restavam ainda os percalços da decodificação. Na “linguagem da fresta” de Vasconcellos, o dito ganhava sentido através do não dito, nas entrelinhas do discurso.

Para que possamos refletir sobre como o não dito figura nas entrelinhas de Um corintiano foi falar com Deus, é fundamental compreender que a invasão corintiana se armava como um paradoxo em relação à ideologia militar. Nota-se que a ditadura militar desenvolveu um projeto que pudesse promover a aproximação das Forças Armadas às camadas populares, revelando uma ideologia que ia além da propaganda política. O futebol configurou-se como um dos pilares desse processo. Plínio Marcos revela o drama do contexto futebolístico enfrentado por milhares de jogadores e torcedores presos não apenas à militarização que se infiltrava no comando futebolístico, como também às práticas corruptas e às más administrações de dirigentes esportivos que cada vez mais levavam times de massa à beira da falência.

O contexto político à época em que Plínio Marcos escrevera *Um corintiano* foi falar com Deus: Olegário morreu suspirando por Baltazar, também era fervoroso. Maria Paula Nascimento Araujo (2004) discorre sobre dois ataques símbolos da repressão ditatorial. Em 1974, as prisões seguidas de morte do jornalista Wladimir Herzog, e do líder sindical Manuel Fiel Filho, culminaram em uma grande crise no interior das Forças Armadas. E, em 16 de dezembro de 1976, três dias após a publicação da crônica-conto de Plínio Marcos, a invasão de uma reunião do Comitê Central do PCdoB, no bairro da Lapa, em São Paulo, ocasionou a morte de três dirigentes, resultando no evento que ficaria conhecido posteriormente como o Massacre da Lapa.

A crônica *Não é só peru que morre na véspera* nos auxilia a compreender como o sentimento compartilhado por grande parte da população também prevalecia nos jogadores, pois, além de atletas, eram cidadãos da sociedade:

Aquela Seleção Brasileira, jogando acanhada, sem imaginação, completamente desvinculada das raízes do nosso futebol, criativo, folgado, anárquico (...), aquela seleção representava bem o atual espírito do nosso povo. Nosso povo está acanhado, triste, sufocado, ansioso, inseguro do seu futuro, calando mil e uma perguntas que o aflige. Nossa arte não dá respostas, não inquieta, não discute, não alerta. E nossos atletas são consequência desse estado de coisas (MARCOS, 1976, p. 9).

Os adjetivos utilizados para caracterizar a identidade do futebol brasileiro, como “criativo”, “folgado”, “anárquico”, perdiam sua qualidade. A violência disseminada pelo regime ditatorial, a repressão por parte de uma comissão técnica militarizada e elitizada, além das práticas de corrupção e das más administrações dos clubes culminavam no enfraquecimento das principais qualidades da identidade futebolística. O futebol refletia como um espelho social. Se o povo brasileiro estava acanhado, triste, sufocado, ansioso e inseguro de seu futuro, os atletas futebolísticos compartilhavam das mesmas sensações. Ao afirmar que a arte brasileira não dá respostas, Plínio Marcos ressalta, por meio do não dito, a importância das artes como meio de inquietação, de discussão, de alerta. Assim como a literatura, a pintura, a música, o cinema, o futebol também constitui-se em um processo artístico, desenvolvido pelos atletas e pelo povo. Como ressalta Negreiros (2015), os torcedores corintianos que invadiam o Rio de Janeiro, despindo-se e se embriagando, encobrando as ruas com papéis picados, soltando fogos de artifício, gritando e gerando o caos na cidade, representavam, mesmo que por um dia, a retomada das características do futebol brasileiro. Por meio da linguagem da festa, Plínio Marcos mostra como a invasão corintiana driblava o regime.

É possível perceber dois exemplos que constroem esse drible. O primeiro é analisado por Negreiros (2015). A rigor, não havia nada de produtivo na debandada alvinegra para o Rio de Janeiro. A energia gasta por esses indivíduos não se dirigia à produção, ao contrário, muitos deixaram de produzir, subvertendo a ordem pelo prazer de poder vibrar pelo Corinthians. A prevalência do prazer sobre a produção é elaborada pelo cronista por meio das manifestações de rua:

Nada tirou Seu Olegário da onda. Ele, no sábado à noite, tomou uma cervejinha, se enfiou num ônibus e se mandou pro Rio de Janeiro. A viagem não foi sopa. Ninguém dormiu. Toda a curriola foi berrando durante o percurso, o Hino do Corinthians (MARCOS, 1976, p. 4).

A onda também se constitui em um aspecto característico da cultura carioca. A massa corintiana apropriava-se da cidade do Rio como uma onda humana, formada por camisas e bandeiras alvinegras que se formava em São Paulo e inundava a cidade maravilhosa. Negreiros (2015) ressalta que não apenas torcedores da capital paulista, mas de outras cidades do estado de São Paulo, assim como de outras regiões do país, se juntaram ao numeroso grupo de alvinegros que viajavam para a cidade carioca. A onda corintiana refletia a retomada da ocupação dos espaços públicos. O humor na expressão “se enfiou num ônibus e se mandou pro Rio de Janeiro”, construído por meio da ideia dos torcedores que se enfiavam em um dos ônibus que partiria para o Rio intensifica a desordem do movimento e a ação dos torcedores alvinegros, que apenas seguiam o fluxo e agregavam-se à massa. As estradas que ligavam as duas maiores capitais do país eram tomadas por curriolas, ou seja, por um agrupamento formado por milhares de alvinegros que espalhavam pelos quatro cantos do país o hino do Corinthians. A confraternização social da torcida paulista simbolizava a construção de um processo irreverente produzido pela massa alvinegra. Se o futebol era utilizado pelas Forças Armadas como um meio de aproximação e controle das camadas populares, a invasão corintiana se desenvolveu como um processo subversivo, criativo e irreverente, armando-se como um paradoxo em relação à ideologia militar.

O segundo drible é construído por meio do prazer e do amor que Seu Olegário sentia pelo Corinthians, excedendo até mesmo questões relacionadas com a delicada saúde da personagem. A esposa e o filho do torcedor corintiano são construídos por meio de características racionais: “Não deu trela pra mulher que lhe disse que ele não estava mais em idade pra se meter nesses pagodes. Nem escutou o filho médico, que recomendou cuidado com o coração” (MARCOS, 1976, p. 4). O bom senso é contestado em sua

crônica-conto por meio da ironia. Os vocábulos “trela” e “pagodes” marcam o momento em que Seu Olegário não concede atenção à sua mulher e ao filho, recusando-se a seguir as indicações proferidas pela família. As recomendações do filho sobre o coração indicia o final da crônica-conto, além de marcar a construção da narrativa em três momentos.

No primeiro instante, Seu Olegário chega ao Rio de Janeiro e, no estádio do Maracanã, vê o Corinthians entrar em campo:

Quando seu time entrou em campo, ele vibrou, berrou com todas as forças do seu pulmão. Só sossegou quando entraram os cariocas. Aí, sentiu o braço meio dormente, a cabeça pesada, as pernas meio bambas, um aperto no peito. Mas reagiu (MARCOS, 1976, p. 4).

Comum em todas as partidas e a todos os torcedores: “Quando seu time entrou em campo, ele vibrou, berrou com todas as forças do seu pulmão”. O cronista descreve o ato de apoio da torcida aos jogadores. Propõe reflexão também sobre a frágil saúde da personagem, pois, ao gritar com todas as forças de seu pulmão, que já se encontrava debilitado, Seu Olegário sente o braço dormente, a cabeça pesada, as pernas bambas e um aperto no peito. O mal estar sofrido pela personagem, efeito decorrente da condição de saúde de Seu Olegário, rebate no que ocorria dentro de campo: “De repente, uma bola boba foi chutada pra área, e o pé de um inimigo desviou. Um a zero pro Flu. A massa corintiana ficou jururu” (MARCOS, 1976, p. 4). O golpe sentido pelos atletas e pela torcida é construído por meio de sentenças curtas, ilustrando a tristeza dos alvinegros: “Um a zero pro Flu”, “A massa corintiana ficou jururu”. Assim como a delicada saúde de Seu Olegário, a massa corintiana ficara murcha, sem vigor.

No segundo momento, o estado físico do personagem parece piorar:

Seu Olegário começou a suar frio, sentou-se no meio da torcida, que continuava em pé. Ninguém ligou pra ele. E sua vista foi escurecendo, a cabeça começou a girar, a girar, a girar, e uma bola a girar, a girar, a girar, e atrás da bola Brandão, Servílio, Luizinho, Russo, Jaú, Del Débio, De Maria, Neco, Cláudio, Baltazar, Zé Maria, Simão, Tuffi, Gilmar, Bino faziam defesas maravilhosas; Agostinho e Idário, Hélio e Aleixo, Palmer e Wladimir, Goiano passava pra Vaguinho e Geraldão e Baltazar, e sobe o Cabecinha e é um a zero no placar. E todos eram Baltazar, corriam, driblavam, centravam, cabeceavam, milhares de Baltazar (MARCOS, 1976, p. 4).

A frágil saúde de Seu Olegário é representada por uma série de delírios sofridos no desenrolar da partida. Um fluxo de consciência é elaborado por meio da citação de jogadores que não atuavam mais pelo Corinthians, mas que, mesmo assim, eram avistados em campo pela personagem. Osvaldo da Silva, também conhecido como Baltazar e Cabecinha de Ouro, devido à grande qualidade como cabeceador, é o principal atleta

alvinegro que invade a insânia da personagem. O jogador foi figura importante nas conquistas do Campeonato Paulista em 1951, 1952 e 1954. Pela seleção, chegou a disputar as Copas de 1950 e 1954. O delírio de Seu Olegário, todavia, é entrelaçado com a realidade. Apesar de não identificar a identidade dos atletas que atuavam pelo Corinthians no presente momento, o torcedor alvinegro enxergava todos os lances decorrentes da partida. Essa visão é construída por meio do verbo “girar”, que elabora o mal-estar e a insânia da personagem, assim como o movimento da bola no momento em que a partida era disputada.

Há uma quebra na alucinação de Seu Olegário, em: “E a multidão de repente explodiu. Mil e uma bandeiras alvinegras se agitaram: Gol! Gol! Seu Olegário, com o barulho, despertou.” (MARCOS, 1976, p. 4). Era o empate da equipe paulista. A ruptura do delírio é marcada pelos movimentos da explosão alvinegra e das bandeiras se agitando. Seu Olegário, no fim de suas forças, tenta compreender o que está acontecendo: “Que foi?”, pergunta a um torcedor ao seu lado: “O torcedor, espumando de alegria, berrou: / - Tá um a um! Tá um a um! Agora a gente ferra eles”. Geralmente, utiliza-se o verbo espumar para a construção da expressão “espumando de raiva”, designando um momento de cólera. Ao afirmar que o torcedor espumava de alegria, o cronista simboliza a mistura de sensações que explodiram no estádio pela torcida corintiana no momento do gol: euforia, alegria, alívio, raiva, esperança.

No terceiro instante, Seu Olegário tentou perguntar: “- Foi o Baltazar? / Mas a voz saiu tão fraca, que ninguém pôde ouvir”. A personagem retrata indícios de que sua saúde não o manteria em sua perfeita sanidade até o final da partida:

Seu Olegário não insistiu. Ficou em pé, foi se esgueirando por entre a torcida, saiu do estádio, andou à esmo. Num canto de rua, se arreou (MARCOS, 1976, p. 4).

Novamente, passado e presente se misturam na narrativa via inconsciência da personagem:

Fechou os olhos, viu Idário, Del Débio, Neco, Luizinho, Cláudio, Jaú, Brandão, Vaguinho, Russo, Moisés, Carbone e uma porção de Baltazar. Baltazar driblando, centrando, cabeceando pra gol. Longe, muito longe, Seu Olegário escutava a torcida (MARCOS, 1976, p. 4).

No campo e no delírio de Seu Olegário a partida findava:

- Coríntians! Coríntians! Coríntians!

Seu Olegário sorriu. E pro Seu Olegário se fez silêncio pra sempre (MARCOS, 1976, p. 4).

Essa crônica-conto mostra que o futebol para Plínio Marcos, assim como para Drummond, se deixa tecer por meio da coexistência entre dois planos: o espiritual e o terreno. Ítalo Calvino (1990), ao discutir o conceito de leveza, ressalta que o peso da vida consiste em toda forma de opressão, seja social, étnico, seja religioso. Compreendemos que o plano espiritual é elaborado não só como forma de alívio e desafogo da opressão ligada ao plano terrestre, mas também como transcendência da própria vida. A morte de Seu Olegário, no fim da crônica-conto, simboliza a fusão entre o espiritual e o terreno, entre passado e presente, memória e história. A personagem cria a união entre o céu e a terra. O jogo que acontecia no plano terrestre também se desenrola no plano espiritual, espaço onde Seu Olegário se juntou a todos os atletas e torcedores que auxiliaram, até aquele momento, na construção do Corinthians. Time e torcida, futebol e povo se tornam uma só alma. A figura onze busca condensar essa ideia em imagem:



Figura 11: Torcida do Corinthians lota o Maracanã em disputa contra o Fluminense, pelas semifinais do Campeonato Brasileiro de 1976. Fonte: globoesporte.globo.com.

Plínio Marcos representava, à época, uma exceção no jornalismo e na literatura esportiva. A proximidade com o contexto futebolístico lhe permitiu uma visão diferenciada em relação ao esporte, enxergando-o como um ritual dramatizado pelo povo

brasileiro, fruto da cultura popular. O cronista desafia as correntes esportivas racionalistas, fundamentadas em esquemas táticos sufocantes e dirigidas por uma direção técnica intelectualizada e militarizada, assim como as correntes esquerdistas que interpretavam o aludido esporte como instrumento de alienação política. A irreverência irônica em Plínio Marcos toma a forma do código futebolístico, ou seja, da linguagem do futebol, enfatizando a cultura popular. Como escritor e como atleta, Plínio reafirma as palavras de Ferreira Gullar³: “futebol nada mais é do que o povo saudando a si mesmo”. Um povo que é a irreverência da própria narrativa futebolística, refutando sua domesticação ao tomar as rédeas de sua própria significação.

³ GULLAR, Ferreira. Curtição geral. *Pasquim*. N.º 54, 2 a 8 de julho de 1970.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol é um ritual pelo qual a sociedade brasileira apresenta-se e descobre-se. A união entre crônica e futebol resultou em um espaço de debate sobre questões que envolvem o contexto político-social brasileiro. Por meio de diferentes construções artísticas, Lima Barreto, Carlos Drummond de Andrade e Plínio Marcos expõem em suas crônicas percepções sobre os desdobramentos do ritual futebolístico. E o fizeram a partir de um elemento em comum em suas crônicas: a ironia.

Diferentes formas de construção irônica destacam-se nas crônicas, ora por meio de uma perspectiva defendida pelo narrador através da construção de um sentido oposto ao que se expressa no enunciado, ora por meio do recurso irônico que procura manter a ambiguidade e demonstrar a impossibilidade de se estabelecer um sentido claro; ora por meio de um leve humor construído através da sátira, da troça, do deboche, ora por meio de uma construção irônica elaborada através do sarcasmo, intensificando o teor impactante das crônicas, denunciando a propagação de ideologias discriminatórias e segregacionistas.

O coloquialismo também é importante na construção da ironia. As crônicas ganham a forma da linguagem cotidiana, nem sempre respeitando a norma culta. A crônica opera uma recriação do real, o que lhe dá o caráter literário. A ironia torna-se irreverente não apenas por desenvolver-se como um instrumento de subversão da ordem social ou da linguagem, como também por estabelecer-se como um instrumento de denúncia e busca de transformação do contexto social. Nas crônicas de Lima Barreto, Drummond e Plínio Marcos, a ironia atinge a modalidade do pensamento, mostrando a consciência dos autores em relação ao drama social enfrentado por milhares de indivíduos. O futebol torna-se, assim, um reflexo do drama social brasileiro apreendido nas crônicas.

Lima Barreto testemunhou o início da difusão do futebol no país, predominante no contexto social de uma jovem república, nas duas primeiras décadas do século XX. O aludido esporte desenvolvia-se como um dos principais pilares da remodelação de hábitos e costumes sociais, refletindo o intuito da aristocracia de se construir uma identidade nacional voltada para a ideologia civilizatória disseminada pelo continente europeu. A ironia, elaborada nas crônicas do escritor ora como sátira e humor, ora como sarcasmo, evidencia o paradoxo do contexto futebolístico: símbolo de modernidade e, ao mesmo

tempo, algo que se refletia em caos, desordem e segregação sócio racial. O coloquialismo nas crônicas de Lima Barreto subverte a norma culta em coloquialismo carioca, dando voz ao povo e rechaçando a linguagem, o contexto futebolístico e todos os elementos representativos da aristocracia. Sua crítica se destaca, principalmente, ao reivindicar a inclusão sócio-racial não apenas no meio esportivo, como também em todos os segmentos da sociedade.

Entre as décadas de 1930 e 1970, Drummond se ateu ao debate sobre a democracia racial, o projeto de nacionalização vanguardista e o desenrolar de uma identidade futebolística pautada na ginga e na malandragem. Ao longo da Copa do Mundo de 1938, o sentimento de júbilo se alastrava pelo país, tomando conta até mesmo de cidadãos indiferentes ao futebol. Por mais que vivenciasse o estopim da paixão nacional provocada pelo aludido esporte, o caráter crítico também se vitaliza em suas crônicas. A ironia em Drummond ganha a forma irreverente do futebol brasileiro. Dribla o sentido único por meio de interpretações, torna-se leve ao explorar o humor das situações e fatal ao evidenciar que, se, por um lado, via-se a possibilidade de utilizar politicamente a seleção, por outro, procurava-se usá-la para camuflar uma desconfiança e subestimação em relação ao próprio povo brasileiro. Por meio de Pelé e Garrincha, Drummond mostra o modo como o povo brasileiro apropriava-se do futebol para construir sua identificação, utilizando-o como ressignificação de sua própria essência. O ritual futebolístico era, assim, construído por meio do profano, ou seja, por meio da exacerbação do prazer.

Plínio Marcos publicou suas crônicas no contexto da ditadura militar, discutindo as principais correntes ideológicas construídas acerca da relação estabelecida entre futebol e regime, na década de 1970. É essencial salientar que o escritor representava uma ressalva na própria literatura, já que o dramaturgo chegou a atuar em times da cidade de Santos, como o Jabaquara e a Portuguesa Santista. Sua breve experiência como jogador permitiu-lhe uma reflexão crítica sobre o contexto futebolístico como alguém que já fora atleta. Por essa razão, o cronista enxerga o futebol como fruto da cultura popular. Os jogadores são povo, o povo é jogador: jogador de várzea, jogador de rua, jogador de campo de beira de vala, do alto da pirambeira. A ironia construída nas crônicas de Plínio Marcos é elaborada por meio da linguagem futebolística das massas populares, do povo brasileiro, desafiando correntes racionalistas e direções técnicas militarizadas, pautadas em esquemas táticos e doutrinas que destroçavam a identidade futebolística brasileira. Além disso, o cronista representava uma exceção nas ideologias esquerdistas ao driblar a

concepção que interpretava o futebol como ópio do povo. Devido à sua experiência e proximidade do contexto futebolístico, Plínio Marcos observou como o prazer suscitado pelo futebol transcende a própria vida.

Por meio da ironia e de recursos de linguagem pertinentes ao contexto futebolístico e social, é construído um diálogo atemporal entre os autores. Lima Barreto, Drummond e Plínio Marcos revelam-se escritores irreverentes. Irreverentes pela subversão da ordem da linguagem, irreverentes pelo questionamento da ordem social. Como cronistas, ainda evidenciam que, se, por um lado, o futebol refletia ou até mesmo corroborava com a construção de diretrizes discriminatórias, segregacionistas e opressivas, por outro, auxiliava no embate contra essas ideologias. A crônica *Mané e o Sonho*, escrita por Drummond (2014, p. 152) em 22 de janeiro de 1983, dois dias após a morte de Garrincha, relata como o futebol oferecia ao povo uma alternativa de desafogo dos problemas sociais: “A necessidade brasileira de esquecer os problemas agudos do país, difíceis de encarar, ou pelo menos de suavizá-los (...) fez com que o futebol se tornasse a felicidade do povo”. Atualmente, torna-se cada vez mais raro a busca por atletas como Pelé, Garrincha ou Baltazar. Atletas com quem o povo possa se identificar, algo que Drummond (2014, p. 154) já parecia antever após a morte de Mané: “O pior é que as tristezas voltam, e não há outro Garrincha disponível. Precisa-se de um novo, que nos alimente o sonho”.

A solidificação de um ídolo futebolístico está ligada essencialmente à ideia de *identificação*. A identificação de um jogador com seu povo é elaborada por meio da proximidade, do convívio, do diálogo, da reciprocidade. Por essa razão, o povo já não se identifica, como antes, com os atletas que representam a seleção brasileira hoje. A maioria dos esportistas já não faz parte do convívio popular, não se insere no contexto social ao qual o povo pertence. Além disso, devido à conjuntura do mundo globalizado, jovens promessas ou atletas que se destacam em um clube do país tendem a permanecer apenas por uma ou duas temporadas. Assim, a identificação do jogador com a torcida é feita em um curto prazo, tornando-se efêmera.

A prática futebolística torna-se cada vez mais metódica, previsível, burocrática, “completamente desvinculada das raízes do nosso futebol, criativo, folgado, anárquico”, como diria Plínio Marcos (1976, p. 9). Contudo, acreditamos que há um motivo forte pelo

qual as gerações mais antigas, que preservam nostalgicamente em sua memória grandes feitos conquistados pelo futebol brasileiro, e as gerações mais novas, que possivelmente ainda não tenham vivenciado um grande momento protagonizado pelo seu time ou pela seleção, ainda acompanhem os campeonatos regionais e nacionais, assim como os jogos da seleção brasileira: a paixão por esse esporte. Os jogos de várzea, as peladas entre amigos, a rivalidade entre as principais torcidas do país sobressaem como caminhos traçados pela população para a preservação da cultura futebolística. Uma população que permanece renegada. Renegada pelo governo, pelas autoridades públicas e por parte da sociedade, renegada pela própria direção dos clubes. Os dirigentes esportistas, por sua vez, mostram-se cada vez mais indiferentes e omissos em relação ao torcedor, aos amantes desse esporte, e a todos os praticantes que carregam consigo os resquícios da brincadeira, da ingenuidade, do jogar pelo prazer. É possível observar atualmente grandes clubes reféns de direções corruptas e despreparadas, arruinando sua grandeza, sua capacidade de competitividade, sua disputa por títulos expressivos. O motivo pelo qual essas equipes ainda sobrevivem é o principal legado que um clube possui: a sua torcida. Mais do que nunca, o futebol brasileiro sobrevive atualmente em razão do povo. E esse povo deve ser respeitado.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- ANDRADE, Carlos Drummond. *Quando é dia de futebol/* pesquisa e seleção de textos Luis Mauricio Graña Drummond, Pedro Augusto Graña Drummond; posfácio Juca Kfourri. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. “*Com brasileiro, não há quem possa!*”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004.
- ARAUJO, Maria Paula Nascimento. A luta democrática contra o regime militar na década de 1970. In: REIS, Aarão Daniel; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964 – 2004)*. Bauru, SP: Edusc, 2004.
- ASSIS, Machado de. *50 contos de Machado de Assis*; seleção, introdução e notas John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BANDEIRA, Manuel. Gol!. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. 2 de julho de 1958. p. 3. Impresso.
- BARRETO, Lima. *Toda Crônica/* apresentação e notas Beatriz Resende; organização Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004.
- BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.
- BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. In:_____. *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.
- BERMAN, Marshall. Introdução. In:_____. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- CALVINO, Ítalo. Leveza. In:_____. *Seis propostas para o próximo milênio*. Tradução: Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANDIDO, Antonio. Crítica e Sociologia. In:_____. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In:_____. *Para gostar de ler: crônicas*. São Paulo: Ática, 2003.

CANDIDO, Antonio. Dialética da Malandragem: caracterização das Memórias de um sargento de milícias. In:_____. *Revista do Instituto de estudos brasileiros*. São Paulo: USP, 1970.

CAPRARO, André Mendes. *Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX*. Curitiba (PR): Universidade Federal do Paraná, Departamento de História, 2007.

CAROCHA, Maika Lois. A censura musical durante o regime militar (1964-1985). *História: Questões & Debates*, v. 44, n. 1, 2006.

CARVALHO, Mayra Moreyra. *Além das linhas do campo e dos versos do poema: investigações sobre o futebol-arte*. Dissertação de Mestrado em Teoria Literária da Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

CELSO, Maria Eugênio. Notas Sociais Coquetel. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. 28 de junho de 1958. p. 6. Impresso.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. A “linguagem do futebol” segundo Pasolini: “futebol de prosa” e “futebol de poesia”. *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, 2006.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMATTA, Roberto. Esporte na Sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In:_____. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DUARTE, Lélia Parreira. *Ironia e Humor na literatura*. São Paulo: Alameda, 2006.

ENEDINO, Wagner Corsino; BULHÕES, Ricardo Magalhães. O Abajur lilás, de Plínio Marcos: uma escrita da escória contra a ditadura. Lilac Lampshade. *Nonada: Letras em Revista*, 2014.

FICO, Carlos. A pluralidade das censuras e das propagandas da ditadura. In: REIS, Aarão Daniel; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964 – 2004)*. Bauru, SP: Edusc, 2004.

FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FLORENZANO, José Paulo. *A democracia corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro*. São Paulo: FAPESP; EDUC, 2009.

FLORENZANO, José Paulo. Dictatorship, Re-Democratisation and Brazilian Football in the 1970s and 1980s. In: _____. *The Country of Football*. London: Hurst & Company, 2014.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. *Diário de Pernambuco*. 17 de junho de 1938.

FREYRE, Gilberto. *Sociologia*. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.

GARAY, Elizabeth Sánchez; GUAL, Carlos García. *Ítalo Calvino: voluntad e ironía*. Universidad Autónoma de Zacatecas, 2000.

GOMES, Paulo César. *Poesia marginal nos anos 1970*. História da Ditadura. Disponível em: <https://www.historiadaditadura.com.br/destaque/poesia-marginal-nos-anos-70/> [Acessado em 29 de setembro de 2018].

GULLAR, Ferreira. Campeões. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. 2 de julho de 1958. p. 3. Impresso.

GULLAR, Ferreira. Curtição geral. *Pasquim*. N° 54, 2 a 8 de julho de 1970.

HELAL, Ronaldo; GORDON JR., Cesar. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. et al. (Orgs.). *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HOBBSAWM, Eric J., Narrativa e espaço social. In: _____. *A era dos impérios*. Tradução Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Dissertação de Mestrado em História, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2003.

JORGE FILHO, José Ismar Petrola. Contrastes entre a Censura ao Jornalismo e ao Teatro, a partir da Censura a Plínio Marcos. *Intercom*. Curitiba, de 4 a 9 de setembro de 2017.

LOBATO, Monteiro. 22 da “Marajó”. In: _____. *A onda verde*. São Paulo: Cia. Editores, 1922.

MARCOS, Plínio. Um corintiano foi falar com Deus: Olegário morreu suspirando por Baltazar. *Movimento*. São Paulo. 13 de dezembro de 1976. p. 4. Impresso.

MARCOS, Plínio. Não é só peru que morre em véspera. *Movimento*. São Paulo. 2 de agosto de 1976. P. 9. Impresso.

MARCOS, Plínio. Mumunhas matam o futebol. *Movimento*. São Paulo. 21 de junho de 1976. p. 11. Impresso.

MARCOS, Plínio. É mais fácil empilhar tijolo do que montar o time. *Movimento*. São Paulo. 26 de abril de 1976. p. 11. Impresso.

MARCOS, Plínio. Meia volta, volver. *Movimento*. São Paulo. 12 de junho de 1978. p. 9. Impresso.

MARCOS, Plínio. Alguém esperava esporte limpo? *Movimento*. São Paulo. 7 de janeiro de 1979. p. 18. Impresso.

MARANHÃO, Tiago Jorge. Apolo versus Dionísio no campo da História: o futebol em Gilberto Freyre. *Revista Digital*, Buenos Aires, n73, 2008.

MATTOS, Cláudia. *Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MENDES, Oswaldo. *Bendito maldito: uma biografia de Plínio Marcos*. São Paulo: Leya, 2009.

MERQUIOR, José Guilherme. *Verso universo em Drummond*. São Paulo: É Realizações, 2012.

MORAES, Vinícius de. O anjo de pernas tortas. In _____. PEDROSA, M. *Gol de Letra: o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro, 1967.

NASCIMENTO, Paulo Henrique. A Copa do Mundo de 1938: nacionalismo e a identidade brasileira em campo. *Histórica*, n.30, 2008.

NEGREIROS, Plínio Labriola. A torcida corinthiana e a ocupação do Maracanã: Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 1976. In: HOLLANDA, B. B. B. de e NEGREIROS, P. L. *Os gaviões da fiel: ensaios e atnografias de uma torcida organizada de futebol*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

PALMEIRA, Marcelo Rodrigues de Melo. *Quando é dia de futebol: os dribles poéticos de Carlos Drummond de Andrade*. Belo Horizonte: UFMG, 2015.

PASOLINI, Pier Paolo. O gol fatal. *Folha de S. Paulo*. 6 de março de 2005. Impresso. P. 4-5. [tradução de Maurício Santana Dias; título original: Il calcio 'è' um linguaggio com i suoi poeti e prosatori].

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902 – 1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PIGNATARI, Décio. *Informação, linguagem, comunicação*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

ROSSO, Mauro. *Coelho Neto versus Lima Barreto: um Fla-Flu literário*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010

RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

RICARDO, Cassiano. Martim Cererê, jogador de futebol. In _____. *Martim Cererê: o Brasil dos meninos, dos poetas e dos heroes*. São Paulo: Editora Ltda, 1928.

RODRIGUES, Jerusa Helena Furtado; SILVEIRA, Dionísio Pedro da. Sarcasmo em Gregório de Mattos e Guerra. *Revista Pro Homine Especial TCC–Unilavras*, 2015.

RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RODRIGUES FILHO, Nelson. Lima Barreto: jogando contra o futebol. In _____. *Brasil: futebol tetracampeão do mundo*. Rio de Janeiro: UERJ, 1995.

SÁ, Jorge de. *A Crônica*. São Paulo: Ática, 1985.

SAID, Edward. Narrativa e espaço social. In _____. *Cultura e Imperialismo*. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In _____. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SHAKESPEARE, William. *Júlio César*. Ridendo Castigat Mores, 2000. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/cesar.pdf>. [Acessado em 22 de junho de 2019].

STEIN, Leandro. O futebol também foi uma obra faraônica dos militares, e sofremos com isso até hoje. *Trivela*. 31 de março de 2014.

STEIN Leando. [Ditadura] O governo militarizou a Seleção, e 1982 foi o símbolo da redemocratização. *Trivela*. 3 de abril de 2014.

TRIVELONI, Marcus Vinicius Garcia. *Plínio Marcos e a perspectiva utópica de superação*. Dissertação de Mestrado em Literatura e Vida Social. Universidade Estadual Paulista. Assis, 2007.

TOLEDO, Caio Navarro de. 1964: o golpe contra as reformas e a democracia. In: REIS, Aarão Daniel; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964 – 2004)*.

TOLEDO, Luiz H. de. Contribuições ao estudo da crônica esportiva 1: a “contracrônica” esportiva de Lima Barreto. *Pesquisa de Campo*. Rio de Janeiro, n. 3-4, p. 37-51, 1996.

VICENTE, Gil. *Auto da barca do inferno/Gil Vicente*; acompanhado de uma adaptação em português de Douglas Tufano. São Paulo: Moderna, 2006.

ANEXOS

Sobre o *football*

Nunca foi do meu gosto o que chamam *sport*, esporte ou desporto; mas quando passo longos dias em casa, dá-me na cisma, devido certamente à reclusão a que me imponho voluntariamente, ler as notícias esportivas, pois leio os jornais de cabo a rabo.

Nestes últimos dias, todas as notícias sobre um encontro entre jogadores de *football* daqui e de São Paulo não me escaparam. Em começo, quando toparam meus olhos com os títulos espalhafatosos, sorri de mim para mim, pensando: estes meninos fazem tanto barulho por tão pouca cousa? “Much ado about nothing”... Mas logo ao começo da leitura tive o espanto de dar com este solene período:

As acusações levantadas, então, por certa parte da imprensa paulista – manifestações que estamos já agora dispostos a esquecer, mas que não podemos deixar de rememorar – contra a competência e a honestidade do árbitro que serviu naquela partida, atribuindo a obra sua a vitória alcançada por nós, preparou o espírito popular na ânsia de uma prova provada de que, com este ou aquele juiz, os jogadores cariocas estão à altura dos seus valorosos êmulos paulistas e são capazes de vencê-los.

Diabo! A cousa é assim tão séria? Pois um puro divertimento é capaz de inspirar um período tão gravemente apaixonado a um escritor?

Eu sabia, entretanto, pela leitura de Jules Huret, que o famoso *match* anual entre as universidades de Harvard e Yale, nos Estados Unidos, é uma verdadeira batalha, em que não faltam, no séquito das duas *équipes*, médicos e ambulâncias, tendo havido, por vezes, mortos, e, sempre, feridos. Sabia, porém, por sua vez, o que é o ginásio da primeira verdadeiro sanatório de torturas físicas; que o jogo de lá é diferente do usado aqui, mais brutal, por exigir o temperamento já de si brutal do americano em divertimentos ainda mais brutais do que eles são. Mas nós?...

Reatei a leitura, dizendo cá com os meus botões: isto é exceção, pois não acredito que um jogo de bola, e sobretudo jogado com os pés, seja capaz de inspirar paixões e ódios. Mas, não senhor! A cousa era a sério e o narrador da partida, mais adiante, já falava em armas. Puro *front!* Vejam só este período:

As nossas armas, neste momento, são, pois, as da defesa, e da defesa mais legítima, respeitável, mais nobre possível porque ela assenta numa demonstração pública, esperada com cerca de trinta dias de paciência.

Não conheço os antecedentes da questão; não quero mesmo conhecê-los; mas não vá acontecer que simples disputas de um inocente divertimento causem tamanhas desinteligências entre as partes que venham a envolver os neutros ou mesmo os

indiferentes, como eu, que sou carioca, mas não entendo de *football*. Acabei a leitura da cabeça e fiquei mais satisfeito. Tinha ela um tom menos apaixonado; tinha o ar dos finais das clássicas discussões jornalísticas sobre arrendamentos ou concessões de estradas de ferro e outras medidas da mais pura honestidade administrativa. Falava na “dura e bem-merecida lição para certos jornalistas que não compreendem o espírito que deve mover as suas penas que malbaratam a honra alheia”, etc., etc.

Continui a ler a descrição do jogo, mas não entendi nada. Parecia-me tudo aquilo escrito em inglês e não estava disposto a ir à estante, tirar o Valdez e voltar aos meus doces tempos dos “significados”. Eram só *backs, forwards, kicks, corners*; mas havia um “chutada”, que eu achei engraçado. Está aí uma palavra anglo-lusa. Não é de admirar, pois, desde muito, Portugal anda amarrado à sorte da Inglaterra; e até já lhe deu muitas palavras, sobretudo termos de marinha: *revolver* vem de “revolver”, português, e *comodoro* de “comandante”.

Passei o dia, pensando que a cousa ficasse nisso; mas, no dia seguinte, ao abrir o mesmo jornal e ler as notícias esportivas, vi que não. A disputa continuava, não no *ground*; mas nas colunas jornalísticas.

O órgão de São Paulo, se bem me lembro, dizia que os cariocas não eram “cariocas”, eram hebreus, curdos, anamitas; enquanto os paulistas eram “paulistas”. Deus do céu! exclamei eu. Posso ser rebole (minha bisavó era), cabinda, congo, moçambique, mas judeu - nunca! Nem com dois milhões de contos!

Esta minha mania de seguir cousas de *football* estava a fornecer-me tão estranhas sensações que resolvi abandoná-la. Deixei de ler as seções esportivas e passei para as mundanas e para as notícias de aniversário. Mas, parece que havia algum gênio mau que queria, com as histórias de *football*, dar-me tenebrosas apreensões.

Há dias, graças à obsequiosidade de Benedito de Andrade, o valente redator do *Parafuso* e não menos valente diretor da *A Rolha*, mandou-me uma coleção deste último semanário, pelo que já lhe agradeço do fundo d’alma.

Todos os dois *magazines* são de São Paulo, como sabem.

Uma noite destas, relendo o número 14 de julho da *Rolha*, fui dar com a sua seção “esportiva”.

Tinha jurado não ler mais nada que tratasse de tais assuntos; mas a isso fui obrigado naquele número da *Rolha* porque vi o título da crônica – “Rio *versus* São Paulo”. Admirei-me! Pois se o encontro de que já tratei foi nos primeiros dias deste mês, como é que o Baby já o noticia quase um mês antes? Li e vi tratar-se de outro de que nem tivera notícias, e isso é tanto assim de notar que o autor da crônica deixa entender que todos nós tínhamos os olhos voltados para ele. Leiam isto:

Rio *versus* São Paulo – a Capital Federal está em festas. De vinte em vinte quatro horas as fortalezas salvam, as bandas de música executam hinos festivos e nas diferentes sedes esportivas o

champagne corre a rodo como se estivéssemos festejando o último dia de guerra. Nas avenidas, praças, ruas e becos, homens já na casa dos cinquenta, matronas escondendo a primavera dos sessenta e crianças ainda mal desabitadas dos cueiros, só falam no grande acontecimento que encheu de júbilo um milhão e pouco de almas nascidas e domiciliadas na encantadora Sebastianópolis: a vitória do *scratch* carioca... Nas redações, os cronistas esportivos já não dormem há uma semana: são os cumprimentos, as telefonadas, os telegramas, os convites, para almoços e para jantares. Tudo isso... porque depois de dezoito anos de lutas o famoso *scratch* da Metropolitana conseguiu a sua terceira vitória.

Meu caro Baby: isto deve ser Bizâncio, no tempo de Justiniano, em que uma partida de circo, com os seus “azuis” e “verdes”, punha em perigo o império; mas não o Rio de Janeiro. Se assim fosse, se as partidas de *football* entre vocês de lá e nós daqui apaixonassem tanto um lado como o outro, o que podia haver era uma guerra civil; mas, se vier, felizmente, será só nos jornais e, nos jornais, nas seções esportivas, que só são lidas pelos próprios jogadores de bola adeptos de outros divertimentos brutais, mas quase infantis e sem alcance, graças a Deus; dessa maneira, estamos livres de uma formidável guerra de secessão, por causa do *football*! (BARRETO, Lima. *Toda Crônica*/apresentação e notas Beatriz Resende; organização Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004)

Uma conferência esportiva

No sábado último, no salão nobre da Liga Metropolitana dos Trancos e Pontapés, em presença de numerosa e seleta assistência, o doutor Francoso Hell Jacuencanga, consultor literário da liga, pronunciou afinal a sua anunciada conferência sobre “A educação física, o *football* e as suas conquistas e progressos, entre nós”.

E começou invocando os manes da defunta e vagabundíssima Grécia; citou filósofos e educadores, omitindo cautelosamente o nome de Spencer, porque, certamente, já tinha notícias de que existia um livro desse grande filósofo inglês, em cujas páginas o jogo dos pontapés não é lá muito bem-tratado.

Em seguida considerou:

Vamos ao cais do porto. O serviço de estiva corre celeremente. Os estivadores, com passos apressados, correm sobre as pranchas, carregando pesados fardos. São homens de todas as raças e mestiços delas. Vede-lhes a musculatura. Como é perfeito! Os músculos de todas as partes dos seus corpos, como que foram calculados com paciente precisão, para funcionarem harmonicamente. Que beleza! Que perfeição! Mas para que servem? Para nada – podemos dizer; pois carregar fardos de alfafa, de algodão, sacos de café não é trabalho útil à sociedade.

O mesmo, havíamos de considerar, se observássemos os carroceiros, os catraieiros, os malhadores de fundição, os caldeireiros, etc.

Entretanto, se nos colocamos no alto da arquibancada de um *field* de *football*, a contemplação dos músculos desarmônicos dos *players*, as suas longas pernas superenriquecidas de força, o *mollet* muito proeminente, a contrastar com o seu andar bambo, e também as suas cabeças de chuchu, é quando vemos e percebemos a utilidade da educação física. Ela não está no emprego para serviços de que toda sociedade precisa; ela está no seu platonismo, no seu desinteresse, em não se aplicar ou em dar sem proveito algum dia e noite pontapés num pelotão.

Continuou por aí, e, afinal, veio a falar nos progressos e vantagem do *football*, entre nós. Foi, essa parte da conferência, muito documentada. Graças à gentileza do conferencista, podemos publicar alguns documentos com que ilustrou a sua notável peça lítero-esportiva. Fá-lo-emos a tempo. Disse mais o doutor dos esportes:

Um das primeiras vantagens que obtivemos com o *football* foi armar uma rixenta rivalidade entre o Rio e São Paulo, cousa que só é sentida por nós, os olímpicos.

A turba ignara de trabalhadores, operários, jornalistas, escritores, militares, graças à sua fraqueza de pernas e pés, inteiramente a desconhece.

Uma outra vantagem que adveio para a nossa terra, foi o ressentimento dos uruguaios que aqui vieram disputar um campeonato. Os cisplatinos chegaram a procurar as suas autoridades diplomáticas para queixar-se do mau tratamento que lhes dispensamos.

O ministro do Uruguai, talvez haja mês e pouco, externou opiniões bem severas e nem sempre justas, sobre esses campeonatos internacionais de *football*. Uma revista desta cidade, o *A.B.C.*, de 4-12-20, a propósito, informa:

Há tempos, depois de um campeonato internacional de *football* aqui, queixara-se amargamente os nossos dos uruguaios e de entre estes um aventurou-se em Montevideú a sustentar uma campanha de imprensa contra nós.

Não há dúvida alguma que isto foi uma vitória para a fraternidade sul-americana, obtida pelo *football*.

O que, porém, convence todos de que o nobre esporte bretão prospera e se enraíza nos hábitos das nossas gentes, são as pugnas, lutas, rixas, conflitos, até tentativas de suicídio que ele suscita.

Há tempos o *Jornal do Comércio* noticiava o fato de uma senhora, Dona Albina***, casada com o Senhor Washington***, tentar suicidar-se, porque o seu esposo era um apaixonado do *football*.

O venerando órgão assim narra a ocorrência:

O marido de Albina, que é carteiro de terceira classe da Repartição dos Correios, diariamente deixava a casa onde residia com a esposa, na Rua Honório 339, em Caxambi, no Méier e lá ia, rumo do campo de *football*, antes de iniciar o seu serviço nos Correios.

A mulher diariamente lhe reprendia por esse fato. Achava ela que esse não devia ser o comportamento de um bom marido.

Ainda ontem tal cena se repetiu. O marido não quis atendê-la. A mulher tomada de desgosto resolveu, por tão pouco, acabar com a vida. Para isso munuiu-se ela de um vidro etc., etc.

Afirma ou não semelhante fato a sedução formidável que tão glorioso exercício físico está exercendo sobre os espíritos de *élite* da nossa sociedade? Essa senhora que tentou suicidar-se – essa é um coração fraco que não está ao par das conquistas modernas da civilização. Vejam como as “torcedoras” dos grandes clubes usam um vocabulário viril, até o próprio calção, para animar os do seu partido ou desnortear os do adverso!

É mais uma conquista do *football*, essa da civilização vocal das senhoras e senhoritas.

Aqui, no Rio, não há domingo, em que esse extraordinário jogo tão zoológicamente executado com os pés, não mereça a consagração de barulhos, rixas e conflitos, em todos os campos da cidade.

O último conflito que houve foi entre o Mangueira e o Fluminense. Esteve soberbo.

Referindo-se a ele, *A Noite* diz, em 13 de dezembro:

Já não é nos campos dos clubes de terceira ordem que tais cenas se verificam. Nos dos outros, nos de primeira ordem, nos últimos tempos, também se tem timbrado nesses desrespeitos à assistência, não atendendo sequer à presença de senhoras, que são atropeladas nas correrias e até agredidas, devido à confusão.

Curioso, esse jornalista!

Pois ele queria que os clubes aristocráticos e puros ficassem atrás dos clubezinhos do subúrbio? O *football* é uma e mesma cousa, em toda a parte!

O *Correio da Manhã* também, referindo-se a esse conflito, tem descoco de comentá-lo da maneira abaixo, como se tal fato não fosse virtualmente o fim próprio e natural do jogo.

Eis as palavras desse jornal, em 14 do mês acima citado:

As mais graves cenas foram verificadas, tendo havido agressões de todas as maneiras e em toda e qualquer pessoa, notando-se até senhoras que foram atingidas pela sanha dos desordeiros, que custaram a dar por finda a sua obra.

Fora do Rio, o lindo esporte inglês vai se impondo corajosamente, como é notório.

Conta *A Noite*, de 5 de agosto último:

À tarde, quando se realizava, no campo do Clube de Football Guanabara, em Niterói, o jogo entre este clube e o Malta, houve um conflito de graves proporções, do qual saíram feridas quatro pessoas, sendo que três gravemente.

Descreve os pródromos da contenda, e em seguida narra:

Afinal, João Ribeiro, que jogava pelo Clube Malta, exasperado, retirou-se por instantes do campo, e, armado de um revólver, voltou, tentando agredir um dos *footballers* do clube adversário.

Tomado de fúria sagrada em prol das cores da sua sociedade esportiva, a ‘Malta’, João feriu mais outras pessoas, com o seu heróico revólver.

Para acabar, como lá está no jornal aludido, transcrevo-lhe estas palavras:

Subjugado, a custo, foi o criminoso desarmado. O povo, tentou linchá-lo, espancando-o violentamente.

Niterói, por estar mais próximo do Rio de Janeiro, foi a primeira cidade nacional que o imitou nos seus épicos costumes futebolescos. Mas, em breve, São Paulo a seguia, embora o seu *football* fosse tido e havido como um *football* de salão.

Em 28 de novembro último, houve um sério conflito, entre dois clubes daquela capital – ‘Aliados’ e ‘Oficinas São Paulo’ – que disputaram uma partida.

Saíram vários feridos, entre os quais um a canivete.

Em 12, depois de um encontro entre os clubes ‘Palestra Itália’ e ‘Paulistano’, deu-se o seguinte, que o *Correio da Manhã*, em telegrama, expõe assim:

São Paulo, 13 – Numa taberna existente na Rua Anhangüera, vários indivíduos italianos e brasileiros, discutiam os resultados do jogo de *football*, de ontem; certo momento, quando mais acesa ia a discussão, um rapaz do grupo, barbeiro, de nacionalidade italiana, ardoroso defensor do Palestra, sacando de uma navalha, vibrou quatro golpes contra o operário Galdino de Assis, que defendia o Paulistano.

Penso bastarem as provas que aí ficam, para demonstrar à sociedade a prosperidade e as vantagens advinda à comunhão brasileira, com a introdução do *association* entre nós. O que é

preciso é que os *players* se façam também políticos, a exemplo do que fizeram os *sportemen* de jogos antigos de ligeireza e golpes singulares, para que o *football* preencha plenamente o seu destino superior.

Tenho dito.

Houve uma prolongada salva de palmas e um começo de rolo. Alguns *footballers* quiseram agredir um cronista esportivo: mas ficou só em ameaça.

Ainda bem (BARRETO, Lima. *Toda Crônica/* apresentação e notas Beatriz Resende; organização Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004).

Bendito *football*

Não há dúvida alguma que o *football* é uma instituição benemérita, cujo rol de serviços ao país vem sendo imenso e parece não querer ter fim.

Com a citação deles, podíamos encher colunas e colunas desta revista, se tanto quiséssemos e para isso nos sobrasse paciência.

Não é preciso. É bastante elucidativa a enumeração de alguns principais. Um deles, senão o primordial, é ter trazido, para a notoriedade das páginas jornalísticas e das festanças e rega-bofes dos Césares desta bandas, nomes de obscuros cavalheiros, doutores ou não, sequiosos de glória, que, sem ele, não teriam um destaque qualquer, fosse de que natureza fosse.

Um outro é ter permitido que os trabalhadores de ofícios em que se exige grande força muscular nas pernas e nos pés, tais como: o do caixeiro de bancos, o de empregado em lojas comerciais e em escritórios, o de funcionário público, o de estudante e o de profissional do “desvio”, realizassem as suas respectivas profissões com perfeição e segurança de quem dispõe de poderosos “extensores”, “pediosos”, “perôneos”, “tíbias”, etc., etc.

Não falemos da gesticulação e falatório dos “torcedores” e “torcedoras”, nem dos soberbos rolos que coroam partidas magistrais.

Além daqueles ótimos serviços, que citamos, prestados, pelo *football*, à Pátria e à mocidade brasileira de mais de quarenta anos, falemos de um terceiro mais geral de que todos nós brasileiros lhes somos devedores: ele tem conseguido, graças a apostas belicosas e rancorosas, estabelecer não só a rivalidade entre vários bairros da cidade, mas também o dissídio entre as divisões políticas do Brasil. Haja vista o que se tem passado entre São Paulo e Rio de Janeiro e vice-versa, por causa do jogo de pontapés na bola.

O *football* é eminentemente um fator de dissensão. Agora mesmo, ele acaba de dar provas disso com a organização das turmas de jogadores que vão à Argentina atirar bolas com os pés, de cá para lá, em disputa internacional. O *Correio da Manhã*, no seu primeiro *suelto* de 17 de setembro, aludiu ao caso. Ei-lo:

O Sacro Colégio do *Football* reuniu-se em sessão secreta, para decidir se podiam ser levados a Buenos Aires, campeões que tivessem, nas veias, algum bocado de sangue negro – homens de cor, enfim.

A Igreja fazia, fez ou faz uma indagação semelhante que tinha o nome, se a minha ignorância não me trai, de processo de *puritate sanguinis*. Isto, porém, ela fazia para os candidatos a seu sacerdócio, - coisa extraordinariamente diversa de um simples habilidoso que sabe, com mestria e brutalidade, servir-se dos pés, como normalmente os homens fazem com as mãos, para jogar bolas de cá para lá, da esquerda para adiante, de trás para

frente e vice-versa. O sacerdote é o intermediário entre Deus e os homens; um futebolesco, o que é? Não sei.

O conchavo não chegou a um acordo e consultou o papa, no caso, o eminente senhor presidente da República. Sua Excelência que está habituado a resolver questões mais difíceis como sejam a cor das calças com que os convidados devem comparecer às recepções de palácio; as regras de precedência, que convém sejam observadas nos cumprimentos a pessoas reais e principescas, não teve dúvida em solucionar a grave questão. Foi sua resolução de que gente tão ordinária e comprometedora não devia figurar nas exportáveis turmas de jogadores; lá fora, acrescentou, não se precisava saber que tínhamos no Brasil semelhante esterco humano. É verdade, aduziu ainda, que os estrangeiros possuem os retratos dos nossos senadores, dos nossos deputados, dos nossos lentes e estudantes, dos nossos acadêmicos, etc., etc., mas são fatos domésticos com os quais nada têm a ver os estranhos; porém, fez Sua Excelência com ênfase, numa representação nacional, não é decente que tal gente figure. É verdade que o Senado, a Câmara são, mas... isso não vem ao caso.

Concordaram todos aqueles esforçados cavalheiros que trabalham “pedestrementemente” pela prosperidade intelectual e pela grandeza material do Brasil; e, como complemento da medida, decidiram nomear uma comissão de antropólogos para examinar os “Enviados Extraordinários e Ministros Plenipotenciários da Pátria”, ao certame de junta-pés, na República Argentina. Sabemos que de tal comissão fazem parte as grandes inteligências arianas e ilustres desconhecidos: Senhores Anastácio, Zebedeu Palhano e Juliano Qualquer, doutos todos em várias coisas e também deputados federais.

A providência, conquanto perspicazmente eugênica e científica, traz no seu bojo ofensa a uma fração muito importante, quase metade, da população do Brasil; deve naturalmente causar desgosto, mágoa e revolta; mas – o que se há de fazer? O papel do *football*, repito, é causar dissensões no seio da nossa vida nacional. É a sua alta função social.

O que me admira, é que os impostos, de cujo produto se tiram as gordas subvenções com que são aquinhoadas as sociedades futebolescas e seus tesoureiros infieis, não tragam também a tisona, o estigma de origem, pois uma grande parte deles é paga pela gente de cor. Os futeboleiros não deviam aceitar dinheiro que tivesse tão malsinada origem. Aceitam-no, entretanto, cheios de satisfação. Não foi à toa que Vespasiano disse a seu filho Tito que o dinheiro não tem cheiro.

Havia um remédio para resolver esse congesto estado de coisas: o governo retirava do doutor Belisário Pena as verbas com que ele socorre as pobres populações rurais, flageladas por avarias endêmicas que as dizimam ou as degradam; e punha-se à disposição do *football*.

Dava-se o seguinte: o *football* ficava mais rico e mais branco; e a gente de cor, de que se compõe, em geral, os socorridos por aquele doutor, acabava desaparecendo pela ação da malária, da opilação e outras moléstias de nomes complicados que não sei pronunciar e muito menos escrever.

O governo, precedendo assim, seria lógico consigo mesmo. Ilógico é querer conservar essa gente tão indecente e vexatória, dando-lhes médico e botica, para depois humilhá-la, como agora, em honra do *football* regenerador da raça brasileira, a começar pelos pés. “Ab Jove principium...”

Os maiores déspotas e os mais cruéis selvagens martirizam, torturam as suas vítimas; mas as matam afinal. Matem logo os de cor; e viva o *football*, que tem dado tantos homens eminentes ao Brasil! Viva!

P.S. – A nossa vingança é que os argentinos não distinguem, em nós, as cores; todos nós, para eles, somos *macaquitos*. A fim de que tal não continue seria hábil arrendar por qualquer preço, alguns ingleses que nos representassem nos encontros internacionais de *football*. Há toda a conveniência em experimentar. Dessa maneira, sim, deixávamos todos de ser *macaquitos*, aos olhos dos estranhos (BARRETO, Lima. *Toda Crônica/* apresentação e notas Beatriz Resende; organização Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004).

Enquanto os mineiros jogavam

Domingo, à tarde, na forma do antigo costume, eu ia ver os bichos do Parque Municipal (cansado de lidar com gente nos outros dias da semana), quando avistei grande multidão parada na avenida Afonso Pena. Meu primeiro pensamento foi continuar no bonde; o segundo foi descer e perguntar as causas da aglomeração. Desci, e soube que toda aquela gente estava acompanhando, pelo telefone, o jogo dos mineiros na capital do país. Onze mineiros batiam bola no Rio de Janeiro; dois mil mineiros escutavam, em Belo Horizonte, o eco longínquo dessa bola e experimentavam uma patriótica emoção.

Quando chegou a notícia da vitória dos nossos patrícios, depois de encerrado o expediente, isto é, depois de terminado o segundo tempo, vi, claramente visto, chapéus de palha que subiam para o ar e não voltavam, adjetivos que se chocavam no espaço com explosões inglesas de entusiasmo, botões que se desprendiam dos paletós, lenços que palpitavam como asas, enquanto gargantas enrouqueciam e outras perdiam o dom humano da palavra. Vi tudo isso e tive, não sei se inveja, se admiração ou se espanto pelos valentes chutadores de Minas, que surraram por 4 a 3 os bravos futebolistas fluminenses.

Não posso atinar bem como uma bola, jogada à distância, alcance tanta repercussão no centro de Minas. Que um indivíduo se eletrize diante da bola e do jogador, quando este joga bem, é coisa de fácil compreensão. Mas contemplar, pelo fio, a parábola que a esfera de couro traça no ar, o golpe do *center-half* investindo contra o zagueiro, a pegada soberba deste, e extasiar-se diante desses feitos, eis o que excede de muito a minha imaginação.

Para mim, o melhor jogador do mundo, chutando fora do meu campo de visão, deixa-me frio e silencioso.

Os meus patrícios, porém, rasgaram-se anteontem de gozo, imaginando os tiros de Nariz, e sentiram na espinha o frio clássico da emoção, quando o telefone anunciou que Carlos Brant, machucando-se no joelho, deixara o combate. Alguns pensaram em comprar iodo para o herói e outros gritavam para Carazzo que não chutasse fora. A centenas de quilômetros, eles assistiam ao jogo sem pagar entrada. E havia quem reclamasse contra o juiz, acusando-o de venal. Um sujeito puxou-me pelo paletó, indignado, e declarou-me: “O senhor está vendo que pouca-vergonha. Aquela penalidade de Evaristo não foi marcada”. Eu olhei para os lados, à procura de Evaristo e da penalidade; vi apenas a multidão de cabeças e de entusiasmos; e fugi (ANDRADE, Carlos Drummond. *Quando é dia de futebol!* pesquisa e seleção de textos Luis Mauricio Graña Drummond, Pedro Augusto Graña Drummond; posfácio Juca Kfourri. São Paulo: Companhia das Letras, 2014).

Celebremos

A vitória do selecionado brasileiro na Suécia foi perfeita. Jogadores e técnicos abriram uma reta entre o ceticismo irônico do começo e a pura alegria nacional de domingo. Uma campanha metódica e segura fez o milagre. Quando partiram daqui, quem esperava a taça do mundo? Mas à proporção que se desenrolavam as partidas, um número cada vez maior de pessoas indiferentes a esporte se ia identificando com a sorte deles, sentindo-se transportadas ao local da peleja e dela participantes, e no fim a confiança era tamanha que já não se afetaria com um mau resultado. Se perdêssemos, seria terrível, mas isso não abalaria a fé nos atletas, teria sido uma derrota individual nossa, imposta pelo capricho das coisas, injusta sem humilhação.

Não me venham insinuar que o futebol é o único motivo nacional de euforia e que com ele nos consolamos da ineficiência ou da inaptidão nos setores práticos. Essa vitória no estádio tem precisamente o encanto de abrir os olhos de muita gente para as discutidas e negadas capacidades brasileiras de organização, de persistência, de resistência, de espírito associativo e de técnica. Indica valores morais e eugênicos, saúde de corpo e de espírito, poder de adaptação e de superação. Não se trata de esconder nossas carências, mas de mostrar como vêm sendo corrigidas, como se temperam com virtualidades que a educação irá desvendando, e de assinalar o avanço imenso que nossa gente vai alcançando na descoberta de si mesma.

Esses rapazes, em sua mistura de sangues e de áreas culturais, exprimem uma realidade humana e social que há trinta anos oferecia padrões menos lisonjeiros. Do Jeca Tatu de Monteiro Lobato ao esperto Garrincha e a esse fabuloso menino Pelé, o homem humilde do Brasil se libertou de muitas tristezas. Já tem caminhos abertos à sua frente e já sabe abri-los, por conta própria, quando não é assistido pelos serviços oficiais ou de classe a que cumpre melhorar as condições de vida coletiva. O futebol trouxe ao proletário urbano e rural a chave ao autoconhecimento, habilitando-o a uma ascensão a que o simples trabalho não dera ensejo.

Mas agora, vemos o futebol operando ou espelhando ainda maiores transformações, pois a conquista do campeonato mundial demonstrou a meu ver um maior entrosamento de forças sociais, a máquina burocrática do esporte deixando de operar suas porcas e parafusos de intriga, ambição e politicagem; consciência mais funda dos dirigentes; carta branca aos peritos para os trabalhos de formação e aprimoramento da equipe; e a contenção geral para evitar desbordamentos emocionais prévios, comprometedores do equilíbrio psíquico dos esportistas. Tudo isso, em termos de educação nacional, é confortador, e permite alongar a vista para mais longe do campo de jogo, dá à gente um certo prazer matinal de ser brasileiro, menos por haver conquistado a Taça Jules Rimet do que por havê-la merecido. Prazer límpido, sem xenofobia: é justamente por nos sentirmos iguais a outros povos capazes de vencer campeonato que nos despimos de pretensões de superioridade ou domínio político.

No mais, é celebrar como começamos a fazer ao primeiro gol e não sei quando acabaremos, que isso de sofrer rente ao rádio, vezes e vezes repetidas, embora de coração esperançoso ou por isso mesmo, exige expansão compensadora e farta, ai meu Deus, minha Nossa Senhora da Cancha, meu Senhor Bom Jesus do Tiro em Meta! Como deixar de lançar papeizinhos ao ar, sujando a cidade mas engrinaldando a alma, e de estourar bombas da mais pura felicidade e glória, mesmo que arrebenemos os próprios tímpanos, se não há jeito de reprimir a onda violenta de alegria que se alça até nos mais ignorantes do futebol, criando esse calor, essa luz de unanimidade boa, de amor coletivo, de gratidão à vida, que hoje nos irmana a todos? (ANDRADE, Carlos Drummond. *Quando é dia de futebol*// pesquisa e seleção de textos Luis Mauricio Graña Drummond, Pedro Augusto Graña Drummond; posfácio Juca Kfourri. São Paulo: Companhia das Letras, 2014)

Situações

Bem, não pretendo estabelecer qualquer comparação, mas dias depois, no palanque armado para receber os campeões do mundo, nosso atual presidente, visivelmente satisfeito, mostrava, sem embargo disso, uma ponta de inquietação, que me intrigou. Parecia estar e não estar ali, com um olho na multidão e outro na reforma do ministério. Dirigia a vista para um e outro lado, à procura do homem ou dos homens providenciais que lhe formassem uma grande equipe, do valor daquela que vencera no futebol, mas Garrincha e Vavá para a Agricultura e o Trabalho, isso não havia. Terá pensado um instante em convidar o próprio Vavá e o próprio Garrincha para essas pastas, mas será que eles aceitariam? Na dúvida, o presidente empunhava a Taça Jules Rimet ou deixava-a sobre o parapeito, não avaliando bem a preciosidade do troféu. Mas João Havelange, inquieto por sua vez, não com o destino do Brasil, e sim da taça, segurava-a de lado, e às vezes procurava erguê-la perante a multidão fascinada. Juscelino puxava para a esquerda, Havelange para a direita: um para baixo, outro para cima; e eu via a hora em que a taça caía, e era um problema internacional a mais, a ser resolvido de saída pelo novo ministro Negrão de Lima: quem pegou o troféu no meio do povo e o incorporou, já meio amassado mas reluzente de ouro e glória, ao seu acervo particular? Felizmente a bela copa não chegou a cair; esteve quase; Havelange, Paulo de Carvalho e Bellini souberam defendê-la. Mas o presidente, do alto do seu palanque, estava meio dispersivo e aéreo. Não era de todo feliz, como Dutra entre os filósofos, na livraria de dona Vanna (ANDRADE, Carlos Drummond. *Quando é dia de futebol/* pesquisa e seleção de textos Luis Mauricio Graña Drummond, Pedro Augusto Graña Drummond; posfácio Juca Kfourri. São Paulo: Companhia das Letras, 2014).

Um corintiano foi falar com Deus: Olegário morreu suspirando por Baltazar

Fazia muito tempo que Seu Olegário não ía a campo de futebol. Tudo porque há muito tempo o Corinthians não lhe dava alegria. Não era o Corinthians de Cláudio, Gilmar, Luizinho, Baltazar, Idário, Carbone, Homero e outros jogadores, capazes de morder a bola, solar o chute dos inimigos com a cabeça, morrer pelo Corinthians. Fazia muito tempo que o Seu Olegário não ía a campo. Porém (e sempre tem um porém), quando o Corinthians ganhou do Internacional de Porto Alegre, o Seu Olegário voltou a acreditar. Pombas, o Inter é o melhor time do Brasil! E o Corinthians ganhou na raça, ganhou porque teve vontade de ganhar, porque seus jogadores tiveram vergonha na cara, honraram a gloriosa camisa que Jaú, Brandão, Dino, Jango, Servílio e tantos outros honraram no passado. Aí, Seu Olegário se ligou outra vez no futebol. Foi assim como quem não quer nada assistir a um treino no Parque São Jorge. Acompanhou pelo radinho a vitória do Coringão no Recife. E quando a cidade se embandeirou pra ir ao Rio de Janeiro empurrar o Corinthians em cima do Fluminense no Maracanã, lá estava Seu Olegário. Não deu trela pra mulher que lhe disse que ele não estava mais em idade pra se meter nesses pacodes. Nem escutou o filho médico, que recomendou cuidado com o coração. Nada tirou seu Olegário da onda. Ele, no sábado à noite, tomou uma cervejinha, se enfiou num ônibus e se mandou pro Rio de Janeiro. A viagem não foi sopa. Ninguém dormiu. Toda a curriola foi berrando durante o percurso, o Hino do Corinthians. E Seu Olegário também. Chegaram ao Rio de Janeiro nas primeiras horas da matina. Tocaram pra praia. Desfilaram à pé, abanando bandeira. E Seu Olegário firme. Tomou cerveja, destilou no suor e, sem comer, sem descansar, se mandou pro Maracanã, participou de um pega-para-ralar com a torcida do Fluminense, bateu, apanhou, e entrou no estádio cantando o Hino do Alvinegro.

Quando seu time entrou em campo, ele vibrou, berrou com todas as forças do seu pulmão. Só sossegou quando entraram os cariocas. Aí, sentiu o braço meio dormente, a cabeça pesada, as pernas meio bambas, um aperto no peito. Mas reagiu. E sem arredar pé, foi assistindo ao jogo. De repente, uma bola boba foi chutada pra área, e o pé de um inimigo desviou. Um a zero pro Flu. A massa corintiana ficou jururu.

Seu Olegário começou a suar frio, sentou-se no meio da torcida, que continuava em pé. Ninguém ligou pra ele. E sua vista foi escurecendo, a cabeça começou a girar, a girar, a girar, e uma bola a girar, a girar, a girar, e atrás da bola Brandão, Servílio, Luizinho, Russo, Jaú, Del Débio, De Maria, Neco, Cláudio, Baltazar, Zé Maria, Simão, Tuffi, Gilmar, Bino faziam defesas maravilhosas; Agostinho e Idário, Hélio e Aleixo, Palmer e Wladimir, Goiano passava pra Vaguinho e Geraldão e Baltazar, e sobe o Cabecinha e é um a zero no placar. E todos eram Baltazar, corriam, driblavam, centravam, cabeceavam, milhares de Baltazar. E a multidão de repente explodiu. Mil e uma bandeiras alvinegras se agitaram: Gol! Gol! Seu Olegário, com o barulho, despertou. Quis se levantar. Não pôde. Com esforço, puxou um torcedor pelo braço. Quando o cara olhou, Seu Olegário, com voz fraca, murmurou:

- Que foi?

O torcedor, espumando de alegria, berrou:

- Tá um a um! Tá um a um! Agora a gente ferra eles.

De felicidade, Seu Olegário sorriu. Tentou perguntar

- Foi o Baltazar?

Mas a voz saiu tão fraca, que ninguém pôde ouvir. Seu Olegário não insistiu. Ficou em pé, foi se esgueirando por entre a torcida, saiu do estádio, andou à esmo. Num canto de rua, se arreou. Fechou os olhos, viu Idário, Del Débio, Neco, Luizinho, Cláudio, Jaú, Brandão, Vaguinho, Russo, Moisés, Carbone e uma porção de Baltazar. Baltazar driblando, centrando, cabeceando pra gol. Longe, muito longe, Seu Olegário escutava a torcida:

- Coríntians! Coríntians! Coríntians!

Seu Olegário sorriu. E pro Seu Olegário se fez silêncio pra sempre (MARCOS, Plínio. Um corintiano foi falar com Deus: Olegário morreu suspirando por Baltazar. *Movimento*. São Paulo. 13 de dezembro de 1976. p. 4. Impresso).

Meia volta, volver

Olho a seleção brasileira de futebol dando vexame na Argentina, depois de ter sido gasto uma fortuna em treinos, alojamentos, viagens, comida, aparelhos, filmes, eslaides, salários milionários, mordomias absurdas com cartolas amigos do Almirante Heleno Nunes, e me ponho a pensar que toda essa mistificação é fruto do ensino elitista que a rapaziada aprende nas faculdades do nosso país.

Me explico. O Cláudio Coutinho é fruto da faculdade de educação física. Ele e sua comissão técnica. Lá, eles receberam rudimentos de cultura erudita e estudaram toda as teorias existentes sobre futebol. Aí, se sentiram formados. Fizeram rápidos estágios e entraram na vida profissional. Com pistolões, padrinhos influentes, arrumaram os melhores empregos. E naturalmente foram aplicar o que aprenderam.

O Coutinho reuniu os jogadores por ele selecionados e, apoiando nas suas teorias, riscou táticas e esquemas no quadro negro e foi dando explicações. Porém (e sempre tem porém), o treinador que fala cinco ou seis idiomas não fala a língua do povo brasileiro. O Coutinho falava e os jogadores não conseguiam entender o que ele queria. Mas, os rudimentos de cultura erudita do treinamento impediam que ele percebesse isso. Para ele, tudo era evidente. Dava a ginástica que fez Bekenbauer campeão do mundo, as táticas inglesas e usava o processo de riscar o campo com flechinhas, como um grande mestre inglês, e o resultado poderia ser um só: o título mundial.

O Bekenbauer, desde que nasceu, foi tratado com gemada de ovo de avestruz, salsichão de carne de búfalo e mingau de aveia. Vai daí que a ginástica que ele faz não pode ser feita por um garoto que nasceu nas favelas brasileiras e só comeu, até ser contratado por um clube, ferrão de caranguejo que apanhou no mangue onde também pegou sem querer mil e um vermes. E a ginástica dos membros da Comissão Técnica do Cláudio Coutinho foi sendo ministrada e nossos jogadores foram se estourando. Amaral, Gil, Reinaldo, Zé Maria, Nunes, Rivelino, em vez de ficarem cada vez mais fortalecidos, ficavam contundidos. E todos íam tendo suas cargas musculares aumentadas tanto e em tão pouco tempo, que perdiam a agilidade e a habilidade. E as táticas que lhes eram ministradas em monótonas aulas, íam na mesma medida em que a ginástica estraçalhava seus músculos, estraçalhando sua imaginação. Na ânsia de se aplicar taticamente dentro dos esquemas táticos, o nosso jogador se inibia em se manifestar espontaneamente. Aí, o jogador foi desvinculado do seu talento inato e sucumbindo no sufoco da cultura erudita que os sábios doutores saídos da faculdade lhes impunham.

Isso tudo, acrescentado ao regime autoritário imposto pelos diretores do selecionado, onde a mínima discordância dos métodos empregados pela comissão técnica era considerada contestação, fez com que os jogadores se transformassem em meras massas de manobras de técnicos frios que baniam do selecionado quem não entendesse suas teorias que, no entendimento deles, lhes dariam o título.

O resultado dessa distorção toda está se vendo lá na Argentina. Nossos jogadores impedidos de se manifestarem querendo aplicar táticas que não assimilam direito, se tornam ridículos robôs sem imaginação. Vagam pelo campo apáticos, acovardados. Estão desvinculados da sua cultura e não sabem como proceder.

Lembro-me agora do pedreiro do metrô carioca que certa manhã advertiu o engenheiro que o concreto estava estalando e que portanto a obra ia cair. Foi despedido. De tarde, no mesmo dia, a obra caiu. O engenheiro não podia aceitar que aquele homem que não foi na faculdade soubesse mais do que ele. Assim como o engenheiro é o Cláudio Coutinho. Ele estudou futebol nos livros e não admite que o jogador que mal sabe ler e assinar o nome saiba mais do que ele. Assim são todos os estudantes brasileiros. Eles só reconhecem a cultura erudita. Não aceitam a cultura popular. Vivem no tempo de estudantes trancados nas faculdades e, quando chegam na vida profissional, não sabem se comunicar com seu povo.

O exemplo do Coutinho está aí mesmo para quem quiser ver ou puder ver. Aluno exemplar que foi o dia inteiro na escola falando com mestres e colegas nos termos dos livros e em vários idiomas. Agora dá brilhantes entrevistas em qualquer lugar do mundo, mas não consegue se comunicar com seus comandados.

Por essas e outras é que se diz que o estudante brasileiro deve com urgência sair de dentro da faculdade e ir conviver com o povão. Conviver e não ir querer ser o mestre. Apenas conviver com o povão para aprender pelo menos sua linguagem, para servi-lo. Pelo menos para entender que esse povão tem sua cultura, tem uma arte que tem que ser respeitada e preservada para que ele, povão, recupere sua dignidade e possa participar da sua história e influir no próprio destino.

O jogador brasileiro que está disputando a Copa do Mundo está impedido de se manifestar espontaneamente. Isso porque a comissão técnica não respeita e não admite sua sabedoria popular. E se nós não respeitarmos integralmente uma pessoa, não podemos amá-la. E se Coutinho não ama seus jogadores, não consegue o mínimo para o êxito de uma equipe que é a união de seus componentes.

A seleção da C.B.D. 78 é o reflexo do Brasil de hoje, envolvido no obscurantismo de um regime autoritário e de técnicas desprovidas de humanismo (MARCOS, Plínio. Meia volta, volver. *Movimento*. São Paulo. 12 de junho de 1978. p. 9. Impresso).

Alguém esperava esporte limpo?

Neste ano da graça de 1978, quando a seleção brasileira de futebol perdeu a Copa do Mundo por pura incompetência dos dirigentes, não foram os aspectos técnicos desse esporte que suscitaram os maiores debates e que ganharam o maior destaque nas páginas dos jornais. Aliás, os aspectos técnicos do futebol ficaram, a bem da verdade, nem plano bem inferior no noticiário esportivo, que quase foi transformado em seção de ocorrências policiais, tantas e tantas foram as trampolinagens que envolveram os cartolas da C.B.D., das federações e dos clubes.

Os trambiques dos dirigentes esportivos nesse ano de 1978 assombraram até nego de patuá forte. Em qualquer país pouca coisa civilizado, muito cartola teria ido pra cadeia. Porém (e sempre tem um porém), num país como o Brasil, onde o governador biônico para São Paulo, o Salim Maluf, está envolvido no escândalo Lutfala e vai tomar posse assim mesmo, não se poderia esperar que houvesse moralidade no esporte. No esporte, além das mutretas retumbantes como agressões físicas, desfalques, desvio de rendas dos jogos, uso de drogas, subornos, ocultação de prova, mordomias faraônicas, tráfico de influências, politicagem do mais baixo nível, os cartolas tiveram a oportunidade de provar mil e uma vezes sua falta de preparo para dirigirem até timeco de esquina, desses que jogam em campinho de beira de vala ou de alto de pirambeira. Foi comum cartola vir a público querendo alunar campeonato, alegando que não conhecia o regulamento que assinou sem ler. Foi comum ver cartola posudo ser passado pra trás por qualquer beduíno que se apresentasse dizendo ser dono de poço de petróleo. Com cheque sem fundo, comprava craques, dos chamados clubes grandes, que por sinal andam à beira da falência devido às más administrações.

Mas, o que se poderia esperar de dirigentes de um país que sufoca a inteligência com brutais atos de exceção, ou (como a partir deste ano de 1979) com uma lei de segurança nacional que na verdade deixa inseguro o povo? Nada. Os detentores do poder passaram, prenderam, mataram, exilaram, esmagaram, com sua censura policial, as inteligências mais vivas do Brasil. O resultado é esse aí. Ficaram rodeados, os detentores do poder, por tecnocratas, burocratas, corruptos, sabujos e incompetentes. No futebol, não deu outra coisa. E o resultado só poderia ser o caos. Com eles mesmo dando trombadas neles, pedindo intervenção nas federações, se acusando de trampolineiros e corruptos. O futebol reflete a imagem deste governo que finda. E vai continuar refletindo a do governo que vai começar. É bem como diz Mestre Zagaia, velho cabo-de-esquerda que navegou sem bandeira pelas sete águas barrentas e sempre remando contra a maré: “As moscas mudam. Mas o cocô continua o mesmo”.

E se Mestre Zagaia diz, é porque é. Está aí mesmo o Botafogo do Rio de Janeiro para não deixar ninguém desmentir. O clube da estrela solitária é dirigido atualmente por um truculento fanático de pouca visão, o ex-policial Borer. Como não podia deixar de ser, essa criatura deixou os salários dos jogadores atrasarem, obrigou seu time a fazer excursões dignas de mafuás caça-níquel, ameaçou denunciar os jogadores que reclamaram das suas arbitrariedades para o SNI e enquadrá-los na Lei de Segurança Nacional. Fez tudo isso após o time ter feito cinquenta e poucas partidas invictas. Daí, é

natural que, assustados e constrangidos, os jogadores caíssem de produção. A torcida, sempre lesada, cansada de berrar da geral sem nunca influir no resultado, como não podia deixar de ser, vaiou. Foi bastante para Borer, sem nenhuma originalidade, culpar o técnico e os jogadores e até o dirigente esportivo. Sem nenhum respeito pelo ser humano, dispensou técnico, diretor de futebol e botou os jogadores à venda. Reuniu a imprensa e anunciou que ia iniciar uma renovação. Apresentou um novo diretor esportivo a quem chamou de jovem só porque o bruto tinha pouca idade.

O povo só paga

Acontece que, em ambiente autoritário, onde os jogadores são prepotentes e medíocres, só a mediocridade viceja. Sai um tacanho, entra outro tacanho. No Botafogo, foi nomeado um velho de pouca idade para o cargo de diretor de futebol. E ele, provando que quem sai aos seus não degenera, já nasceu com bolor, ranço e tudo o mais que caracteriza os anciões de cachola. Veio cheio de pompa. Foi logo alardeando que ía ter uma conversa com os craques que ía dispensar. E um dos primeiros a ser chamado para papear com o velho de pouca idade foi o Admir Vicente.

A imprensa, depois dessa conversa, quis saber do jogador o que ele ouviu do diretor de futebol. As razões que o bruto deu para a dispensa dele. E o Admir Vicente, sem acanhamento, contou tudo. Eu li no *Jornal do Brasil*.

Disse o Admir Vicente que o diretor de futebol foi logo elogiando seu alto nível intelectual, para em seguida afirmar que era devido a isso que ele ia ter seu passe colocado à venda. O Botafogo pretendia promover vários juvenis e não poderia ter no elenco um jogador experiente como ele, Admir, que soubesse expor e defender tão bem suas ideias.

E é isso aí. Os dirigentes esportivos do Brasil atual (quase todos da Arena, como convém aos oportunistas) são contra a inteligência. Consideram defeito grave. Má influência. Eles preferem lidar com jogadores que não pensem e se rodearem de auxiliares de pouca visão. Esse critério começa na própria C.B.D., onde o cartolão-mor, Almirante Heleno Nunes, também dirigente da Arena, vive cercado de sabujos que (o que é mais grave) se deixam envolver pelos elitistas e tecnocratas saídos das faculdades de educação física. Gente como o Cláudio Coutinho, que mal assimila as teorias que decora, se vangloria de ser poliglota mas não sabe falar a língua do povo brasileiro, a do jogador brasileiro, nem aplicar na realidade brasileira a cultura erudita que diz possuir.

Esses são alguns fatores que estão levando o futebol brasileiro, futebol tão glorioso, que já foi tricampeão mundial, ao descrédito, à falência. Os dirigentes incompetentes e corruptos são os responsáveis, igualzinho ao que está acontecendo em outros setores da vida nacional. No futebol, o torcedor só tem direito a pagar ingresso cada vez mais caro. Na vida nacional, o povo só tem direito a pagar impostos cada vez mais exorbitantes (MARCOS, Plínio. Alguém esperava esporte limpo? *Movimento*. São Paulo. 7 de janeiro de 1979. p. 18. Impresso).